

ADRIELSON ACÁCIO DE LIMA BARBOSA

**A CONSTRUÇÃO DE SABERES NA TRAJETÓRIA DE ANIMADORES DE
EVENTOS INFANTIS EM BELÉM DO PARÁ**

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais
2020

ADRIELSON ACÁCIO DE LIMA BARBOSA

**A CONSTRUÇÃO DE SABERES NA TRAJETÓRIA DE ANIMADORES DE
EVENTOS INFANTIS EM BELÉM DO PARÁ**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos do Lazer do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lazer.

Linha de pesquisa: Formação, Atuação e Políticas do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama.

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais
2020

B238c Barbosa, Adrielson Acácio de Lima
2020 A construção de saberes na trajetória de animadores de eventos infantis em Belém do Pará. [manuscrito] / Adrielson Acácio de Lima Barbosa – 2020.
143 f., enc.: il.

Orientador: Hélder Ferreira Isayama

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 134-143

&!Lazer – Teses. 2. Eventos – Teses. 3. Belém (PA) – Teses. I. Isayama, Hélder Ferreira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: nº 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



ATA DA 159ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ADRIELSON ACÁCIO DE LIMA BARBOSA

Às 14h00min do dia 30 de julho de 2020 reuniu-se de forma virtual (via videoconferência pela plataforma “google meet”) a Comissão Examinadora de dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “*A CONSTRUÇÃO DE SABERES NA TRAJETÓRIA DE ANIMADORES DE EVENTOS INFANTIS EM BELÉM DO PARÁ*”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama (Orientador)	X	
Profa. Dra. Ana Claudia Porfirio Couto (UFMG)	X	
Profa. Dra. C�athia Alves (IFSP)	X	

Após as indica es o candidato foi considerado: *Aprovado*

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 30 de julho de 2020.

Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama 

Profa. Dra. Ana Claudia Porfirio Couto 

Profa. Dra. C athia Alves 

*Dedico esta dissertação a todas as pessoas que
não tiveram oportunidade de estudar*

AGRADECIMENTOS

Estou aqui para agradecer, com leveza e satisfação,
a todos os envolvidos em minha dissertação.

A Deus, que deu a força que descobri que tinha;
a seu filho, Jesus Cristo, e à Virgem Maria!

A toda a minha família, de sangue e de coração,
por estarem aqui comigo na alegria e na aflição.

Dos meus amigos eu não posso esquecer,
tem gente que começa com A, tem gente que começa com Z...

A todos os colegas
dos serviços de animação,
por me estimularem a estudar
e lutar pela profissão.

A todas as crianças
de cada evento que na vida animei.
Se hoje estou aqui,
é por causa de vocês.

À UFMG e ao “Lazer”,
por me receberem na pós-graduação,
tão importantes quanto
a querida UFPA e o seu forró do Vadião.

Aos membros da banca de defesa e de qualificação,
por fazerem parte desse processo de construção.

E ao meu paciente orientador
deixo o costumeiro “muito obrigado, professor!”

Geralmente os pais querem que a gente seja doutor, advogado, médico, querem que a gente seja um militar... Eu nunca canalizei para isso. Eu sempre gostei dessa veia artística, de entreter as pessoas, de animar.

(Artur Neves)

RESUMO

Este estudo trata-se de um levantamento acerca dos saberes constituídos na trajetória dos animadores infantis de Belém-PA e teve como objetivos: identificar os profissionais que atuam no campo; analisar quais são os saberes e onde foram mobilizados para esta prática profissional; identificar as trajetórias dos sujeitos a partir do contexto social, bem como grupos de referência ou pessoas que marcaram esse desenvolvimento; e compreender que pessoas, instituições e espaços foram importantes para a construção dos saberes mobilizados em sua atuação. A metodologia utilizada foi baseada em pesquisas bibliográfica e de campo. Houve aplicação de entrevista semiestruturada a 15 animadores de eventos infantis em Belém do Pará; foram entrevistados sete mulheres e oito homens, com média de idade de 41,2 anos, de modo que o mais velho possui 64 anos e o mais novo, 30 anos. O tempo dedicado à carreira varia entre 10 e 38 anos, havendo em média 18 anos de atuação. A formação escolar dos entrevistados é diversificada, variando entre ensino médio incompleto e pós-graduação *lato sensu*. Os dados foram tratados através da metodologia de análise de conteúdo, e como resultado identificou-se que os saberes mobilizados para a prática profissional estão ligados tanto ao domínio de conteúdos (saber envolver o público com a brincadeira e com a contação de histórias), quanto à postura profissional necessária para prática de animação de eventos (buscar atualização profissional, possuir planejamento e capacidade de solucionar adversidades, ter uma boa comunicação, ter condutas éticas, gostar de crianças e as respeitar, ter automotivação, alegria e animação). Os contextos em que esses saberes foram construídos são variados e contemplam as vivências lúdicas na infância, o contato com práticas culturais, como o esporte, a dança e o teatro, além das experiências laborais e dos momentos de lazer. Entre as instituições que influenciaram essa formação, estão os estabelecimentos de ensino, a igreja e escolas de arte; já as pessoas importantes para essa trajetória são familiares, professores, palestrantes, animadores de televisão, colegas de profissão em outros segmentos do lazer e outros animadores que contribuíram para a elaboração do conteúdo de suas animações e no aprimoramento de suas habilidades pessoais de interpretação e de gestão dos trabalhos. Entre os grupos de referência para os sujeitos pesquisados, estão coletivos de artistas que inspiraram o trabalho dos animadores, tal qual os grupos voltados para práticas esportivas, dança e teatro dos quais participaram.

Palavras-Chave: Lazer. Formação e Atuação Profissional. Construção de Saberes. Animadores de eventos infantis.

ABSTRACT

The research presents a summary on recreation entertainers' knowledge constitution as they developed their careers in Belém-PA. Its objectives are to identify professionals working in the field; to analyze their knowledge and where it has been applied towards such a professional practice; to identify the subjects' trajectories in relation to their social context, as well as to remarkable reference groups and people; and to understand which people, institutions and spaces were important for the applied knowledge constructed in their activity. The chosen methodology consists of bibliographical and field research. A total of 15 recreation entertainers from Belém-PA were part of semi-structured interviews. The interviewees were 7 women, 8 men, with an average age of 41,2 years old, the oldest one being 64 years old, and the youngest being 30. The time devoted to their career varies between 10 and 38 years, with an average of 18 year of professional activity. Their educational background is diverse, encompassing incomplete secondary education as well as *lato sensu* graduate courses. Data has been treated through content analysis, and results have allowed to identify how the applied knowledge is intertwined with content mastery regarding the process of knowing how to engage with the public while playing and telling stories, as much as with professional attitude necessary to their recreation practice in events. As examples of the latter, there are search for professional upgrades, planning and ability to solve problems, good communication, ethical conduct, the fact of liking and respecting children, self-motivation, and a happy and cheery attitude. Contexts in which the accumulated knowledge have been constituted are various and encompass ludic childhood experiences, contact with cultural practices such as sports, dance, and theater, also labor experiences and leisure moments. Among the institutions that influenced their background there are educational establishments, church, and art schools. As to the people who were relevant to the subjects' trajectory there are relatives, teachers, lecturers, television entertainers, professional colleagues in other fields of leisure, and other entertainers who helped them preparing their content and improving their personal skills of interpretation and work management. Among the reference groups, there are artists collectives that inspire the recreation entertainers, such as groups oriented to sports practices, dance and theater, in which the subjects took part.

Keywords: Leisure. Professional background and activity. Knowledge construction. Recreation entertainers.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Amostragem dos recreadores no Brasil.....	37
Tabela 2 - Grau de instrução dos animadores entrevistados.....	80
Tabela 3 - Trabalho infantil e Inserção profissional.....	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Saberes operacionalizados no lazer	70
Quadro 2 - Contribuições das experiências laborais fora do segmento da animação de festa	115
Quadro 3 - Conhecimentos necessários para a atuação relacionados ao domínio técnico de linguagens artísticas que os animadores sentem falta	122
Quadro 4 - Conhecimentos necessários para a atuação que os animadores sentem falta relacionado ao domínio de saberes oriundos de formação específica em lazer - educação ...	126

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Percurso metodológico	20
2	ASPECTOS SOBRE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM LAZER	27
2.1	Profissionais do lazer e suas interfaces com o campo da cultura	27
2.2	Possibilidades de formação profissional em lazer.....	31
2.3	O animador de eventos infantis profissional.....	42
3	EXPERIÊNCIA E MOBILIZAÇÃO DE SABERES NO ÂMBITO DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL	52
3.1	A Ideia de Experiência na Construção de Saberes	52
3.2	A origem dos estudos sobre saberes	57
3.3	O que dizem estudos sobre os saberes?.....	62
3.4	As pesquisas sobre os saberes no contexto da atuação profissional em lazer	66
4	TRAJETÓRIA E CONSTRUÇÃO DE SABERES DOS ANIMADORES DE EVENTOS INFANTIS DE BELÉM DO PARÁ	71
4.1	O sentido da animação infantil em Belém: breve diálogo entre dados históricos e a fala dos animadores de eventos dos entrevistados	72
4.2	Categoria de análise 1: Sujeitos, Processos Formativos e Construção de Saberes	76
4.2.1	Saberes oriundos de experiências profissionais fora do segmento de animação de eventos infantis	76
4.2.2	Escolaridade dos sujeitos	79
4.2.3	A infância e a juventude: o que aprenderam e mobilizaram em sua atuação profissional nessa fase da vida.....	85
4.2.4	A entrada no campo da animação	90
4.2.5	A relação dos sujeitos com instituições, grupos e pessoas	99
4.3	Categoria de análise 2: As Vivências de Lazer e a Possibilidade de Construção de Saberes	107
4.4	Categoria de análise 3: A intervenção profissional como lócus da Produção de Saberes	111
4.4.1	Saberes oriundos de experiências profissionais fora do segmento de animação de eventos infantis	112

4.4.2	Competências e Habilidades identificadas pelos sujeitos para atuar na função de animadores de eventos	115
4.4.3	Conhecimentos que os sujeitos sentem falta para a atuação como animação de eventos	122
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
	REFERÊNCIAS.....	134
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	140
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	142

1 INTRODUÇÃO

O cenário deste estudo é Belém do Pará, uma das capitais dos sete Estados do Norte do Brasil e que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, é a 11ª capital mais populosa do país com seus 1.393,399 (um milhão trezentos e noventa e três mil, trezentos e noventa e nove) habitantes. Foi fundada em 12 de janeiro de 1616, tem 71 bairros distribuídos em sua porção continental e nas 42 ilhas de responsabilidade do município. É também o lugar onde nasci, estudei e me tornei animador de eventos cuja trajetória compartilho brevemente nessa introdução, relatando momentos e instituições importantes para a minha constituição profissional e as motivações para pesquisar a trajetória dos colegas animadores atuantes nesta cidade.

Meu interesse pela animação de eventos inicia aos 12 anos de idade, quando ingressei nas oficinas de iniciação artística da Fundação Curro Velho (FCV)² e, a partir da vivência no teatro, tive contato com jogos cênicos de criatividade, improvisação e consciência social. Nos anos posteriores, ainda na condição de aluno da Fundação, ministrei oficinas de iniciação artística em projetos sociais dentro e fora de minha comunidade e este estímulo foi decisivo para que percebesse minha vontade de atuar com o público infantil. No final de 2003, inspirado pelo trabalho de um colega da FCV, o Palhaço Tucupí, e encorajado por uma amiga, iniciei minha carreira de animador de eventos aos quinze anos de idade com um figurino improvisado e codinome de Palhaço Broquinha.

Comecei a minha atuação em festas da família e vizinhos e sem muitos referenciais; os conteúdos que desenvolvia como animador de eventos eram os jogos que aprendi na iniciação artística, brincadeiras da televisão e atividades que outros animadores realizavam nas festas de aniversário relatadas por meus amigos de escola. Comer fio, pata-cega, boca de forno, estoura balão, imitações, concurso de grito, trava-língua e sorteios diversos eram as atividades que compunham meu repertório no começo da carreira. Com o passar do tempo aprimorei habilidades de interação com o público, conhecendo melhor os tipos de estímulos para participação dos convidados, brincadeiras compatíveis com as diferentes faixas etárias, além da sensibilidade de percepção se as atividades agradavam ou não aos participantes do evento.

¹ Dados referentes ao Censo 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020a).

² Hoje a Fundação Curro Velho recebe a denominação de Oficinas Curro Velho e está vinculada à Fundação Cultural do Pará (FCP) e continua com o trabalho de fomento ao ensino-aprendizagem de artes com crianças, jovens e adultos que realiza desde 1991. No decorrer da análise de dados retomarei o trabalho do Curro Velho para a cena artística local (PARÁ, [20--]).

Em minha formação acadêmica tive acesso a conhecimentos que também foram importantes para a prática de animador. Na graduação em Publicidade e Propaganda, concluída em 2013, tive contato com exercícios de criatividade e produção de conteúdo para diversas plataformas midiáticas. Isso me estimulou a elaborar atividades com formatos inovadores³ diferentes daquelas que desenvolvia até então nas animações de eventos, por exemplo: bingos personalizados, prova surpresa sobre o aniversariante, entre outras brincadeiras customizadas. Além disso, trouxe saberes do *marketing* para a administração de minha empresa.

Busquei também agregar ao currículo de graduação em Comunicação Social diferentes tipos de conhecimentos ligados a temática da cultura e, por curiosidade, cursei as disciplinas de Cultura Brasileira, Culturas Hispanófonas, Produção Cultural, Planejamento de Eventos, além de me engajar em projetos de pesquisa e extensão de mapeamento e resgate cultural. Essa imersão nos campos da comunicação e da cultura se refletiu em meu trabalho como animador. O processo criativo estimulado em minha iniciação teatral na Fundação Curro Velho, aprimorado em minha formação acadêmica e sensibilizado em minha vivência no movimento cultural fez com que eu buscasse diversificar os conteúdos de meus serviços de animação de eventos. Por exemplo, eu enxergava as brincadeiras de festa como vivências que poderiam ser desconstruídas, ressignificadas e estimuladoras de um contato com a diversidade cultural.

Por fim, após a graduação, passei alguns anos atuando como educador social em algumas Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) de Belém, nas quais desenvolvi atividades formativas ligadas à comunicação e à cultura para o público infanto-juvenil. Também tive algumas experiências temporárias como animador no Serviço Social do Comércio (SESC), desenvolvendo atividades de lazer com os comerciários e suas famílias. Em especial, a experiência no SESC provocou-me o interesse de refletir sobre a formação e atuação profissional dos animadores de eventos, pois em uma mesma equipe de trabalho haviam pessoas com perfis diversos.

Ser animador de eventos atuante no Pará me permite lugar de fala para problematizar questões ligadas a esta categoria laboral e à minha região que talvez não fossem tão evidentes se eu atuasse em outra profissão ou habitasse em outro lugar. Dessa maneira, preocupo-me em compreender a formação e atuação profissional dos sujeitos que desenvolvem serviços de animação de eventos infantis através da motivação para a brincadeira e interação lúdica com o mundo. Os setores nos quais estes sujeitos realizam suas práticas laborais são privado, público

³ Ao me referir à ideia de inovação eu afirmo que se tratavam de atividades que pudessem surpreender as pessoas, fazendo-as sair do que é previsível em um evento infantil, mas respeito as brincadeiras tradicionais e não faço nenhum juízo de valor sobre seu uso.

e terceiro setor, sendo as festas de aniversário e as celebrações temáticas os tipos de eventos mais comumente contratados.

As denominações recebidas são diversas, sendo as mais comuns em Belém as de palhaço, recreador e animador de eventos. Adoto esta última por entender que palhaços e recreadores também têm ferramentas para animar as pessoas e influenciar na atmosfera do espaço onde se encontram. Além disso, a terminologia “animadores” está presente no nome da associação dos profissionais do segmento chamada “Associação Paraense de Palhaços e Animadores Circenses” (APPAC). Estes sujeitos compõem, portanto, um universo a ser estudado.

No entanto, para a construção de um objeto de pesquisa, as inquietações pessoais não são suficientes, embora sejam de grande importância. É necessário também contextualizá-lo em um campo científico onde possa ser articulado a outros estudos. Ao olhar para os animadores de eventos infantis eu os percebo como profissionais que utilizam o lazer como forma de intervenção social, ou seja, os animadores de eventos infantis são profissionais de lazer. Tendo em vista que para Gomes (2008) o lazer é uma dimensão da cultura, os profissionais do lazer são também trabalhadores da cultura.

Dessa forma, busquei o mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL/UFMG) e o Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (Oricolé) como ambientes propícios para o estudo com temáticas próximas ao que gostaria de estudar: os saberes dos animadores de eventos infantis.

Ao ingressar nesses espaços identifiquei alguns esforços para mapear os saberes profissionais e processos formativos em diferentes setores do mundo do trabalho como em Santos (2011), Silva (2016), Ungheri (2014), Capi (2016), entre outros. Santos (2011) investigou a formação profissional a partir do estudo de caso do currículo de um curso técnico em lazer do estado do Amapá. Através de consulta documental e de entrevistas com os docentes e coordenação do curso, a autora percebeu que esta formação buscava produzir conhecimentos em que sujeito pudesse planejar, executar e avaliar ações de lazer. Santos (2011) identificou que, além de uma formação para suprir a uma demanda de mercado, a formação contempla saberes teórico-práticos para que os discentes pudessem intervir em diferentes espaços de vivência do lazer.

O estudo de Silva (2016) identificou que os currículos dos cursos de formação realizados por dois acampamentos de férias tinham estrutura semelhante, dividida em um módulo teórico e um estágio prático, e que enfatizavam uma formação técnica na qual havia a orientação para

o domínio de conteúdos específicos, instrumentalização e domínio de procedimentos e metodologia. Os animadores de eventos que estudei aproximam-se de Santos (2011) e Silva (2016) na perspectiva de que o trabalho profissional em lazer apresenta uma dimensão operacional que foi apreendida pelo sujeito em algum momento de sua trajetória, embora acredite que os conhecimentos da formação não devem ser restritos aos aspectos da aplicabilidade prática, mas também teóricos.

A ideia deste estudo dialoga com Ungheri (2014) e Capi (2016), que tematizaram a atuação profissional em políticas públicas e identificaram que saberes mobilizados na prática tem origens que vão além da formação acadêmica e são constituídos na infância, nas práticas culturais como esporte e teatro, por exemplo, e no decorrer da própria rotina laboral. Embora os sujeitos de ambos os estudos sejam diferentes do meu, pois tratam-se de analistas de políticas públicas, gestores e formadores que ingressaram na atuação profissional a partir de uma formação específica, é possível fazer um exercício similar estudando os animadores de eventos infantis.

Os quatro estudos apontam diversos contextos formativos do profissional de lazer, a exemplo disso Gomes (2011) afirma que a formação não acontece somente nas instituições formais de ensino, embora sejam determinantes para o processo formativo, mas também nas influências exercidas pelas relações familiares, de amizade, trabalho, política, veículos de comunicação etc. Gohn (2006) e Lave (2015) também têm posicionamentos neste sentido ao afirmarem que o aprendizado acontece também além da formação escolar institucionalizada. Dessa maneira, os autores apontam outras dimensões formativas na vida do sujeito no seio da cultura.

Dentro desta reflexão sobre formação, Gomes (2011) afirma que a ideia de “saberes” contempla o aprendizado decorrente de processos formais e não formais e está interligado com diversos fatores socioculturais políticos e econômicos. Ou seja, o saber vai além do domínio de conteúdos ligados às disciplinas escolares, ele contempla uma sapiência sobre outras esferas da vida. A produção teórica sobre a construção de saberes tem como principais referências os estudos sobre a atuação docentes presentes em Raymond e Tardif (2000), por exemplo.

Para os autores esses saberes docentes são plurais, oriundos de fontes diversas como a família, escola e universidade e em tempos sociais diferentes como na infância, no tempo de escola, no tempo de formação profissional, no tempo do começo da carreira profissional etc. Eles recebem a denominação de saberes pessoais, saberes provenientes da formação escolar

anterior, saberes provenientes da formação profissional para o magistério, saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho e os saberes advindos da experiência.

No entanto Raymond e Tardif (2000) alertam que, embora este modelo sistematize as possibilidades de construção de saberes docentes e dê a impressão de que todos os saberes sejam de uma certa maneira “contemporâneos uns dos outros, imóveis e igualmente disponíveis na memória do professor, o qual buscaria nesse ‘reservatório de conhecimentos’ aqueles que lhe são necessários no momento presente da ação” (RAYMOND; TARDIF, 2000, p. 215), isso não acontece. Isso porque em cada trajetória há processos temporais que o fazem fixar, ou não, na memória determinadas experiências.

Apesar de meu trabalho não estar relacionado à atuação docente, busco, assim como outros estudos no campo do Lazer citados anteriormente, reconhecer a existência de saberes específicos que caracterizam a profissão do animador de eventos infantis de Belém do Pará, saberes desenvolvidos pelos profissionais tanto no seu processo de formação para o trabalho quanto no próprio cotidiano de suas atividades laborais.

A respeito de estudos próximos dos sujeitos que pesquisei destaque o trabalho de Arruda (2018), que discutiu o perfil e a trajetória de recreadores atuantes no mercado de trabalho no contexto brasileiro. A autora identificou que no setor privado encontram-se a maioria desses profissionais de lazer seguido do setor público e por fim o terceiro setor. Além disso, identificou que empresas de eventos são as que mais realizam contratações, seguidas de colônias de férias e clubes. A principal fonte de renda dos profissionais pesquisados não é exclusiva do campo do lazer e da recreação, mas da junção deste campo com outros tipos de trabalho.

A fim de auxiliar a problematização acerca da atuação dos animadores de eventos infantis no Pará, lugar de onde são os animadores estudados, busquei contextualizar o número de sujeitos autônomos atuantes no campo. Um caminho foi consultar na base de dados estatísticos do Portal do Empreendedor⁴ o número de Microempreendedores Individuais (MEIs) envolvidos com o campo do Lazer. Este portal usa como referência a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) que contempla diferentes atividades desse segmento.

Ao utilizar as palavras-chave “lazer” e “recreação” na CNAE encontro as seguintes atividades: “Agenciamento de profissionais para atividades esportivas, culturais e artísticas” (código 74901/05); “Construção de instalações esportivas e recreativas” (código 4299-5/01); “Exploração de jogos eletrônicos recreativos” (código 9329-8/04); “Parques de diversão e

⁴ O Portal reúne dados estatísticos sobre o registro de microempreendedores individuais e Microempresários Individuais (ME) registrados dentro e fora do Portal do Empreendedor (BRASIL, 2020).

parques temáticos” (código 9321-2/00); “Aluguel de equipamentos recreativos e esportivos” (código 7721-7/00); “Comércio atacadista de bicicletas, triciclos e outros veículos recreativos”; (código 4649-4/03); “Fabricação de outros brinquedos e jogos recreativos não especificados anteriormente” (código 3240-0/99); “Casas de festas e eventos” (8230-0/02); “Construção de embarcações para esporte e lazer” (código 3012-1/00) e “Outras atividades de recreação e lazer não especificadas anteriormente” (código 9329-8/99).

Esta última classificação contempla diretamente o serviço do animador autônomo de eventos infantis, visto que as demais se destinam a aluguel/construção de equipamentos, espaços, ou agenciamento de profissionais para outros fins. No Brasil o quantitativo de MEIs cadastrados em “outras atividades de recreação e lazer não especificadas anteriormente” em abril de 2020 foi de 10.931 (dez mil, novecentos e trinta e um), mostrando um crescimento de 34% em relação ao mês de outubro de 2018, onde o número de microempreendedores (as) individuais totalizava 8.320 (oito mil trezentos e vinte).

No caso do Pará este número cresceu de 129 (cento e vinte e nove) em outubro de 2018 para 159 (cento e cinquenta e nove) em junho de 2020. Desses 159 microempreendedores individuais que desenvolvem “outras atividades de recreação e lazer não especificadas anteriormente”, 93 são homens e 66 são mulheres. Embora o número de microempreendedores tenha crescido, esta quantidade ainda é pequena para atender a um Estado que possui 144 municípios e população de 8.602.865⁵ (oito milhões, seiscentos e dois mil e oitocentos e sessenta e cinco) habitantes. Quero mostrar com isso que as fontes de dados sobre animação no Brasil e no Pará são escassas.

Destaco que Arruda (2018) também sinalizou a dificuldade de encontrar informações sobre os animadores de eventos do Brasil ao levantar pesquisas científicas e dados oficiais sobre estes profissionais. Entre os quarenta e quatro (44) participantes da pesquisa de Arruda (2018), a maioria dos respondentes atua na região Sudeste (17), seguida por Nordeste (11), Sul (8), Centro-Oeste (6) e Norte (2). A autora recorreu a possíveis explicações teóricas para a não consolidação da categoria no mercado de trabalho como: a identidade profissional restrita à empiria (sem perspectiva de efetivação do lazer enquanto produção de conhecimento) e ausência de unidade da categoria (já que muitos não se enxergam como profissionais do lazer). Arruda (2018) destacou a necessidade de promoção de um debate aprofundado e ampliado do Lazer como campo de pesquisa e uma maior articulação dos profissionais (por meio de associações profissionais, por exemplo).

⁵ De acordos com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020b).

No trabalho da autora, que utilizou grupos⁶ em redes sociais virtuais, houve pouca participação de respondentes do Norte do Brasil. Isso evidencia a falta de participação de nortistas em redes profissionais de âmbito nacional. A exemplo disso, atualmente, no portal da Associação Brasileira de Recriadores (ABRE), entre as 27 (vinte e sete) pessoas físicas e jurídicas associadas⁷ há somente uma (1) representação do Norte do Brasil. Ponto que a recente mudança⁸ na gestão desta entidade ainda não me permite avaliar se o esforço de articulação/divulgação de suas ações seguirá concentrada no centro-sul do Brasil ou irá se expandir pelos demais estados do país.

Ainda sobre a dificuldade para encontrar dados referentes ao número de profissionais atuantes na região norte, percebo que outra possibilidade para identificar e quantificar animadores é a partir de sua participação em eventos de formação/capacitação na área, porém, a maioria dos eventos costumam acontecer em outras regiões do país e este pode ser um obstáculo. Por exemplo, em 2019 o “Congresso Internacional de Brincadeiras e Jogos”, o “14º Encontro de Recriadores Oficial”, o “Seminário Internacional de Entretenimento Infantil” e o “Encontro Nacional de Animadores Infantis (ENAI)” aconteceram na região Sudeste, enquanto o “Festival de Recreação da ABRE” e o “Encontro Brasileiro de Animadores - EBA” aconteceram no Sul do Brasil.

Outra possibilidade de levantamento de profissionais do segmento de animação de eventos infantis é a consulta com os egressos de cursos de graduação (BRASIL, [20--]a) com áreas afins com o campo do lazer. Em Belém há 28 cursos de Educação Física, sendo nove ofertados na modalidade presencial e os demais à distância; 12 graduações em Turismo, das quais quatro são ofertadas na modalidade presencial e oito à distância; por sua vez Teatro tem dois cursos de graduação em Belém, um oferecido na modalidade presencial e outro à distância; e por último Pedagogia, que entre os seus 52 cursos de graduação existentes na cidade, 14 são presenciais e os demais são a distância. No entanto este tipo de mapeamento requer um esforço específico ao qual não foi possível realizar neste momento.

⁶ A autora utilizou grupos no *Facebook* para divulgar o questionário on-line que subsidiou o seu estudo. Os grupos foram: “Recreação e Lazer”, “(Recreação e Lazer) Batatinha *Alegriiiiiiaaaaaa*”, “100% Recreação”, “Recreação”, “Recreação e Lazer/Educação Física/Saúde e Bem-Estar”, “Estudos do Lazer e da Recreação”, “Trabalhando com recreação”, “Lazer e Recreação no Paraná”, “Tio Piruquinha Recreação & Lazer”, “Recreação de Festas - Espírito Santo” e “Recreação e Eventos RJ”.

⁷ Dados atualizados em maio de 2020.

⁸ A nova gestão que assumiu a ABRE em março de 2019, após um considerável período de desativação, vem gradativamente reorganizando suas atividades e buscando fortalecer parcerias (produção de site novo, capacitação de novos profissionais, entre outras ações que durarão até o final da gestão em 2021). Embora entre os atuais diretores haja um representante do Nordeste disposto às articulações com profissionais do Norte, a entrada de (1) membro entre março/2019 e maio/2020 não me permite avaliar as ações da entidade, se ela buscará expansão territorial no Norte ou priorizará concentrar suas ações no centro-sul do país como tem feito.

Pretendo, portanto, desenvolver um estudo direcionado para a região Norte do Brasil, mais especificamente à Belém do Pará, e tal escolha é justificada pela escassez de dados e pesquisas temáticas sobre formação e atuação em lazer na região; pelo interesse em identificar o que há de regular e singular na prática dos animadores nortistas e pela possibilidade de acesso, tendo em vista que atuo na área e estou inserido em algumas redes profissionais locais.

Dessa maneira, me questiono: quem são os animadores de eventos infantis atuantes em Belém do Pará e como se dá a construção de saberes que mobilizam em seu exercício profissional? Esta pergunta norteia este estudo, que tem como objetivo investigar como se constituiu a construção dos saberes dos animadores de eventos infantis atuantes em Belém do Pará ao longo de suas trajetórias. Para tal, foi necessário:

- 1) Identificar os profissionais que atuam no campo;
- 2) Analisar quais são os saberes e onde foram mobilizados para esta prática profissional.
- 3) Identificar as trajetórias dos sujeitos a partir do contexto social, bem como grupos de referência, pessoas ou grupos que marcaram essa trajetória;
- 4) Compreender que pessoas, instituições e espaços foram importantes para a construção dos saberes que mobilizam em sua atuação.

A partir do que foi exposto busquei referências na produção teórica ligada à construção de saberes no campo do Lazer, Educação dentre outras áreas. Para o referencial teórico, contemplei resultados de estudos de caso, etnografias e pesquisa-ação e reflexões conceituais publicadas em livros, periódicos e demais plataformas de compartilhamento de conhecimento.

1.1 Percurso metodológico

Visando levantar dados sobre os animadores de eventos infantis em Belém do Pará, este estudo recorreu a diversas estratégias metodológicas. Este percurso incorporou levantamento bibliográfico, pesquisa de campo com entrevistas presenciais e posterior tratamento dos dados coletados. Parti do levantamento bibliográfico sobre formação e atuação dos (as) animadores(as) de eventos infantis, especialmente na busca de teorias que pudessem embasar as discussões acerca da formação e atuação profissional em lazer, educação não formal e construção de saberes. As plataformas consultadas foram os acervos das bibliotecas da Universidade Federal do Pará, Universidade Federal de Minas Gerais, Biblioteca Digital

Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) das produções do grupo de pesquisa Oricolé, as Revistas Brasileira de Estudos do Lazer – (RBEL) e Licere, SciELO e Google Acadêmico.

Por ter diretamente seres humanos como fonte primária de informação, esta pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP/UFMG). Justificativa, objetivos e procedimentos da pesquisa, possíveis riscos e desconfortos e benefícios esperados foram informados previamente aos sujeitos envolvidos por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, reiterei os objetivos da pesquisa, bem como a condição de que as informações coletadas na entrevista seriam divulgadas somente em meio acadêmico e manteriam o anonimato dos sujeitos. Essas especificações foram firmadas em duas vias no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo uma para o pesquisador e a outra para o entrevistado.

Paralelamente à pesquisa bibliográfica, foi realizado um levantamento de dados acerca do número de animadores atuantes no Pará nas plataformas do Ministério da Economia e Portal do Empreendedor para contextualizar o estudo. Em outubro de 2018 solicitei junto ao Serviço de Informações ao Cidadão (SIC) o número de registros de animadores de eventos (CBO nº 3763-05) e ocupações próximas, como recreador (CBO nº 3714-10) e palhaço (CBO nº 3762-45), que estivessem cadastrados na base de dados do Sistema de Registro Profissional (Sirpweb) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Entretanto, fui informado que não havia uma empresa licitada para o serviço de triagem de dados no MTE, inviabilizando, assim, o acesso à informação.

No ano seguinte houve a incorporação do Ministério do Trabalho e Emprego ao Ministério da Economia (ME) e também algumas mudanças referentes ao registro profissional no país. O art. 51 da Medida Provisória nº 905, de 11 de novembro de 2019, revogou do Ministério da Economia (ME) a competência de emissão de registro profissional para diversas categorias laborais, mantendo a este somente a incumbência de registro de artistas, técnicos em espetáculo de diversão e técnicos de segurança do trabalho, além do registro de contratante (empregadores que contratam artistas, músicos e técnicos em espetáculos de diversões). Solicitei então à Superintendência Regional do Trabalho e Emprego no Pará o número de registros dentro de animador de eventos ou palhaços dentro da categoria “artistas”, mas no Estado não havia nenhum registro de palhaços ou animadores de eventos até novembro de 2019.

O contato direto com os (as) animadores (as) de eventos infantis foi o que mais me auxiliou a encontrar seus pares e proporcionou melhor qualidade de dados à pesquisa, visto que muitos destes trabalhadores não se encontram registrados nos dados oficiais. A partir desta

interação construí uma base de dados alimentada entre outubro de 2018 e março de 2020⁹. É interessante pontuar que em 2018 haviam duas associações profissionais em construção, a Associação de Artistas Circenses, Palhaços e Animadores do Estado do Pará (ASACIPA) e a Associação Paraense de Palhaços e Animadores Circenses (APAAC). A primeira teve suas atividades encerradas e a APAAC, embora não tenha avançado na formalização, possui um grupo de discussão no *WhatsApp* onde os membros costumam interagir entre si compartilhando oportunidades de trabalho, marcando encontros presenciais, organizando eventos para a comunidade e discutindo sobre temas diversos.

Contei com a ajuda inicial de dois moderadores do grupo da APAAC no *WhatsApp* que são lideranças atuantes no campo há mais de duas décadas. A partir de suas vivências no segmento eles me disponibilizaram uma lista com 70 codinomes artísticos dos colegas que atuavam no Pará. No entanto, não souberam informar telefone, e-mail ou qualquer outra plataforma de contato da maioria dos profissionais. Com a lista em mãos eu parti para a pesquisa de campo. A primeira etapa da imersão foi baseada pela técnica denominada *Snowball* (Bola de Neve) que, de acordo com Baldin e Munhoz (2011), consiste na amostragem resultante de cadeias de referência cuja as informações citadas, à medida que se repetem, alcançam um ponto de saturação.

As informações que busquei coletar foram os codinomes e contatos dos animadores de eventos infantis para compor o banco de dados para outras etapas da pesquisa. Apresentei a lista com os 70 codinomes no grupo da APPAC e pedi aos membros citassem colegas animadores que por ventura não constassem na relação. Fiz isso por diversas vezes (geralmente a cada 30 dias) e quando algum animador novo era citado e eu buscava entrar em contato com ele, falava sobre a pesquisa e apresentava a relação de animadores questionando se ele conhecia algum animador que não estava na relação. Alcancei o ponto de saturação a medida que as respostas não trouxeram codinomes novos.

A pesquisa na internet também foi utilizada. Pesquisei no serviço de busca do *Google* e no *Facebook* termos como **animador de eventos**, **palhaços**, **recreadores** e **serviço de animação de festa infantil no Pará** para encontrar páginas destes profissionais em várias cidades do Estado. Quando encontrava o perfil de algum animador, entrava em contato

⁹ Por entender que o estudo pode dar dimensão dos animadores de eventos atuantes no Pará, continuei alimentando a lista com os codinomes dos animadores enquanto fossem sendo sugeridas pessoas novas até março de 2020 quando não obtive mais nenhuma informação nova no grupo de *WhatsApp* da Associação Paraense de Palhaços e Animadores Circenses.

apresentando-me, apresentando a pesquisa, solicitando ajuda e perguntando quantos animadores ele conhecia.

Utilizei esta estratégia também com uma empresa de decoração de eventos do município de Santarém, que me inseriu em um grupo de fornecedores para eventos da cidade no qual havia alguns animadores também, com os quais fiz contato e alimentei a lista. Além disso consultei amigos que moravam nos municípios de Breves, Parauapebas e Santana do Araguaia para que me indicassem pessoas envolvidas com o segmento de eventos. Dessa criar um banco de dados com os codinomes, contato telefônico e link de acesso aos novos profissionais informados alimentava um banco de contatos.

Em setembro de 2019 iniciei o processo de seleção dos profissionais para a entrevista presencial semiestruturada. Neste mês foi identificado o número de 159 animadores de eventos infantis atuantes no Pará. Em virtude da dimensão da população deste estudo foi delimitada uma amostragem. Para Appolinário (2011), definir uma amostra da população é importante porque

na maior parte das pesquisas é absolutamente inviável estudar todos os sujeitos de uma população: ao invés disso o pesquisador estuda apenas uma amostra, constituída por um número de sujeitos bem menor que a população (APPOLINÁRIO, 2011, p. 6).

Portanto, em consonância com o autor, na segunda fase da pesquisa de campo foi necessário estabelecer um recorte da população. Para dinamizar os estudos foi estabelecida uma amostragem por conveniência que consiste em um “tipo de amostra não probabilística na qual os sujeitos são escolhidos para comporem a amostra de acordo com a conveniência ou facilidade do pesquisador” (APPOLINÁRIO, 2011, p. 7). Os critérios de inclusão de profissionais entrevistados foram:

a) Desenvolver serviços remunerados de animação de eventos infantis em Belém do Pará (festas de família, quermesses, ruas de lazer, etc.) e residir em Belém ou nas três cidades vizinhas que compõem sua região urbana concentrada¹⁰ (Ananindeua, Benevides ou Marituba).

b) Ter mais de cinco anos de experiência, visto que esse período indicia um certo grau de adesão ao campo e um volume de experiências profissionais.

c) Ter a ocupação de animação de eventos como fonte de renda principal ou secundária;

¹⁰ Embora de acordo com a Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas (FNEM) A Região Metropolitana de Belém (RMB) seja composta por sete cidades (Ananindeua, Belém, Benevides, Castanhal, Marituba, Santa Bárbara do Pará, Santa Izabel do Pará), eu adoto a classificação de região urbana concentrada de Mendes (2018) em que está incluso os municípios de Belém, Ananindeua, Marituba e Benevides (FÓRUM NACIONAL DE ENTIDADES METROPOLITANAS, 2020).

d) Ter disposição para participar da pesquisa.

Como resultado da busca, em março de 2020 cheguei a uma lista com cento e noventa e quatro (194) profissionais, distribuídos nos municípios de Abaetetuba (6), Alenquer (1), Altamira (2), Breves (5), Cametá (5), Capanema (1), Goianésia (1), Parauapebas (3), Portel (1) Santarém (18) e Região Metropolitana de Belém - RMB que segundo o Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas é composta por Ananindeua, Belém, Benevides, Castanhal, Marituba, Santa Bárbara do Pará e Santa Izabel do Pará, onde há 151 profissionais atuantes.

O primeiro critério de inclusão foi inserir na pesquisa somente animadores residentes e atuantes em Belém e suas cidades vizinhas (Ananindeua e Marituba ou Benevides). Com isso, 31 pessoas saíram do recorte por residirem e atuarem em outras cidades do Pará (Abaetetuba, Alenquer, Altamira, Breves, Cametá, Capanema, Castanhal e Portel). Além disso, 6 pessoas declaradamente mudaram de estado ou não estão mais atuando na profissão.

Restaram 122 nomes, dos quais 62 não foram contatados, por falta de contatos disponíveis na internet ou ausência de proximidade com os animadores informantes. Entrei em contato com 60 animadores por telefone enviando mensagem de convite para compor um banco de dados de possíveis participantes da pesquisa, havendo somente o retorno de 28 deles. O segundo critério de inclusão foi inserir na pesquisa animadores interessados na participação e, portanto, este universo foi composto por essas 28 pessoas. Todas essas 28 pessoas preencheram uma ficha de cadastro de dados básicos com nome, telefone, e-mail, link de divulgação do trabalho, tempo de experiência e se a ocupação com animação de eventos era fonte primária ou secundária de renda.

O terceiro critério de inclusão foi a pessoa ter mais de cinco anos de experiência com animação de eventos até a data da realização da entrevista e esse critério não eliminou ninguém. Por fim, 15 animadores foram selecionados por responderem a solicitação de marcação das entrevistas dentro do período estipulado por essa pesquisa para a fase de coleta de dados.

A técnica de coleta de dados que utilizei com os animadores selecionados para a segunda fase foi a entrevista semiestruturada que, segundo Appolinário (2011), é um tipo de entrevista em que “há um roteiro de perguntas preestabelecidas a serem feitas ao respondente, mas há também um espaço para discussão livre e informal de determinado interesse do pesquisador” (p. 58). Ser um animador e pesquisador permitiu-me auxiliar os entrevistados quando esqueciam a nomenclatura de algum objeto ou procedimento específico de nossa prática profissional.

Tendo como base os estudos de Silva (2010), Capi (2016) e Arruda (2014), na entrevista semiestruturada foram trazidas questões que contemplem o objetivo da pesquisa de investigar como se constituiu a construção dos saberes dos animadores de eventos infantis ao longo de suas trajetórias com perguntas que busquem compreender a trajetória dos pesquisados anterior à ocupação de animação de eventos infantis; elementos significativos para a construção de saberes presentes nas trajetórias desses profissionais; pessoas ou grupos que marcaram as trajetórias desses animadores; conhecimentos, competências, habilidades e atitudes que os sujeitos pesquisados julguem serem necessárias para a atuação com animação de eventos infantis.

Por ter como material de estudo dados linguísticos (informações ditas pelos entrevistados), a técnica de análise de conteúdo foi escolhida como possibilidade de tratamento dessas entrevistas. Para Bardin (2009), a análise de conteúdo pode ser organizada em três polos cronológicos: o primeiro é a pré-análise, o segundo é a exploração do material e o terceiro é tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

De acordo com a autora as funções desta pré-análise são “escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamente a interpretação final” (BARDIN, 2009, p. 121). Objetivei nesta primeira fase a organização do corpus da pesquisa, sendo, portanto, as transcrições das entrevistas dos animadores o conjunto de documentos que trabalhei, para dar conta da diversidade de vozes dos profissionais atuantes em Belém.

Na exploração do material (segunda fase), estabeleci como unidades de registro as falas dos entrevistados onde havia referência aos temas: sujeitos, formação, lazer, atuação profissional e construção de saberes. Para Bardin (2009, p. 129) a codificação permite transformar dados brutos do texto através de recorte, agregação e enumeração em representação do conteúdo.

Por fim, na fase de tratamento de dados e interpretações (terceira fase) busquei sintetizar informações e selecionar resultados para interpretá-los e fazer inferências. Como primeira categoria de análise delimito **Sujeitos, Processos Formativos e Construção de Saberes**. A segunda categoria de análise foi: **As Vivências de Lazer e a Possibilidade de Construção de Saberes Profissionais**. Por fim, **A intervenção profissional como lócus da Produção de Saberes** foi a terceira categoria que utilizei. A respeito disso, Bardin (2009) aponta que as interpretações do analista poderão ter a utilização dos resultados para finalidade teórica, ou

pragmática, mas também essa interpretação poderá orientar uma nova análise com novas hipóteses e novos objetivos.

Dessa forma, apresento a dissertação estruturada em cinco capítulos. No primeiro deles eu compartilho minha trajetória pessoal, envolvimento com o objeto de pesquisa e o percurso metodológico. O segundo capítulo, intitulado **Aspectos Sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer** contempla temas ligados aos cenários da formação e atuação profissional em lazer no Brasil. O terceiro capítulo, intitulado **Experiência e Mobilização de Saberes no Âmbito da Atuação Profissional** tem como tema transversal os saberes constituídos na trajetória do indivíduo dialogando com referenciais teóricos que analisam a mobilização de saberes no âmbito profissional.

No quarto capítulo, intitulado **Trajетória e Construção de Saberes dos Animadores de Eventos Infantis de Belém Do Pará** apresento análise e sistematização dos dados coletados em entrevistas com animadores de eventos infantis. Já no capítulo cinco, intitulado **Considerações Finais** retomo os objetivos deste estudo sintetizo a maneira como foram alcançados, bem como aponto novas possibilidades de estudo decorrentes desta pesquisa.

2 ASPECTOS SOBRE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM LAZER

2.1 Profissionais do lazer e suas interfaces com o campo da cultura

O objetivo deste capítulo é refletir sobre questões sensíveis ao profissional no âmbito do lazer trilhando um caminho que parte do debate geral sobre sua formação e atuação até as especificidades do trabalho do animador de eventos infantis que é o sujeito tema deste estudo. Tanto dentro do discurso do mercado quanto na produção teórica, o profissional de lazer assume diversas terminologias e perspectivas de análise. Dessa maneira, aponto algumas terminologias que estarão presentes no contexto desse estudo: animador (CABRAL; BAHIA, 2011; RIBEIRO; MONTANARI, 2012; ALVES, 2019), animador cultural (HOLLANDA, 2006; MELO, 2003; MELO; ALVES JUNIOR, 2004; GOMES, 2008), animador sociocultural (STOPPA; ISAYAMA, 2001); animador de festa (MELO; ALVES, 2001), monitor (ALVES, 2019), recreador (ARRUDA, 2018; ALVES, 2019), recreacionista (CAVALLARI; ZACHARIAS, 2008). Ao utilizar esse volume de referências, tive que mobilizar os diferentes termos apresentados pelos autores mesmo sabendo que cada termo pode significar uma perspectiva diferente de atuação.

Assim, inicio essa discussão com um dado recente acerca do recreadores no mundo. Em uma publicação do Fórum Econômico Mundial¹¹ de janeiro de 2020 apontou-se, a partir de estudos sobre demanda de mercado, que o profissional da recreação está em oitavo lugar no ranking dos empregos mais promissores dentro do grupo “Economia do Cuidado¹²”. Tal grupo incorpora profissionais como recreador, cuidador de idosos, fisioterapeuta, *personal trainer*, entre outros, e tem crescido devido a uma série de fatores, como o envelhecimento da população e o crescente interesse por espaços de promoção de saúde e lazer. O envelhecimento da

¹¹ A fim de ranquear as profissões mais promissoras, o artigo *Jobs of Tomorrow* (Trabalhos do Amanhã), publicado pela plataforma “*Shaping the Future of the New Economy and Society*” (Moldando o Futuro da Nova Economia e Sociedade), utiliza a metodologia de “escala de oportunidades de trabalho”, na qual se estabelece um índice a partir do número de ofertas de emprego para determinada profissão por cada 10.000 ofertas de trabalho. A plataforma, que pertence ao Fórum Econômico Mundial, visa contribuir para a compreensão de questões complexas sobre a economia, como as profissões do futuro, por meio de parcerias com organizações como Burning Glass Technologies, Coursera e LinkedIn (WORLD ECONOMIC FORUM, 2020).

¹² De acordo com o artigo, nos últimos cinco anos, sete grandes grupos ocupacionais estão emergindo na economia mundial (ao todo são 96 profissões, cada uma com diferentes taxas de crescimento). Os grupos são: Data and AI (Dados e Inteligência Artificial); Engineering and Cloud Computing (Engenharia e Computação em nuvem); People and Culture (Pessoas e Cultura); Product Development (Desenvolvimento de Produtos); Marketing, Sales and Content (Marketing, Vendas e Conteúdo), Green Economy (Economia Verde) e Care Economy (Economia do Cuidado). Destes, Economia do Cuidado é o que apresenta maior número de oportunidades de trabalho ao redor do planeta (WORLD ECONOMIC FORUM, 2020).

músicas importadas ou “ritmos criados nos próprios lugares representativos do povo fazendo cultura e, por isso mesmo, fazendo política” (SANTOS, 2000, p. 34).

Respeito o posicionamento do autor, mas não sei se abordar as manifestações culturais como puras ou impuras é possível visto que as fronteiras entre cultura popular e indústria não são fixas. De qualquer maneira, da fala do autor eu pretendo trazer a questão das formas populares de ocupações remuneradas que são importantes para a sobrevivência de muitos brasileiros e, na visão de Santos (2000, p. 35), “gente reunida é produtora de economia, criando conjuntamente economia e cultura e sendo produtora de cultura é também produtora de política”. Há necessidade, portanto, de valorização das culturas populares para o desenvolvimento social, especialmente no que se refere à potencialidade das práticas de lazer.

É esse o debate com o mundo que as culturas populares têm a oferecer, ampliando o seu patrimônio existencial e enriquecendo toda a gente. Ele é criador de emprego e de riqueza, de riqueza material e imaterial, e sobretudo de uma visão de mundo, que é cultura e, por isso, também é política. Lazer é também política. Mas, por enquanto é, sobretudo, política das empresas. Há, já, sem dúvida, o atrevimento de algumas instituições que interferem com os meios a seu alcance no sentido de estimular a produção de um lazer que se aproxima da sensibilidade popular, isto é, da cultura, e, não propriamente do mercado. [...] Tais iniciativas podem e devem ser multiplicadas e estimuladas por diferentes caminhos e podem e devem obedecer a um projeto mais amplo, um projeto político coerente e inovador (SANTOS, 2000, p. 36).

Embora a discussão de Santos (2000) pareça tratar cultura popular e mercado como esferas antagônicas, o autor aponta algumas questões sobre lazer e cultura popular, mostrando que nas práticas do devir cotidiano também se constrói uma economia responsável pela criação de empregos e riquezas. Percebo na fala do autor a preocupação em valorizar a produção cultural local em face da indústria do lazer organizada em escala global.

Nesta esfera da economia popular, portanto, é interessante pensar o lugar do profissional de lazer habilitado a interagir com a diversidade cultural e fomentar o desenvolvimento social, desse modo, para abordar o debate sobre a formação profissional recorrerei a Gomes (2008). Antes de tudo, é importante salientar que a autora concebe lazer como dimensão da cultura com uma esfera de tempo e espaço específicos, e na esfera estão inclusos os jogos, a festa, o passeio, a viagem, o esporte, as artes, etc. Para Gomes (2008), o lazer como dimensão da cultura incorpora quatro vertentes: atividades/ações lúdicas, manifestações culturais, espaço/lugar e tempo.

Enquanto prática social relacionada às diferentes dimensões da nossa sociedade, o lazer necessita ser concretizado como um direito social, em princípio, proveniente das conquistas dos trabalhadores por um tempo legalmente regulamentado; e como uma possibilidade de produção de cultura, por meio da vivência lúdica de diferentes manifestações culturais (GOMES, 2008, p. 131).

É pertinente entender o lazer como possibilidade de produção de cultura e transformação política, aguçando a sensibilidade do indivíduo não somente para interagir com diferentes linguagens culturais, mas também uma sensibilidade direcionada para o campo social, político e ecológico, como afirma Gomes (2011):

Por isso, é importante apreender e decifrar várias linguagens, percorrendo diferentes motivações humanas e diversificando-as, ampliando o leque de experiências estéticas e expandindo o alcance da formação e da atuação profissional com o lazer. Por meio de diferentes linguagens – a música, a poesia, o grafite, a virtualidade, a pintura, a escultura, a dança, as vivências e expressões corporais, a fotografia e o teatro, entre inúmeras outras – é possível (re)elaborar valores e caminhar em direção ao processo de (re)construção da nossa sociedade pelo prisma da cultura. Enquanto uma dimensão da cultura, o lazer pode aguçar nossas sensibilidades – sensibilidade que está relacionada ao plano sensorial, mas que deve ser também sensibilidade social, política, ecológica, etc. –, nos ajudar a conectarmos conosco, entre nós e com contexto, nos estimulando a pensar sobre a nossa sociedade para transformá-la e refletir sobre questões mais amplas, pois ele está estreitamente vinculado aos demais planos da vida social (GOMES, 2011, p. 9).

Na fala da autora, a sensibilidade parece ser um fator importante para a transformação social e para ilustrar o papel das experiências de sensibilidade nos momentos de lazer, cito o debate de Cabral e Bahia (2011) sobre a atuação profissional em áreas verdes urbanas. As autoras usam como exemplo o trabalho do animador para engajar, motivar, conscientizar, ou seja, ajudar a construir uma boa relação do homem com a natureza e a busca pela preservação dos recursos naturais e das comunidades moradoras dessas áreas.

Nas vivências de lazer, o animador deve assumir o papel de mediador e educador “pelo e para o lazer”, atuando de maneira a transmitir conhecimentos e propiciar condições de aquisição de comportamentos pautados na autonomia, na seriedade, na sensibilidade e na responsabilidade, para que os indivíduos estejam cientes de suas atitudes no cotidiano e nas áreas naturais, mantendo-se sempre conscientes da necessidade de preservação da natureza e das culturas de comunidades moradoras dessas áreas, se for o caso (CABRAL; BAHIA, 2011, p. 57).

Essa mediação cultural e educação para e pelo lazer transcrita na práxis do animador, na visão das autoras, pode fazer com que as pessoas vejam no lazer uma possibilidade de aprendizado e novas experiências através da sensibilidade.

A atuação do animador deve ser direcionada a fomentar a visão das pessoas para a percepção de que, por meio da experiência sensível do lazer, é possível ter acesso a um modo de conhecimento relacionado a determinadas emoções, fundidas com os sentidos corporais no contato com a natureza (CABRAL; BAHIA, 2011, p. 57).

A ideia de sensibilidade aborda o sujeito em uma prática profissional crítica e engajada em prol da transformação social. O profissional com a sensibilidade aguçada é aquele que tem

condições de interpretar os contextos em que está inserindo e propor ações inovadoras de transformação.

Para Gomes (2008), a atuação profissional crítica, reflexiva e engajada que garanta a possibilidade de vivência lúdica e criativa à sociedade é um dos eixos privilegiados no que se refere à compreensão do que é lazer. A autora defende que o campo de atuação deve privilegiar uma formação profissional para o trabalho multi/interdisciplinar onde os profissionais estejam “preparados e criticamente engajados, ávidos por mudança e pela participação de todos na transformação das vivências de lazer desenvolvidas em nosso meio” (GOMES, 2008, p. 137). Para que essas transformações aconteçam é necessário que os profissionais não sejam simples reprodutores do que está posto, mas que tenham uma postura transformadora, como afirma:

Os profissionais têm de ser agentes de mudança capazes de abalar e promover uma reflexão sobre vários fundamentos cristalizados socialmente em nossa cultura; repensar os limites e as possibilidades da situação na qual se encontram; analisar as contradições; identificar horizontes de manobras; suportar determinados conflitos e incertezas, correr riscos. Enfim, experimentar a possibilidade de jogar com as regras e com as imposições socioculturais mais amplas, focalizando o lazer, mas procurando não perder de vista suas inter-relações com outras dimensões que constituem a nossa dinâmica social, tais como o trabalho e a educação (GOMES, 2008, p. 137).

Destaco que os profissionais que atuam no âmbito do lazer com uma ação encaminhada para a mudança social precisam ter uma leitura crítica sobre a realidade, refletir e questionar sobre pensamentos, representações e práticas cristalizadas em nossa sociedade, assim como mediar conflitos e incertezas.

Anseio pelo profissional que, fundando-se na sua práxis, pensa sobre os sentidos de sua ação, interrogando-se sobre possíveis alternativas para determinadas situações, planejando e avaliando os resultados alcançados coletivamente. Cultivar o sentido de uma comunidade que existe enquanto se busca o gosto por uma sociedade alicerçada na discussão e no respeito à diversidade (GOMES, 2008, p. 139).

Portanto, empenhar-se para o aprimoramento do campo do lazer é pensar a prática do profissional sensível alinhada aos anseios da coletividade, especialmente com práticas que valorizem a consciência do ser humano e a diversidade de vozes. Uma prática profissional inovadora existe quando a educação é concebida como ferramenta fomentadora do desenvolvimento social.

2.2 Possibilidades de formação profissional em lazer

Avançando na discussão, questiono quais as possibilidades de formação profissional para a atuação com lazer no Brasil? Proni (2004, p. 161) afirma que “são muito diversificados

os campos de atuação profissional, nesse ramo, que se abrem para pessoas das mais diferentes formações acadêmicas”. Há possibilidade de formação em diferentes níveis (técnico, tecnólogo, graduação e pós-graduação) e em diversas áreas do conhecimento (ainda que com mecanismos distintos de intervenção social), onde o lazer é eixo transversal. Santos (2018) rastreou na base do Diretório de Grupos de Pesquisa - Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) 280 (duzentos e oitenta) grupos de pesquisa ligados aos estudos do lazer.

As áreas da Educação Física, da Educação e do Turismo são as que mais aparecem na relação dos grupos, sendo: 118 relacionados à primeira; 45, relacionados à segunda e 32, à terceira. Outras áreas de conhecimento também foram responsáveis pela criação de grupos que abordam o lazer, direta ou indiretamente: Sociologia (12 grupos); Administração (10 grupos); História (7 grupos); Geografia e Planejamento Urbano e Industrial (12 grupos, sendo 6 em cada); Arquitetura e Urbanismo, Saúde Coletiva e Comunicação (12 grupos, sendo 4 em cada); Antropologia, Psicologia, Ciência Política, Ciência da Computação (12 grupos, sendo 3 em cada); Economia, Artes, Fisioterapia, Engenharia de Produção e Ecologia (10 grupos, sendo 2 em cada); Serviço Social, Enfermagem, Linguística, Ciência e Tecnologia de Alimento, Letras, Ciências Ambientais, Química, Agronomia, Recursos Florestais e Engenharia Florestal, Parasitologia e Direito (11 grupos, sendo 1 em cada) (SANTOS, 2018, p. 24).

Embora a autora tenha pontuado que as áreas com mais grupos de pesquisa que abordam o lazer são a Educação Física, Educação e Turismo, há neste levantamento uma dimensão da diversidade de áreas nas quais o lazer pode transitar direta ou indiretamente, como o que acontece com a Arquitetura, Artes, Economia, Comunicação Social, Serviço Social, por exemplo. Gomes (2019) faz um balanço sobre a produção de conhecimentos a respeito do lazer e formação profissional citando a diversidade de empreendimentos de entidades públicas e privadas na oferta de cursos no Brasil.

Cada vez mais instituições públicas e privadas vêm se debruçando sobre a temática do lazer. No campo da formação, entre os empreendimentos hoje vigentes podem ser citados os cursos técnicos ofertados em diferentes Estados brasileiros (no Amapá, Maranhão, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo), o bacharelado em Lazer e Turismo da USP e os diferentes cursos de Especialização em Lazer que são oferecidos por diferentes instituições de ensino do país (GOMES, 2019, p. 27).

Nessa perspectiva, o estudo de Santos (2018) dimensiona as possibilidades formação em lazer no Brasil. A autora levantou o quantitativo de cursos ofertados por 33 instituições, entre empresas do segmento de lazer, escolas profissionalizantes, centros de educação profissional, centro de ensino superior, centros universitários, faculdades, universidades, institutos federais, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e Serviço Social da Indústria (SESI). Como resultado do levantamento, foram mapeados 5 cursos de capacitação,

4 cursos de extensão, 7 cursos técnicos, mais de 10 cursos tecnológicos, 2 graduações sequenciais, 3 graduações, 5 cursos de pós-graduação lato sensu e uma pós-graduação stricto sensu específica em Estudos do Lazer.

Para ilustrar a falas das autoras com um quantitativo de formações, fiz buscas utilizando a palavra-chave “lazer” nos bancos de dados oficiais. A princípio, consultei a plataforma do Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (SISTEC) do Ministério da Educação (BRASIL, [20--]b) para identificar os cursos técnicos neste campo do conhecimento e encontrei os seguintes cursos: Eventos, Guia de Turismo, Hospedagem, Hotelaria, Programação de Jogos Digitais. Há exemplos também de cursos técnicos específicos em lazer, como os ofertados pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN - campus Cidade Alta/RN), Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS - campus Restinga/RS), Instituto Federal de São Paulo (IFSP - campus Avaré/SP), entre outros.

A plataforma e-MEC¹⁴ está vinculada ao Ministério da Educação e disponibiliza dados do Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior (Cadastro e-MEC). Nela pesquisei a quantidade de graduações e pós-graduações lato sensu no país e como resultado encontrei 49 cursos de graduação e 20 de pós-graduação. Entre os cursos de graduação, por exemplo, identifiquei: “educação física, promoção em saúde e lazer”, “gestão desportiva e de lazer”, “turismo e lazer”; e entre os cursos lato sensu listei os seguintes cursos: “Atividade física inclusiva: educação física, esporte e lazer”, “Educação escolar, recreação e lazer”, “Educação física: jogos, recreação e lazer”, “FIPAM XXV: planejamento e gestão pública do turismo e lazer”¹⁵, “Recreação e lazer na terceira idade” entre outros.

No que se refere à pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado), verifiquei no banco de dados da Plataforma Sucupira¹⁶, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), programas com a palavra-chave **lazer** em seus títulos. Como resultado da busca, foi apontado um programa específico em Estudos do Lazer (PPGIEL/UFMG) e cinco programas de pós-graduação em Educação Física que têm lazer no

¹⁴ A plataforma de Cadastro e-MEC parece não ser tão dinâmica na atualização de seus dados, talvez esse seja um indício do caráter esporádico de oferta de especializações com o título “lazer” no Brasil (BRASIL, [20--]b).

¹⁵ Em virtude do cadastro e-MEC ser uma plataforma de credenciamento e credenciamento de cursos, estão disponíveis cursos que já tiveram suas atividades concluídas que constam como em funcionamento na plataforma, como é o caso da “FIPAM XXV: planejamento e gestão pública do turismo e lazer”, ofertado pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA) entre os anos de 2014 e 2016 através do Programa Internacional de Formação de Especialistas em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas (FIPAM). A edição supracitada formou uma turma de 26 especialistas com graduações em turismo, educação física, comunicação social, geografia e matemática (BRASIL, [20--]a).

¹⁶ A Plataforma Sucupira é a ferramenta que reúne informações sobre a pós-graduação no Brasil (BRASIL, [20--]d).

título de suas linhas de pesquisa, como é o caso de: PPGEF (Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina), que tem a linha “Teorias sobre o corpo, movimento humano, esportes e lazer”; PPGEF (Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília), com “Estudos sociais e pedagógicos da educação física, esporte e lazer”; PPGEF (Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro), com a linha “Práticas corporais, esporte e lazer”; e PPGFE (Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas), com a linha de pesquisa “Esporte, lazer e sociedade”.

Há, portanto, diversas possibilidades de estudar essas instituições e a sua contribuição para a sociedade sob a perspectiva de formação e atuação profissional de seus egressos, como o estudo de Santos (2018). A autora teve como objetivo analisar o perfil da formação e a inserção dos egressos no mercado de trabalho e para isso pesquisou os egressos dos cursos técnicos em lazer do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e de graduação em Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP).

Como resultado a autora identificou que a motivação predominante pela escolha do curso entre os egressos do IFMA foi a “vocação com a área do lazer” e entre egressos da EACH/USP, o motivo principal foi “a diversidade de áreas de atuação que o campo do lazer e do turismo proporciona”. Santos (2018) constatou que mais da metade dos ex-alunos dos dois cursos pesquisados não está atuando na área de formação, alegando falta de oportunidade e renda salarial insatisfatória. O estudo ajuda na compreensão das conexões entre formação e atuação, e provoca o debate sobre quais expectativas de exercício laboral são construídas durante esta formação, assim como se elas são (ou não) concretizadas pelos egressos dos cursos de lazer. É interessante trazer aqui um debate sobre uma prática profissional crítica e engajada para aprimoramento do campo do lazer, especialmente repensando relações com o mercado.

No âmbito da pós-graduação na América Latina, Gomes, Elizalde e Ribeiro (2013) perceberam influências do mercado no discurso sobre a educação. Os autores alertam que isso pode reforçar a ideia da educação como instrumento para obtenção de metas econômicas compatíveis com discursos de competitividade, flexibilização, ajuste, globalização, privatização, desregulamentação e consumo.

Por sua vez, ao abordar a formação superior em turismo e suas interfaces com o lazer, Uvinha (2010, p. 182) identificou que este campo sofre influências das demandas do mercado quanto à “eficiência, cálculo, previsibilidade, mercadorização e consumo”, e cita como exemplo a trajetória do turismo e lazer nos EUA e na Austrália. A partir da análise das Diretrizes

Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo e do trabalho feito por grupos de pesquisa em turismo no Brasil, o autor identificou que o lazer ocupa papel periférico nessas formações e nas pesquisas, de modo que sugere que o entendimento sobre turismo inclua não somente a dimensão econômica, mas também a dimensão humana, importante para o engajamento social e contestação da ordem vigente.

[...] Em contraposição ao seu reduzido aspecto técnico ou de mercadoria, defende-se o lazer como uma esfera fundamental para a afirmação de valores e identidades, um potencial elemento para a transformação social e para a redistribuição de poder e privilégios na sociedade. Tal perspectiva deve ser estimulada na formação acadêmica em turismo, encorajando os profissionais egressos dos bancos universitários a cumprir o esperado papel de liderança e de compromisso social, nas variadas condições socioeconômicas e nos mais distintos contextos culturais (UVINHA, 2010, p. 183).

Uvinha (2010) destaca a preocupação com afirmação identitária, afirmação de valores e empoderamento na esfera do lazer. Por fim, anseia que o profissional em formação busque enxergar o campo de atuação como possibilidade de transformação social e os egressos estejam comprometidos com tais princípios de liderança e engajamento social. Essas possibilidades de intervenção profissional podem girar em torno de planejamento, gestão, formação, consultoria e execução de políticas e ações de lazer, sendo necessária uma formação que garanta ao trabalhador dominar todos os fundamentos, habilidades e competências específicas da ação do profissional do campo, conforme destacam Stoppa e Isayama (2001, p. 86).

São várias as possibilidades de intervenção na esfera do lazer, mas é preciso ter clareza sobre aspectos referentes à especificidade e à abrangência dessa ação. Destacamos, assim, que são inúmeras as funções que um profissional pode assumir: planejamento, organização, realização e avaliação de vivências de lazer; gerenciamento, coordenação, supervisão e avaliação de projetos e recursos; realização, registro e socialização de pesquisas; docência, entre outras. Se, por um lado, essa diversidade é interessante, por outro ela é complicada na medida em que envolve um domínio amplo de fundamentos, competências e habilidades, nem sempre trabalhadas adequadamente na formação profissional.

Uma observação acerca da fala dos autores é a preocupação com uma formação de qualidade no âmbito do lazer, que também é defendida por Gomes (2011). Neste debate, a autora sugere substituir o enfoque dado às competências por saberes por entender que estes “constituem pressupostos mais amplos e que dizem respeito aos conhecimentos formais e informais dos sujeitos” (GOMES, 2011, p. 38), considerando diferentes contextos, espaços, tempos, laços, transformações, impactos, contradições entre outros aspectos da sociedade. Pimentel (2003) compartilha do entendimento de que essa formação ampla se dá dentro e fora das disciplinas acadêmicas e para o autor:

faz-se necessário romper com a zona de conforto em estágios mais baixos de reflexão e construir no acadêmico e no profissional em formação o conhecimento junto à criatividade, a reflexão com a ação, a responsabilidade com autonomia. Esse tipo de formação mais ampla, não se dá somente dentro das disciplinas, sendo importante criar outros espaços dentro e fora das faculdades (PIMENTEL, 2003, p. 74).

É destacada aqui uma formação profissional em lazer reflexiva, criativa, responsável e autônoma dentro e fora das disciplinas acadêmicas, ou seja, uma formação ampla e qualificada que incorpore saberes construídos dentro e fora das universidades. Nesse caminho Gomes (2011) acredita que na formação profissional em lazer “é essencial buscar saberes para a autonomia por meio do estímulo ao pensar crítico e à criatividade, articulando os aspectos profissionais com os sociais, políticos, culturais, pedagógicos, éticos, epistemológicos e ambientais de maneira sistêmica (GOMES, 2011, p. 38).

Retomando a questão da diversidade na atuação profissional no campo do lazer, cito Isayama (2013), que exemplifica também diferentes espaços de atuação nas esferas pública, privada e terceiro setor:

Podemos observar o aparecimento de um promissor mercado de trabalho em lazer, o que nos permite destacar a presença de profissionais com formação diversa trabalhando em várias instituições privadas (acampamentos, clubes, colônias de férias, hotéis, empresas de eventos, empresas de turismo, academias de ginástica); públicas (prefeituras, centros comunitários, parques, universidades, secretarias, museus) e de terceiro setor (organizações não governamentais, associações de bairros). Isso sugere um aumento das exigências no que diz respeito à formação de recursos humanos para atuar nesses vários locais (ISAYAMA, 2013, p. 53).

Na fala do autor, o segmento do lazer é abordado como um mercado de trabalho promissor a incorporar profissionais com diversas formações, apontando o desafio de qualificação de recursos humanos para suprir as ofertas de atuação nos locais. Outro desafio é pensar a atuação profissional no mercado, especialmente refletindo sobre pontos que perpassam pelas condições de trabalho, vínculos de contratação e remuneração.

A respeito das condições de trabalho e qualidade de vida no campo do lazer, Isayama (2013) traz algumas questões, como a tendência ao aumento do tempo destinado ao trabalho entre os profissionais para que estes recebam o suficiente para a manutenção do padrão de vida que desejam. Para o autor, existem outras dificuldades também, como longas e intensas jornadas de trabalho desenvolvidas, muitas em condições inadequadas e com pouco tempo para descanso, como afirma:

E nesse sentido, percebo que os profissionais do lazer tendem a trabalhar cada vez mais, procurando ganhar o suficiente para manter um padrão mínimo e desejável de vida. Dificuldades ainda são encontradas quando pensamos nas longas e intensas jornadas de trabalho que esse profissional assume, e muitas vezes sem condições

dignas de trabalho e de lazer. Os profissionais do lazer atuam em finais de semana, férias e feriados e na maioria das vezes têm um tempo mínimo de descanso ao longo do período de trabalho, fato observado em muitos acampamentos, hotéis fazenda, clubes, colônias de férias, etc. (ISAYAMA, 2013, p. 54).

O autor aborda questões referentes à prática laboral dos profissionais de lazer e o seu sustento, provocando uma reflexão sobre remuneração. A respeito disso, acrescento dados sobre o ganho mensal dos recreadores¹⁷ no Brasil, utilizando como exemplos informações disponíveis no *Portal Salário*¹⁸ coletadas a partir dos registros de 19.485 (dezenove mil, quatrocentos e oitenta e cinco) salários destes profissionais, formalizados em carteira assinada para atuarem em regime de tempo integral.

O perfil médio entre os 35 profissionais recreadores com registro em carteira assinada em Belém do Pará é de remuneração de R\$ 1.224,83, jornada semanal de 43h, 24 anos de idade, sexo feminino, ensino superior incompleto e atuação no segmento de restaurantes e similares. Mas qual é o cenário em outras capitais brasileiras? Para ilustrar o perfil de atuação, há abaixo uma tabela com exemplos de cidades das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul respectivamente.

Tabela 1 - Amostragem dos recreadores no Brasil

PERFIL DOS RECREADORES DO BRASIL COM REGISTRO EM CARTEIRA							
Cidade	Núm. de pessoas	Remun. (R\$)	Idade	Sexo	Escol.	Jornada semanal	Segmento que mais empregou
Manaus – AM	40	1.210,15	20	F	Ensino médio	40h	Restaurantes e similares
Salvador – BA	88	1.195,67	25	F	Ensino médio	39h	Parques de diversões e parques temáticos
Brasília – DF	1.259	1.321,67	23	F	Ensino médio	43h	Educação infantil – creche
São Paulo -SP	1.953	1.671,66	22	F	Sup. inc.	42h	Parques de diversões e parques temáticos
Curitiba – PR	136	1.444,52	24	F	Ensino médio	43h	Agências de publicidade

Fonte: adaptado pelo pesquisador a partir de informações da plataforma Salario.com.br (SALÁRIO, 2020).

Na tabela há aspectos interessantes, percebe-se que entre os recreadores predominam pessoas do sexo feminino e com média de 22,8 anos. Sabendo que o salário mínimo no Brasil

¹⁷ Ao utilizar a nomenclatura recreador estou me referindo aos profissionais que atuam no contexto/âmbito do lazer.

¹⁸ Esta plataforma disponibiliza um levantamento salarial dos brasileiros e demais informações sobre o mercado de trabalho no Brasil com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). As informações coletadas têm como base contratações e demissões realizadas entre os meses de maio/2019 e dezembro/2019 de profissionais de carteira assinada contratados em regime CLT em território nacional (SALÁRIO, 2020). Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/recreador-cbo-371410/>

é de R\$ 1.045,00, a cidade de São Paulo é a que mais emprega e que melhor remunera pagando em média 1.6 salários. Outro aspecto curioso é que de acordo com a plataforma Salários.com a escolaridade mínima para o exercício da função é ensino médio e em São Paulo a escolaridade média é ensino superior incompleto, dessa forma posso deduzir que ser estudante de ensino superior é um fator importante para ocupar os cargos de recreadora na cidade.

No que corresponde a uma síntese do Brasil como um todo, o *Portal Salário* ainda estipulou que o perfil profissional mais recorrente do recreador é de um sujeito do sexo feminino, 20 anos de idade, ensino médio completo e que desempenha a atividade por cerca de 44h semanais nas empresas do segmento de educação infantil/creches recebendo uma faixa salarial que varia entre R\$ 1.250,00 e R\$ 2.572,40, tendo em média a remuneração de R\$ 1.262,06.

Antes de adentrar ao próximo ponto que consiste em uma análise socioeconômica do setor cultural afirmo que os profissionais do lazer são profissionais da cultura, logo, os recreadores também estão nessa enseada. Embora exista o entendimento de que o trabalho com a cultura se restringe aos artistas, o lazer permite outras possibilidades de inclusão.

O IBGE (2019) divulgou um balanço com informações e indicadores culturais no Brasil, entre os anos de 2014 e 2018, que vão referendar a reflexão acerca dos dados presentes na tabela acima sobre os salários dos recreadores no Brasil. Há predominância do sexo feminino entre as pessoas ocupadas com recreação, assim como no setor cultural como um todo. De acordo com o IBGE (2019), a quantidade de mulheres trabalhadoras da cultura superou a de homens em 2018; elas representam 50,5% da participação no setor da cultura¹⁹.

A média de idade dos recreadores com carteira assinada em todo o Brasil é de 20 anos, e dados do IBGE (2019) citam que o setor da cultura, quando comparado com os demais setores da economia, é o que mais emprega jovens.

Na análise por grupos de idades, alguns pontos merecem destaque. Em primeiro lugar, a população ocupada na cultura é proporcionalmente mais jovem que a população ocupada nos demais setores da economia. Em 2014, a população de 14 a 24 anos de idade representava 20,0% do total de ocupados na cultura, enquanto, na população ocupada em todas as atividades produtivas, esse valor atingia 16,6%. Em 2018, essa diferença reduziu. Os jovens nessa faixa de idade eram 15,3% dos ocupados na cultura e 14,4% dos ocupados em todas as atividades (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019, p. 130).

¹⁹ No entanto este crescimento das mulheres parece ser restrito ao quantitativo de pessoas a atuarem no campo da cultura. Conforme IBGE (2019) no que se refere aos rendimentos no setor cultural “o rendimento delas foi de R\$ 1 805, enquanto o dos homens foi de R\$ 2 586 (diferença de R\$ 781)” (p. 138). Quedas no rendimento foram maiores para as mulheres (redução de 8,0%) enquanto aos homens a redução foi 6,8%.

A respeito da formação, o IBGE (2019) afirma que as pessoas com nível superior estão proporcionalmente ocupando mais cargos no setor da cultura do que os demais setores da economia. “Enquanto 19,9% dos trabalhadores em geral, 18,4 milhões, possuíam nível superior completo, no setor cultural, esse percentual alcançou 26,9%, 1,4 milhão de trabalhadores” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019, p. 132). No que corresponde ao perfil de formação dos recreadores brasileiros, ainda há variação entre ensino médio completo e superior incompleto.

No que se refere aos vínculos trabalhistas, como o mercado tem-se comportado nos últimos anos? De acordo com as estatísticas salariais do *Portal Salário*, entre os meses de maio e dezembro de 2019, houve queda de 23,33% nas contratações formalizadas com carteira assinada em regime de tempo integral de recreadores. Tal redução nas contratações também alcançou o segmento da cultura onde se aponta que o número de trabalhadores formais caiu de 3,2 milhões para 2,9 milhões entre os anos de 2014 e 2018, de acordo com publicação do IBGE (2019).

Quais as tendências da ocupação entre os profissionais da cultura? Segundo o IBGE (2019), nos diversos setores da economia (e também no da cultura), entre os anos de 2014 a 2018, houve uma redução da participação com carteira assinada e o aumento da participação dos trabalhadores por conta própria. Dados afirmam que o percentual de ocupados com carteira de trabalho assinada atuantes em outros setores da economia caiu de 39,3% para 35,6%, e para os ocupados com carteira de trabalho assinada atuantes na cultura, a queda foi de 45,0% para 34,6%. O percentual de trabalhadores por conta própria aumentou de 23,2% para 25,4% nos outros setores da economia, e de 32,5% para 44,0% no setor da cultura, “passando a ser, desde 2016, a posição na ocupação mais frequente nesse setor” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019, p. 135).

O crescimento do trabalho por conta própria estimula uma reflexão. Na visão do IBGE, a ocupação informal:

é representada por empregados e trabalhadores domésticos sem carteira de trabalho assinada; trabalhadores por conta própria e empregadores que não contribuem para a previdência social; e trabalhadores familiares auxiliares. Esse tipo de trabalho aumentou consideravelmente dentro do setor cultural. Em 2014, 38,3% (2,0 milhões) de trabalhadores culturais estavam na informalidade, enquanto, em 2018, esse percentual atingiu 45,2% (2,4 milhões de trabalhadores) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019, p. 136).

Conforme os dados citados há 2,4 milhões de trabalhadores culturais na informalidade no Brasil, um número expressivo que dá condições para acordos de trabalho mais flexíveis. Ao

falar sobre o modelo de contratação nos acampamentos de férias, Stoppa (2004) aponta essas questões da informalidade no setor:

A forma de "contratação", geralmente, está relacionada ao trabalho como freelancer, ou seja, as pessoas são chamadas pela própria gerência e/ou coordenação dos locais, que possuem um rol de interessados e que vão participando à medida que há disponibilidade de tempo para a realização do trabalho, sendo paga a remuneração de acordo com o número de dias trabalhados. Esse tipo de inserção no mercado de trabalho revela a precarização das relações trabalhistas nesses espaços, em que grande parte das pessoas atua como mão-de-obra informal e de alta rotatividade, de baixo custo para o empregador (STOPPA, 2004, p. 10).

O autor cita algumas especificidades da inserção *freelancer* dos profissionais autônomos no mercado, onde as relações entre empresa e trabalhador se dão em um período geralmente de curta duração, e, após a realização do serviço, o profissional recebe o referente aos dias trabalhados. A partir da leitura de Stoppa (2004), percebo que essa mão-de-obra informal de alta rotatividade é de baixo custo para o empregador, pois o isenta de uma série de custos com o trabalhador, como férias, décimo, terceiro salário, licença maternidade, aviso prévio etc.

Questiono se, nas condições de trabalho de “contratações” do tipo *freelancer*, os profissionais de lazer poderiam exercer suas funções em boas condições de trabalho, estando seguros com equipamentos de proteção individual (protetor solar, repelentes, calçados antiderrapantes, protetores auriculares, entre outros importantes para a função) e assistidos caso tenham algum acidente no trabalho. O autor segue:

O local funciona como um "bico" para o empregado, uma vez que trabalha sem qualquer vínculo empregatício, colocando em evidência a questão do profissionalismo no lazer. Essa informalidade, reflexo da situação social do País, é encontrada em outros espaços de atuação semelhantes aos acampamentos de férias, como os hotéis de lazer e clubes sociais (STOPPA, 2004, p. 10).

Estou de acordo com o autor quando entende que o trabalho informal possa produzir precarização nos espaços de atuação em lazer, o que pode dificultar a articulação da categoria profissional. A precarização do trabalho é algo preocupante caso seja internalizada e reproduzida pelo profissional desestimulando-o de reivindicar qualidade no ambiente laboral e equidade salarial.

A análise de Arruda (2018) sobre o perfil e a trajetória de recreadores do Brasil, analisa a atuação profissional no mercado de trabalho e traz alguns pontos que nos ajudam a refletir sobre suas condições de trabalho e as perspectivas profissionais desses trabalhadores. Segundo a autora, os profissionais de lazer estão sujeitos à sazonalidade do mercado com oportunidades de trabalho limitadas aos períodos de férias, feriados prolongados e datas comemorativas.

Cabe a pergunta: como o profissional de lazer enxerga sua permanência no campo? Na contramão das adversidades para atuação profissional explanadas até então, o estudo de Arruda (2018) dá indicações das intenções dos recreadores em permanecerem atuantes no campo. No estudo em que os entrevistados tinham idade média de 33,7 anos, questionou-se sobre a pretensão em permanecer no campo do lazer e da recreação: 60% dos respondentes responderam que pretendiam trabalhar no campo pelo restante de suas vidas; 32% pretendem permanecer por alguns anos; enquanto 8% desejam atuar no lazer e recreação até conseguirem outro emprego; os demais entrevistados não tinham pretensão de passar mais que alguns meses no campo. Pelo recorte da autora, posso inferir que há interesse dos profissionais na área em permanecer atuando como animadores, sendo interessante haver qualificação contínua em busca de aprimoramento profissional.

Questiono ainda quais as possibilidades de o profissional de lazer enxergar-se como agente de transformação social, quando muitas vezes sequer tem condições de transformar o seu próprio ambiente de trabalho, imerso em uma rotina exaustiva e pouca liberdade de decisão. Pensar a ação profissional nos possibilita visualizar a ambiência do mercado como esfera formativa, com o desafio de garantir que, além de fonte de subsistência, o trabalho seja possibilidade de realização pessoal.

Boa formação e fundamentação teórica sólida são importantes para práticas profissionais inovadoras e de qualidade conforme podemos perceber nos estudos de Stoppa (1998), Melo e Alves (2001) e Ribeiro e Montanari (2012).

O trabalho de Stoppa (1998) aborda o processo de formação dos animadores de um acampamento de férias, de modo que identifica a ausência das Teorias do Lazer durante a etapa de preparação destes profissionais e na atuação. O autor identificou uma visão restrita e parcial do lazer presa a programações que não garantiam o desenvolvimento pessoal e social dos participantes, além de substituição da produção cultural da criança pela produção cultural para a criança.

Outro estudo que aponta a importância da teoria do lazer na atuação dos profissionais foi o de Melo e Alves (2001). Ao analisar o trabalho de um grupo de animação de festas da cidade de Belo Horizonte, a autora identificou problemas como regras rígidas na execução das brincadeiras, reforço de exclusões, preconceitos e seleção por aptidão física, seguindo os moldes dos programas de auditórios infantis dos anos oitenta. O estudo de caso termina com a indicação de que o sujeito animador de festa deva buscar maleabilidade e criatividade na execução das tarefas e qualificação profissional.

Em ambos os exemplos ficou evidente a importância da teoria em uma atuação que pareceu priorizar conteúdos prontos para as crianças em detrimento de conteúdos culturais construídos com as crianças.

No que compete à formação dos animadores de eventos que trabalham diretamente com o público infantil em navios de cruzeiros, Ribeiro e Montanari (2012) afirmam que nos processos seletivos de algumas companhias é exigida aos animadores, que atuarão com crianças, formação em pedagogia ou em outras como bacharelado em lazer, turismo, educação física etc. Essa exigência de ensino superior não chega aos demais animadores que vão atuar com outros públicos do navio. Fato pelo qual os autores lamentam já que é desejável que “todos os profissionais de lazer de um navio de cruzeiro tenham formação universitária, ou no mínimo técnica” (RIBEIRO; MONTANARI, 2012, p. 58) para que a qualidade no trabalho realizado não seja comprometida. Os autores citam, por exemplo, casos de passageiros constrangidos a participarem da programação de companhias nas quais não era exigida formação aos animadores de adultos.

A produção teórica sobre formação profissional no lazer estimula uma prática inovadora em que o indivíduo busque qualificação e a formação cultural; exerça liderança em busca de processos criativos e colaborativos; tenha uma comunicação engajada e contagiante; além de competência e visão no planejamento e avaliação de ações. Por fim, um profissional que terá condições de transformar o seu campo de atuação é aquele que domina diferentes linguagens, que entende as diversas dimensões da cultura e o papel do lazer para a emancipação social. Pensando nisso é interessante também entender o profissional de lazer responsável por “animar experiências culturais” na sociedade, especialmente o que interage diretamente com a animação de eventos infantis.

2.3 O animador de eventos infantis profissional

O campo do lazer possibilita que profissionais atuem em diferentes perspectivas e recebem diversas nomenclaturas. Segundo Melo et al. (2008) costumam ser utilizados vários termos para designar o profissional de lazer como recreador, professor, mediador, agente cultural, gentil organizador, animador etc. Para Stoppa e Isayama (2001, p. 86) “essa multiplicidade de denominações é escolhida com base no tipo de ação que se quer retratar”. A respeito disso Marcellino (2006a) afirma que existem funções de animação que são específicas para professores de educação física e outras por arte-educadores, por exemplo.

Busco encontrar uma nomenclatura que melhor represente o profissional que atue com a animação de eventos infantis, responsável por estimular momentos de lazer junto às crianças e seus familiares nessas ocasiões a partir de uma perspectiva lúdica. Na Classificação Brasileira de Ocupações CBO²⁰ a ocupação que mais se aproxima disso é denominada por recreador (cód. 3714-10). Cabe a este profissional a responsabilidade por promover:

atividades recreativas diversificadas, visando ao entretenimento, à integração social e ao desenvolvimento pessoal dos clientes. Para tanto, elaboram projetos e executam atividades recreativas; promovem atividades lúdicas, estimulantes à participação; atendem clientes, criam atividades recreativas e coordenam setores de recreação; administram equipamentos e materiais para recreação. As atividades são desenvolvidas segundo normas de segurança (BRASIL, [20--]c, online).

Cabe, portanto, a esta ocupação elaborar, executar, promover, estimular, atender, criar, coordenar e administrar, entre outras ações garantir o autodesenvolvimento das pessoas, vivências lúdicas e participação social e os contextos de atuação são variados. Ainda de acordo com a CBO a escolaridade mínima para o exercício dessas ocupações é ensino médio e tal fato provoca a reflexão sobre a qualidade da intervenção profissional em lazer. Alves (2019) cita condições em que os profissionais assumem seus cargos.

O contratante se ausenta da responsabilidade da contratação, gerando e concordando com qualquer tipo de contrato, oferecendo trabalho para jovens estudantes, que muitas vezes não estão preparados para a função, e o trabalho acaba não sendo duradouro e de pouca qualidade. Geralmente os profissionais que atuam no campo do lazer ainda se encontram no processo de formação acadêmica, não estão formados e, mesmo assim, atuam como mediadores de atividades a partir de uma experiência pessoal sem a competência específica (ALVES, 2019, p. 172).

Visto que a exigência mínima de formação para um recreador, de acordo com a lógica do mercado, é de ensino médio há possibilidade que o pensamento dos autores seja aplicável aos serviços de recreação. Tais serviços acabam por empregar pessoas de ensino médio ou estudantes em formação específica no campo das artes, educação, educação física sem ter a competência específica para a função e acabam por mediar ações de lazer a partir de suas experiências pessoais.

²⁰ A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é uma plataforma do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) que subsidia levantamentos estatísticos, unifica nomenclaturas e atualiza definições de ocupações no país. Ocupações são entendidas pela CBO como “atividades exercidas pelo cidadão em um emprego ou outro tipo de relação de trabalho (autônomo, por exemplo)” (BRASIL, [20--]c, on-line) e podem incorporar atividades laborais regulamentadas e não-regulamentadas. A organização piramidal da CBO costuma estruturar as classificações em famílias (categorias e subcategorias que tenham algo em comum), por exemplo ao buscar a palavra-chave “lazer” na plataforma verifiquei que há diversas ocupações que a tem presente em suas descrições e variam desde arte-educadores a profissionais que alugam equipamentos esportivos para práticas de lazer.

Sobre a formação, Alves (2019) cita duas perspectivas existentes, uma que privilegia uma formação tecnicista, representada pelos recreadores, e outra fundada na em processos culturais mais amplos, representada pelos educadores, mediadores culturais e animadores. A autora ainda relaciona o papel da ludicidade nessa prática profissional. Sobre a perspectiva de uma formação cultural crítica e fundada em processos culturais mais amplos a autora pensa que:

tem-se os educadores e mediadores dos elementos pertinentes ao campo do lazer, animadores com seriedade que, com os mesmos artefatos lúdicos provocam sorrisos e não gargalhadas. Procuram ensinar e divertir o público utilizando de práticas esportivas voltada para o aspecto não competitivo e sim, da fruição da atividade, utilizam de filmes e documentários, visitas técnicas, jogos e brincadeiras, e orientação em museus, guias, entre outros artefatos que são tomados como meios de conhecimento e reflexão associados a uma visão crítica do contexto social. Esse profissional, cuja formação é mais ampla e possuidora de sensibilidades, procura fazer de determinadas experiências uma vivência de aquisição de algum conhecimento sobre algum artefato cultural. Nessa posição, o animador com simpatia, competência e gentileza, produz modos de ensinar e aprender que se baseiam no lúdico e na diversão como patrimônio e características humanas culturais dos sujeitos (ALVES, 2019, p. 176).

Na fala da autora é evidente que a formação crítica e pautada no engajamento social tende a qualificar a intervenção profissional. A ludicidade é percebida aqui como fator de que estimula a sensibilidade para a interação com diversas possibilidades culturais. Essa perspectiva é contraposta por uma atuação profissional fundamentada na técnica e em uma apreensão parcial da ludicidade, representada pelo:

recreador, profissional cuja formação tecnicista dos conteúdos pertinentes ao Lazer, transmite conhecimentos e saberes por meio de receitas e práticas decoradas, fundamenta suas ações num repertório lúdico descontextualizado, com o objetivo de desviar a atenção das pessoas do cotidiano e do momento em que estão submersos. É o profissional que conta piadas, sobe num palco e encarna personagens que cantam e dançam em busca de provocar o riso e a gargalhada no público, ou seja, utiliza dos conhecimentos do lúdico e da diversão para ser engraçado. Toma o esporte como prática recreativa e abusa das vivências de jogos e brincadeiras, suas ações incentivam a socialização e atuam com perspectivas artísticas (ALVES, 2019, p. 176).

Entendo que a autora não pretende fazer generalizações a todos os recreadores, tampouco negligenciar práticas que estimulem novas experiências em lazer, porém Alves (2019) questiona quais as contribuições de uma formação restrita a um caráter tecnicista dos conteúdos de lazer e socialmente descontextualizada.

Geralmente, esse profissional é conhecido como, o “tio” que ocupa os espaços em feiras, hotéis, acampamentos, excursões, festas e em programas de políticas públicas de esporte e lazer como monitor. Nesse contexto, o objetivo e o conhecimento a ser mediado são do lúdico como alegria, espontaneidade e da diversão pelo divertimento. Essas experiências podem conduzir o animador e os sujeitos participantes a duas perspectivas, a zombaria, tais como, chacota e ridicularização. E não opostamente,

mas com outro formato, ao contentamento, levando ao entusiasmo e efetivamente aos risos (ALVES, 2019, p. 176).

A autora ainda evidencia que uso parcial dos conhecimentos do lúdico representado pela alegria, espontaneidade e da diversão pelo divertimento poderia restringir as vivências de lazer à zombaria nos momentos de comicidade ou ao contentamento social. É interessante pontuar que a Associação Brasileira de Recreadores (ABRE), entidade representativa desta categoria profissional propõe que o trabalho com recreação siga alguns preceitos. Assim, o recreador:

É aquele que interage com pessoas, sobretudo com grupos, diretamente. Este traduz a cultura elaborada em atividades de recreação e lazer capazes de atrair e mobilizar pessoas sob a forma de programações fixas, regulares ou de eventos, dispondo para isso, da sua capacidade de sintonizar com o gosto do público. Devem gostar de gente e de cultura e ainda, ter presente a sensibilidade da ludicidade e a capacidade de interpretar as expectativas do grupo, desenvolvendo na sua plenitude a ação pedagógica e didática do educador “não formal” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECREADORES, [20--], on-line).

Embora tal definição evidencie a ludicidade enquanto possibilidade de experiência de sensibilidade e de educação, a função do recreador parece ser restrita à elaboração de atividades agradáveis ao público em contextos diversos. Tal definição que privilegia atividades recreativas tem uma constituição histórica e possui proximidade com os estudos da recreação e do Lazer no Brasil.

Gomes (2008) discorre sobre os significados e relações constituídas entre recreação e lazer no Brasil apontando algumas vertentes de estudo. A primeira delas entende o lazer como expressão da cultura e a recreação como atividade exclusiva do lazer e aproxima-se ao lúdico (jogo). A segunda vertente aborda que recreação e/ou lazer são uma área de conhecimento que tem como objetivo fazer o indivíduo experimentar uma vivência lúdica. A terceira vertente é similar a segunda e acredita que lazer e recreação têm a mesma função sociocultural de diversão, e a única diferença existente é idiomática visto que em algumas línguas modernas a palavra lazer não tem um correspondente para o português.

No Brasil até meados da década de 1950 na produção teórica predominavam manuais de atividades recreativas e de acordo com Gomes (2008) a obra “Lazer Operário” (que estudava os operários de Salvador em meados da década de 1950) foi um marco nos estudos do lazer, pois, embora se fundamentando na teoria da recreação, ampliou o debate com entendimentos mais abrangentes sobre lazer. Já na década de 1970 a ideia de lazer parece distanciar-se de recreação. A recreação continuava a ter seguidores na Educação Física, Terapia Ocupacional, Pedagogia e os seus estudos seguiam direcionados para técnicas e operacionalização das brincadeiras. Os Estudos do Lazer vinculam-se com a discussão da Sociologia do trabalho e da

Educação. Alguns dos marcos iniciais para o crescimento do campo do lazer consistiram na implementação de centros de estudo, cursos de especialização em lazer e eventos temáticos.

Por fim a Gomes (2008) reflete sobre avanços no campo do lazer e se as relações construídas com a recreação questionando se tal ligação ainda se faz necessária. Ela julga necessário romper com a lógica da reprodução cultural da recreação orientada nas práticas de lazer e afirma que:

os jogos, as brincadeiras e outras vivências constituem um patrimônio cultural da humanidade e, enquanto tal, poderão continuar integrando as relações entre lazer, trabalho e educação – desde que sejam vistos na perspectiva da construção/reconstrução de sentidos culturais diversificados e não como uma “receita”, como algo pronto, acabado e impossível de ser reinventado. Afirmando isso respaldada pelos “manuais” que continuam sendo amplamente produzidos, publicados, reeditados e vendidos nos dias de hoje (GOMES, 2008, p. 121).

No argumento da autora fica evidente a ideia de construção e reconstrução da cultura e o papel do profissional do lazer em possibilitar aos sujeitos vivências de engajamento cultural onde haja espaço para o debate, criatividade e participação. Vários teóricos na produção científica sobre estudos do lazer (GOMES, 2008; MELO, 2004; STOPPA; ISAYAMA, 2001; HOLLANDA, 2006) têm trabalhado com a ideia de animação cultural ou animação sociocultural para pensar a intervenção que acontece no âmbito do lazer. Concordo com Melo (2004, p. 12), que afirma que expressão animação cultural mostra-se apropriada para definir a ação do profissional que lida com a cultura quando comparada à ideia de recreação:

Define a peculiaridade de ação de um profissional que tem a cultura como foco e estratégia central de atuação. Epistemologicamente, parece-nos mais adequado do que outras expressões concorrentemente utilizadas no Brasil, como recreação e ação cultural (MELO, 2004, p. 12).

A partir da fala do autor percebo que o profissional que interage com a cultura na perspectiva da animação cultural tem condições de gerar maior engajamento social na medida que proporciona protagonismo do público. Nesse sentido Stoppa e Isayama (2001, p. 94) entendem que trabalhar com animação não significa:

atuar de maneira estereotipada ou como um “apresentador de auditório”, que procura estimular o consumo alienado do divertimento, mas sim intervir com a ideia da construção coletiva da satisfação, do prazer e da alegria, e isso implica lidar com limites e possibilidades das mais diversas ordens. A animação sociocultural, assim, busca se alicerçar na vontade social e no compromisso político-pedagógico de promover mudanças nos planos cultural e social. Portanto, uma ação preocupada com essas questões pode contribuir com o efetivo exercício da cidadania e com a melhoria da qualidade de vida, buscando a transformação social, para tornar a nossa realidade mais justa e humanizada. Representa, portanto, uma ação educativa preocupada com a emancipação dos sujeitos (STOPPA; ISAYAMA, 2001, p. 94).

Ao analisarem relações entre lazer e mercado, especialmente no que tange à atuação do profissional, Stoppa e Isayama (2001, p. 94) discorrem sobre atuação profissional na perspectiva da animação sociocultural que além de gerar prazer e alegria também tem a função de estimular as pessoas a novas experiências em seus momentos de lazer. O sentido de “construção coletiva” do prazer, da satisfação e da alegria, na perspectiva dos autores, implica em lidar com limites e potencialidades das mais diferentes ordens.

Hollanda (2006, p. 10) aponta que novas perspectivas para a ação do animador cultural desconstrói o papel de ser um sujeito “responsável por atividades de recreação e informação cultural”. A autora acredita que, frente às lutas da sociedade civil no campo da cultura e as possibilidades de ação política, “o novo animador passa a ser entendido como mediador e não mais como instrutor” (HOLLANDA, 2006, p. 11). Assim, o animador deve buscar articulação produtiva entre saberes diferenciados, questionar e problematizar noções dominantes de arte, cultura e estética, bem como estimular o exercício crítico diante dos fenômenos culturais e sociais, e empenhar-se para que a estética seja vinculada à ética na arte e na cultura, convertendo-se assim em um mediador e não mais um instrutor.

Tendo posto esse debate, qual classificação mais adequada para denominar a categoria profissional tema deste estudo? Em primeiro lugar as perspectivas teóricas que adotei sobre a animação cultural não são manifestadas em sua plenitude na prática laboral do animador de eventos infantis. Não pela impossibilidade de os mesmos serem pessoas socialmente engajadas e interessadas na difusão cultural como intervenção política, mas pelo fato de que ações de animação cultural são processos amplos que envolvem finalidades diversas além de divertir-se por divertir-se.

Além disso, o tempo restrito de um evento infantil e a rotatividade das crianças não garantiria ao animador de eventos condições para implementar projetos contínuos e integrados com os outros ambientes dos quais as crianças participam como escola, família, espaços de lazer, igreja, associações de bairro, entre outros. O trabalho do animador cultural deveria estar articulado com outras entidades de intervenção cultural e política e espaços de discussão com o poder público. Não posso dizer que nessas duas a cinco horas de festa o animador de eventos infantis não possa desenvolver ações de contato com diversas linguagens culturais e experiências de lazer que vão além de controlar e ocupar as crianças.

Outro ponto que provocou a escolha da terminologia “animador de eventos infantis” consiste em sua relação com a prática do recreador. Embora sejam atuações profissionais próximas do ponto de vista da capacidade de elaborar e desenvolver atividades de lazer para o

público, em Belém do Pará se espera que o profissional que atue nos eventos infantis tenha uma postura de “porta-voz da festa”, que com o uso do microfone e outras estratégias de comunicação mobilize as pessoas e faça o evento ter sentido de celebração.

Entendo ainda que esses profissionais têm a responsabilidade de elaborar e executar estratégias de lazer para o público infantil através de uma perspectiva lúdica. Por eventos infantis entendo que são acontecimentos esporádicos ou regulares em ambientes privados ou comunitários, onde há uma quebra da rotina com momentos de brincadeira e demais possibilidades culturais com danças, jogos, cantos, artes manuais, entre outras situações onde crianças e seus familiares participem.

Os setores aos quais os animadores de eventos infantis estão vinculados são público, privado e terceiro setor, com vínculos empregatícios diversos e os espaços de atuação podem ser escolas, centros comunitários, instituições filantrópicas, hotéis, acampamentos, acantonamentos, resorts, clubes, navios, parques temáticos, *buffets* infantis, *spas*, *playground* entre outros. São exemplos de eventos infantis onde há atuação direta do animador: colônias de férias, escolas bíblicas de férias, formaturas em escolas, feiras culturais, celebrações cívicas, oficinas, convenções, quermesses e mais comumente festas de aniversário das crianças.

Sobre os aniversários infantis, Cavallari e Zacharias (2008) afirmam que nas festas como um todo é despertado o imaginário de seus participantes a assumir comportamentos diferentes do seu dia-a-dia. Os espaços físicos têm decoração temática, música ambiente e, em alguns casos, elementos de animação já à porta como recepcionistas, bandinhas de música e pessoas fantasiadas de personagens.

Os animadores de eventos infantis costumam ser contratados para elaboração e execução atividades de interesses diversos (jogos, brincadeiras, concursos, apresentações culturais, atividades manuais, pintura no rosto das crianças etc.) que acontecerão em diferentes momentos e locais do espaço. Esses profissionais são responsáveis por estimular o engajamento das pessoas às experiências de lazer e sobre a organização dessa programação, Cavallari e Zacharias (2008) afirmam que para animador de eventos infantis:

é importante escalonar as atividades e promover para que haja momentos onde o participante da festa estará no papel de espectador e outros momentos onde ele será o protagonista das atividades. Sempre que possível, a festa deve culminar em um ápice, um ponto alto, encerrando-se com uma dinâmica de impacto. É também o momento de se processar a entrega de prêmios e brindes, caso existam (CAVALLARI; ZACHARIAS, 2008, p. 42).

Os autores citam a questão do protagonismo dos participantes e me provoca a pensar que serviços direcionados para crianças traz a ideia da importância de tê-las como protagonistas

de seus momentos de lazer. Marcellino (2006b) alerta que, por diversos fatores de cunho socioeconômico, a produção cultural para crianças vem cada vez mais substituindo a produção cultural das crianças. Nesse contexto penso que os profissionais de animação de eventos devam garantir tempo e espaços apropriados para que as crianças possam produzir cultura através de vivências lúdicas.

Acerca desses conhecimentos e do perfil que um animador de eventos deve buscar, recorro a Melo e Alves Junior (2003, p. 79) para contextualizar as características profissionais ideais para o animador. O autor acredita que o animador cultural deva ter postura que incorpore diálogo, permanente atualização, liderança, boa comunicação, criatividade, organização, e senso crítico. No que se refere aos conteúdos, este animador deve dominar pontos referentes à diversidade de linguagens, possibilidades de lazer e cultura.

Um animador de eventos infantis que dialoga com outras profissões qualifica o seu trabalho na medida que pode envolver-se em projetos interdisciplinares para o lazer das crianças. Entre as áreas afins que este profissional pode estabelecer contato está a pedagogia, serviço social, psicologia, turismo, artes, entre outras. A permanente atualização deste animador de eventos acontece através de novas leituras, progressão acadêmica, dentre outras possibilidades.

A liderança de um animador de eventos não está resumida à gestão de equipe nas festas. Melo e Alves Junior (2003, p. 79) afirmam que “liderar significa conduzir para o desenvolvimento de seu potencial criativo, estimulando a participação crítica e ativa e proporcionando condições seguras para tal desenvolvimento”. Um animador consegue, através de comportamento, mobilizar as pessoas em prol de um objetivo comum, compartilhar saberes e valorizar o potencial dos colegas, garantindo assim o desenvolvimento profissional de todos. O animador de eventos também precisa ter um comportamento democrático na condução dos trabalhos com as crianças, mediação de conflitos na equipe, desenvolvimento de projetos e demais deliberações que influenciem a vida das pessoas.

A comunicação do animador de eventos infantis deve ser clara e funcional (fazer-se entender) e não violenta (não utilizar a linguagem para oprimir outras pessoas). Esse profissional deve ter sensibilidade e domínio de diversas estratégias discursivas para conseguir se comunicar com crianças surdas, cegas, autistas, que falem outro idioma, que tenham idades variadas. O animador de eventos também precisa dialogar com profissionais de outras áreas a fim de construção de projetos coletivos, bem como ser criativo na interação com o seu público-alvo, na proposta de soluções para problemas de diversas ordens e na prospecção de serviços

inovadores de lazer. É interessante destacar que para maximizar o potencial criativo de um animador é válida uma formação cultural permanente para que o mesmo possa inspirar-se em ideias inovadoras.

Melo e Alves Junior (2003) acreditam que o animador precisa ser organizado ao ponto de conseguir planejar, operacionalizar, e avaliar as suas ações. No contexto da animação de eventos infantis penso que a organização vai desde o domínio da quantidade de materiais necessários para as brincadeiras, administração de horários do começo e fim do serviço, entre outros aspectos.

A respeito do senso crítico que o animador cultural deve ter, destaco que ele garante ao animador de eventos ter dimensão dos contextos aos quais está inserido possibilitando questioná-los e se possível transformá-los (inclusive o forte apelo comercial agregado aos eventos infantis). Uma postura crítica auxilia na desconstrução de opressões de todos os tipos e valores nocivos à sociedade (consumismo, sexíssimo e racismo) que acabem sendo reproduzidos também nos eventos infantis. Refletir sobre questões ligadas a qualidade do ambiente de trabalho: tempo para descanso da equipe, alimentação, acordos abusivos, também é interessante.

Em relação aos conteúdos (linguagem, lazer e cultura), penso que o animador de eventos infantis profissional deva buscar conhecimento de mundo e das várias linguagens (artes plásticas, teatro, dança, esportes, internet, música) que possam ser incorporadas à sua rotina laboral. No que compete a lazer, o animador de eventos infantis deve ter em mente nele há possibilidade de intervenção pedagógica para a promoção de prazer e diversão na melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Em relação à cultura, ao animador de eventos infantis compete “compreender a cultura como um conjunto de valores e normas, não somente como uma série de manifestações” (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p. 80). Uma conexão que posso fazer com o trabalho do animador de eventos infantis é quando este sujeito pode ajudar a garantir às crianças possibilidades de experiências que valorizem o “brincar pelo brincar”, liberdade de participação e de criatividade, além do acesso à diversas linguagens culturais.

Embora este estudo não tenha por objetivo caracterizar os eventos infantis (e sim entender a formação e atuação profissional dos animadores que neles atuam), destaco que compreendo os eventos infantis, especialmente as festas de aniversário, como um nicho do mercado onde o ritual de apresentar a criança para a sociedade é marcado por influências socioeconômicas em famílias de diversos graus de poder aquisitivo. Estas influências estão

presentes em diversas maneiras como na indústria do cinema e dos brinquedos e nas empresas de lazer, por exemplo. Cabe ao animador entender-se como profissional que consiga compreender a dimensão formativa os eventos fazendo um diálogo entre os produtos voltados para as crianças, cultura popular e educação.

Por fim, para essa prática de mediação cultural dos animadores é necessário mobilizar saberes de diversas ordens, mas em quais contextos da trajetória de vida dos profissionais eles são construídos? É necessário debater acerca da relação entre vida, experiência, aprendizado e mobilização de saberes em contextos de atuação profissional através de um diálogo com o campo da educação.

3 EXPERIÊNCIA E MOBILIZAÇÃO DE SABERES NO ÂMBITO DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

3.1 A Ideia de Experiência na Construção de Saberes

Este capítulo tem como tema transversal os saberes constituídos na trajetória do indivíduo dialogando com referenciais teóricos que analisam a mobilização de saberes no âmbito profissional. No primeiro momento discuto sobre a produção de saberes no seio das práticas culturais em ambiente escolar e fora da escola utilizando o conceito de experiência (BONDÍA, 2002) e saber (BRANDÃO, 2007; FISCHER; LOUSADA, 2010), além de políticas de reconhecimento de saberes.

No segundo momento abordo a questão dos saberes dentro da profissão docente (PINTO, 2010; ALVES, 2007; CUNHA, 2007; TARDIF, 2000; PIMENTA, 2002), assim como cito algumas contribuições teóricas acerca dos saberes constituídos em outras profissões (PEREIRA, 2010; KOSINSKI; LISBOA, 2015; PEREIRA; CARIA, 2014). Sigo a discussão abordando a pluralidade e diferentes contextos de formação dos saberes profissionais (TARDIF, 2014; CORREIA, 1998; PIMENTA, 2002; PINTO, 2010; PRADO; MORAIS; ARAÚJO, 2011; AMORIM FILHO; RAMOS, 2010; RAYMOND; TARDIF, 2000; GOMES, 2011). Por fim tematizo a questão dos saberes dos profissionais que atuam no âmbito do lazer (UNGHERI, 2014; DORES, 2016; SILVA, 2010; CAPI, 2016; ALVES, 2019).

Inicialmente quero destacar que para Bondía (2002, p. 21) "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca". A partir desse apontamento, inicio aqui uma discussão que tem por objetivo entender a relação entre o sujeito e o mundo que o cerca, mais especificamente perceber como as coisas que acontecem na vida do sujeito o transformam, envolvendo-o e conformando a experiência. No entanto, o autor entende que a experiência tem se tornado rara, apontando quatro possíveis razões que justificam essa escassez: acesso à informação, a necessidade de se ter opinião sobre tudo, a falta de tempo para experienciar e o excesso de trabalho. O autor afirma ainda que, na lógica da "sociedade da informação", há preocupação dos sujeitos em estarem informados sobre tudo e a todo momento, havendo uma antítese entre ter experiência de algo e ser informado sobre algo que aconteceu com outros sujeitos.

À busca constante pela informação se incorpora o excesso de opinião. O "bombardeio" de informações às quais os sujeitos hoje estão submetidos provoca nas pessoas uma postura

onde é exigido que emitam opiniões, muitas vezes superficiais, sobre todas estas informações, sem que haja tempo suficiente para reflexão sobre o que se opina. A falta de tempo é apontada como terceiro fator que tem tornado a experiência mais rara. O tempo que a pessoa teria disponível para experienciar acaba sendo destinado a responder aos constantes estímulos aos quais é exposta. Estímulos estes que são efêmeros e geram um ciclo de constante excitação. Para Bondía (2002):

O sujeito moderno não está só informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impaciente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz do silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória são inimigas mortais da experiência (BONDÍA, 2002, p. 23).

Assim, o ato de refletir exige tempo para processar o pensamento sobre o que se está tendo contato, o que poderá gerar conexões com a vida da pessoa, fazendo com que a experiência tenha sentido. Desta maneira, o sujeito será tocado pela experiência, porém, eu pergunto: há tempo para se experienciar o mundo? Diante de sua escassez para desfrutar dos constantes estímulos aos quais o sujeito é exposto, vemos como o tempo é um elemento que é comprometido com o excesso de trabalho, na medida em que há o imperativo da ação sobre as coisas e suas possibilidades de transformação.

O excesso de trabalho é o quarto fator que tem deixado a experiência rara, impossibilitando ao sujeito assumir uma postura mais reflexiva frente ao mundo.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24)

A principal condição para que a experiência aconteça é a sensibilidade e a disposição do sujeito para autorreflexão sobre o que está vivendo. Permitir-se momentos de pausa e uma postura menos ativa e automática perante os acontecimentos da vida é uma condição para a concretização da experiência. Inclusive, segundo Bondía (2002), há um saber específico da experiência, que se difere do saber científico e da informação.

O lugar ocupado pelo saber da experiência é subjetivo e se conforma na relação entre o conhecimento (universal, objetivo, impessoal) e a vida (dimensões da satisfação de

necessidades de consumo, da sobrevivência e da sociedade), existindo quando o sujeito consegue fazer conexões de sentido com o que está acontecendo com ele. Ainda segundo Bondía (2002), o saber da experiência:

trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; [...]Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (BONDÍA, 2002, p. 27).

O entendimento do autor de que o saber da experiência é finito, particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal evidencia o quão importante é a condição do contato pessoal com aquilo que é experienciado. Outro aspecto interessante é que, em processos de vivência coletiva, as experiências são singulares e impossíveis de serem compartilhadas, afinal cada pessoa é tocada de maneira diferente em relação às demais.

Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (BONDÍA, 2002, p. 27).

Bondía (2002) ressalta a singularidade desse saber ao afirmar que as pessoas podem enfrentar o mesmo acontecimento, mas não terão as mesmas experiências. Estamos falando, portanto, de uma esfera do campo do singular, pessoal e concreto que nos faz refletir como um mesmo acontecimento pode provocar reações tão diversas a partir das trajetórias das pessoas. Dessa maneira é interessante perceber como a experiência no decorrer dessas trajetórias podem gerar saberes.

Para compreender a questão dos saberes entendo ser interessante refletir sobre práticas de transmissão de conhecimentos (situações pedagógicas) constituídas no seio de uma comunidade. Recorro a Brandão (2007) para esclarecer a ideia de educação difusa, aquela que antecede a existência de modelos de ensino formal.

O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos; o saber de guerreiros e esposas; o saber que faz o artesão, o sacerdote, o feiticeiro, o navegador e outros tantos especialistas, envolve, portanto, situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva. Os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem e

premiar. Os que não sabem espiam, na vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, vêem fazer e imitam, são instruídos com o exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar, com o próprio exercício vivo do fazer (BRANDÃO, 2007, p. 21).

Há na fala do autor a existência de “situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias”, que não exigem “técnicas pedagógicas escolares” (BRANDÃO, 2007, p. 21), formalizadas. Essa ideia de saberes remete a um conhecimento comunitário compartilhado de maneira peculiar entre os seus membros, onde quem domina determinado saber o transmite a quem não domina através da instrução, treino, correção, punição, premiação entre outras possibilidades.

Embora instituições de ensino sejam primordiais para a formação do sujeito, há outros processos formativos externos às escolas que proporcionam aprendizagens diversas, como, por exemplo no trabalho, na convivência em família e em comunidade, nos movimentos sociais, nas manifestações culturais etc. A legislação educacional brasileira considera outros processos formativos que vão além das instituições de ensino formais, o Art. 1º da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei 9394/96, prevê que a educação:

abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996, on-line).

Dentre os diferentes contextos formativos citados neste trecho da LDB cito o trabalho com cultura e os saberes que ele pode gerar apontando como a legislação brasileira o compreende. A Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008 alterou a LDB e com seu Art. 41. prevê que “o conhecimento adquirido na educação profissional e tecnológica, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos” (BRASIL, 2008, on-line).

Nesse sentido, o Plano Nacional de Cultura (PNC)²¹ que foi criado pela Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010, vinculado na época ao Ministério da Cultura (MinC)²² elaborou 53 metas para o setor a serem alcançadas até o ano de 2020. A 17ª meta sugere que 20 mil trabalhadores de toda as áreas da cultura tivessem seus saberes reconhecidos pelo MEC.

Esses conhecimentos podem ser habilidades, atitudes e competências dos trabalhadores da cultura e independem da forma como foram adquiridos. Ao reconhecer a competência do conhecimento adquirido fora das escolas, a certificação

²¹ O Plano Nacional de Cultura (PNC) é apresentado como “um conjunto de princípios, objetivos, diretrizes, estratégias e metas que devem orientar o poder público na formulação de políticas culturais” (BRASIL, [20--]e).

²² Em 2010 a cultura tinha seu próprio ministério, mas a recente dissolução fez com que hoje o Ministério da Cultura desse lugar à Secretaria Especial de Cultura vinculado ao Ministério da Cidadania.

profissional promove a produtividade e atua na inclusão social e profissional. Por exemplo, mestres da cultura popular e tradicional, como artesãos, rendeiras e tocadores de tambor, depois de certificados, poderão ser chamados a ensinar seus conhecimentos nas escolas (BRASIL, 2013, p. 58).

A proposta do PNC é interessante, sobretudo pela possibilidade de promover o reconhecimento dos saberes dos mestres da cultura popular, proporcionando-lhes algum tipo de reconhecimento pelo empenho com a prática cultural, além de estimular o compartilhamento de sua expertise em espaços de formação como as escolas. Caberia na época ao Ministério da Cultura a definição de quais saberes deveriam ser certificados, assim como o mapeamento de onde os profissionais se encontravam e a elaboração de editais para a criação de perfis de certificação desses saberes. Porém até junho de 2020 a 17ª meta do PNC que consistia em “reconhecer os saberes de 20 mil trabalhadores de todas as áreas da cultura e dar a eles certificação profissional” não foi alcançada.

As últimas atualizações na plataforma do PNC datam de 2018 e afirmam que até aquele ano não havia sido iniciado o reconhecimento e a certificação de trabalhadores da cultura (BRASIL, [20--]f). Isso dificulta o mapeamento dos saberes desses profissionais que é um passo importante não só para estimular a profissionalização do setor como para dimensionar uma cadeia produtiva em lazer na qual estes trabalhadores estão inclusos. A partir deste exemplo percebo a evidência da não valorização das atividades realizadas ao longo da vida, que proporcionam aprendizagens diversas aos sujeitos, embora estejam previstas na legislação. Isso indica o quanto é desafiador promover o debate sobre os saberes produzidos fora do universo acadêmico e o seu papel para a constituição profissional.

Por fim, retomando ao lugar da educação formal e a sua relação com os diversos saberes que são produzidos externamente a ela, penso que o conhecimento adquirido na educação escolar só terá sentido se houver conexão com a vida do sujeito, de forma que ele seja significativo dentro de sua trajetória pessoal. É uma via de mão dupla em que o que é aprendido na instituição formal de ensino é utilizado na vida, dentro e fora dos muros da escola. O que é aprendido na vida é contextualizado e aprimorado na escola. Fischer e Lousada (2010) dialogam com as ideias de Paulo Freire (1987, 2000, 2004) sobre uma educação dialógica e destacam a importância dos saberes produzidos fora do ambiente escolar.

na concepção dialógica da educação, existem diferentes tipos de saber, não hierarquizados, não merecendo ser classificados mecanicamente como válidos ou inválidos. Dessa forma, são considerados relevantes os saberes dos educandos inseridos no espaço escolar ou noutras alternativas em educação, elaborados na vida cotidiana, ou seja, trata-se dos saberes de experiência feitos que são elaborados na experiência existencial, na dialógica da prática de vida comunitária em que estão inseridos (FISCHER; LOUSADA, 2010, p. 367).

A partir da fala dos autores percebo que os diversos tipos de saberes dos educandos são construídos também nas experiências em suas respectivas comunidades, e devem ser considerados pelos educadores. O papel do professor não seria idealizar saberes de “senso comum” dos estudantes, mas sim considerá-los como importantes para o processo educativo, afinal,

Respeitar os saberes de “senso comum” ou produzidos na experiência existencial não é limitar o ato educativo a esse saber, mas dialogar com ele, problematizá-lo tendo em vista a elaboração de um saber relacional, como síntese articuladora entre os saberes apreendidos na escola da vida com os apreçados na vida da escola (FISCHER; LOUSADA, 2010, p. 368).

Dessa forma um professor que dialoga com os saberes dos estudantes qualifica o processo educativo incorporando o que é produzido na experiência existencial fora da escola. Portanto, dessa maneira toda forma de conhecimento pode ser aprimorada a partir da perspectiva dialógica. Este tópico introdutório sobre saberes ligados à experiência na educação básica e em contextos de educação não-formal (BONDÍA, 2002; BRANDÃO, 2007; FISCHER; LOUSADA, 2010) e políticas públicas de reconhecimentos desses saberes (BRASIL, 2013) convida ao debate sobre o saber enquanto campo de pesquisa.

No próximo tópico trago uma discussão que ajuda a situar esses saberes advindos da educação não-formal, da educação escolar básica, da formação específica e da experiência laboral. Pretendo dessa maneira discorrer como os estudos dos saberes se constituíram enquanto possibilidade científica que investiga o aprendizado em diferentes contextos da vida.

3.2 A origem dos estudos sobre saberes

Nos estudos de Pinto (2010) e Alves (2007) identifiquei os contextos que possibilitaram a abertura e valorização dos estudos dos saberes e estão localizados a partir da década de 1980:

No Brasil, foi na década de 1980 que se passaram a viabilizar pesquisas a partir de realidades mais situadas, sem a intenção de grandes generalizações. As pesquisas sobre epistemologia da prática vieram reforçar essa tendência. Em certo sentido, o deslocamento das pesquisas para uma epistemologia da prática significa romper com a produção científica centrada exclusivamente na racionalidade técnica (PINTO, 2010, p. 1).

A autora aponta a abertura para uma prática científica onde não há necessidade de generalizações. Nesse contexto, pesquisa da prática e as singularidades se mostraram

interessantes, especialmente para o contexto dos estudos sobre os docentes como afirma Alves (2007):

Esse é um pouco do contexto em que os estudos sobre os saberes dos docentes chegam a nosso país no início dos anos 1990, com o texto do canadense Maurice Tardif (Tardif; Lessard; Lahaye, 1991) e as obras, por aqui já bastante conhecidas, do português Antóni Nóvoa (1991; 1992). Entre as contribuições dessas teorias, sem dúvida, pelo que foi exposto anteriormente, está o fornecimento de instrumentos teórico-conceituais e metodológicos de investigação sobre os professores, procurando captar o que fazem, como pensam, no que acreditam, como se relacionam com o trabalho, quais suas histórias de vida e que aspectos contribuem para sua constituição profissional. Um importante resultado de tudo isso foi um aumento da percepção da complexidade do processo de formação do professor e de seu trabalho (ALVES, 2007, p. 270).

A chegada das teorias estrangeiras sobre saber docente veio a romper com o que se concebia sobre o assunto no Brasil. Os instrumentos teóricos-conceituais de pesquisa permitem complexificar a figura e o trabalho do professor, evidenciando que os saberes mobilizados não são somente conteúdos científicos e que a formação pode agregar outros elementos além de teorias e metodologias de ensino, conforme afirma Alves (2007):

a questão é que cada vez mais ficou claro que formar o professor e pensar o trabalho docente não eram exclusivamente, embora continuem sendo fundamentais, um problema de fornecimento de boas teorias e bons métodos de ensino. Cada vez mais ficou claro que o professor ao agir em seu trabalho não o faz somente baseando-se em conhecimentos científicos ou, em outras palavras, que em seu pensamento não existem somente conteúdos de ciência. Os estudos que investigavam os saberes dos professores pareciam ajudar justamente no alargamento dessa compreensão (p. 270).

Nessa trajetória de quase 30 anos de estudos de saberes docentes no Brasil, as pesquisas têm ajudado a repensar a figura do professor e a aprimorar o debate sobre profissionalização da docência, a partir da década de 1990 (CUNHA, 2007).

É pertinente destacar que, embora o foco desses estudos sejam os professores, os saberes profissionais têm sido estudados em outros contextos de atuação profissional além do campo da docência. De acordo com Tardif (2000), o conhecimento profissional é caracterizado como:

- 1) apoiado em conhecimentos especializados e formalizados por intermédio de disciplinas científicas;
- 2) adquirido por meio de uma longa formação de alto nível;
- 3) pragmático, no sentido de resolver problemáticas concretas impostas aos profissionais;
- 4) esotérico, no sentido de ser acessado, dominado e executado somente por aquele grupo que o detém;
- 5) somente pode ser avaliado por seus pares;
- 6) exige autonomia e discernimento por parte dos profissionais, bem como uma parcela de capacidade para improvisação e adaptação;
- 7) evolutivo e progressivo, necessitando de formação contínua e continuada;
- 8) imputável penalmente, de

modo que o profissional é responsabilizado legalmente por sua prática, erros ou mau uso de suas competências.

Tardif (2000) afirma que o profissionalismo está em crise, que se manifesta “a respeito do valor dos saberes profissionais, das formações profissionais, da ética profissional e da confiança do público nas profissões e nos profissionais” (TARDIF, 2000, p. 9). O primeiro ponto de crise é no que o autor chama de “perícia profissional” cada vez mais marcada por uma racionalidade limitada e movida pelo imprevisto, indeterminação, criatividade, intuição e senso comum para a solução de problemáticas concretas. Em relação aos profissionais, a multiplicidade de correntes de pensamento passaria a impressão de que “muitas profissões não dispõem de um repertório de saberes estável, codificado, consensual e portador de imputabilidade” (TARDIF, 2000, p. 8).

A formação profissional é o segundo ponto de crise do profissionalismo porque há um questionamento se só a estrutura disciplinar e o “imperativo da produção de conhecimento” nas universidades proporcionam uma boa formação contígua à realidade do mundo do trabalho. O terceiro ponto é a descrença no poder dos profissionais pelo público, acreditando que o usarão para atender aos interesses destes e não aos dos clientes (sentido político do poder), ou ainda na possibilidade desse profissional ser incompetente (poder enquanto capacidade). O último fator de crise do profissionalismo está ligado aos valores, o autor percebe que na atuação profissional há conflitos de valores e isso dificulta identificar ou inventar princípios reguladores consensuais, logo valores como a saúde, a justiça e a igualdade tendem a perder a sua transparência.

No que compete à vertente científica, Tardif (2000) contextualiza que desde a década de 1960 o campo da epistemologia tem se aberto ao “estudo dos saberes cotidianos, do senso comum, dos jogos de linguagem e dos sistemas de ação por meio dos quais a realidade social e individual é constituída” (p. 10). Dessa maneira os conhecimentos dos profissionais (médicos, psicólogos, trabalhadores sociais, professores) também fariam parte de objetos epistemológicos. A “Epistemologia da prática profissional” é defendida por Tardif (2000, p. 10) que busca estudar o “conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas”. Por saberes, o autor entende que eles contemplam conhecimentos, competências, habilidades (ou aptidões) e atitudes.

Em relação ao estudo do trabalho docente, a epistemologia da prática profissional tem a finalidade de:

revelar esses saberes, compreender como são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais e como estes os incorporam, produzem, utilizam, aplicam e transformam em função dos limites e dos recursos inerentes às suas atividades de trabalho. Ela também visa a compreender a natureza desses saberes, assim como o papel que desempenham tanto no processo de trabalho docente quanto em relação à identidade profissional dos professores (TARDIF, 2000, p. 11).

A finalidade da epistemologia da prática profissional não consiste somente a identificar saberes existentes, mas entender a sua essência e sua incorporação ao trabalho, especialmente a mobilização frente às limitações e ao uso de recursos disponíveis durante a prática profissional. Cunha (2007) entende que a sistematização desses saberes poderia contribuir para a construção de uma identidade profissional indispensável para o estatuto da profissão docente. Nesse caminho, Pimenta (2002) acredita que:

a identidade não é um dado imutável. Nem externo que possa ser adquirido, mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão de professor, como as demais emerge em dado contexto e momento históricos, com respostas a necessidades que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade. Assim, algumas profissões deixariam de existir e outras surgiriam nos tempos atuais. Outras adquirem tal poder legal que se cristalizam ao ponto de permanecerem como práticas altamente formalizadas e significado burocrático. Outras não chegam a desaparecer, mas se transformam adquirindo novas características para responderem a novas demandas da sociedade. Este é o caso da profissão de professor (PIMENTA, 2002, p. 18).

Assim, a docência é uma profissão em constante transformação e que lhe é exigida a capacidade de responder às novas demandas da sociedade. A epistemologia do trabalho docente, quando se propõe a identificar saberes que são mobilizados para atender a essas demandas, é um dos caminhos para o fortalecimento da profissão. É pertinente também pontuar que, apesar do volume de estudos sobre saberes estarem centrados na questão docente, existem estudos que se preocupam com profissionais de outros campos de intervenção social. A exemplo de outras possibilidades de análises de saberes profissionais cito os estudos de Pereira (2010), Kosinski e Lisboa (2015) e Pereira e Caria (2014).

Pereira (2010) investigou os saberes profissionais de técnicos de associações e cooperativas agrárias. Os sujeitos pesquisados tinham formação na área de agronomia, zootecnia, florestal, gestão/economia agrária e enologia e o autor mapeou o que chamou de saberes profissionais explícitos (desempenhados em suas funções técnicas, administrativas e de gestão) como: saber conceber e elaborar projetos e subsídios; saber manusear bovinos adultos; saber classificar animais segundo os padrões da raça. O autor também identificou saberes profissionais implícitos que facilitam a expressão dos saberes explícitos.

Estes saberes são adquiridos na ação cotidiana, mas podem ser adquiridos em algumas disciplinas da formação superior agrária e na socialização primária em ambiente rural/agrário. São eles: Saber comunicar eficazmente, Saber conciliar dois “mundos” distantes (sistemas abstratos e agricultor); Saber envolver o interlocutor na intervenção técnica; Saber afirmar o estatuto e o papel social/organizacional do técnico; Saber executar, ouvir e aconselhar em simultâneo. A partir da leitura de Pereira (2010) é interessante perceber que o saber técnico advindo da formação superior (saber explícito) é complementado com o saber oriundo da prática profissional (saber implícito).

Kosinski e Lisboa (2015) investigaram os saberes profissionais dos chefes de cozinha e identificaram que para estes sujeitos é pertinente “saber agir e reagir com pertinência” (o que remete a saber lidar com imprevistos, tomar decisões, inovar, etc.); “saber mobilizar em um contexto” (a partir das condições nas quais ele se encontra ele avaliará se pode ou não ativar a prática do que sabe); “saber combinar” (integrar saberes múltiplos saberes para resolver algum problema ou realizar um projeto); “saber transpor” (utilizar novos conhecimentos e habilidades em contextos distintos); “saber aprender e saber aprender a aprender” (entender que cada experiência nova pode ser uma nova fonte de aquisição de conhecimentos); “saber se engajar” (capacidade de tomada de iniciativas e de fazer propostas). Todos esses saberes são mobilizados na gestão da equipe da cozinha, no preparo consecutivos das receitas e em outras situações corriqueiras de um restaurante.

Pereira e Caria (2014) abordam profissionais que atuam no atendimento de idosos e são denominados gerontólogos. Estes sujeitos têm formação em Ciências Sociais e humanas e atuam no terceiro setor. Para os autores são diversos os saberes profissionais que correspondem a atitudes/aptidões que podem auxiliar à boa execução das tarefas práticas sendo que esses saberes “exigem a mobilização de conhecimento das áreas científicas da psicologia e sociologia, podendo também exigir conhecimentos das áreas da biologia-saúde e da gestão-administração, todas as competências e todos os princípios referenciais da gerontologia” (p.85). De acordo com os autores, além do conhecimento técnico, esses profissionais devem ter competência relacional, prudencial e discursiva no intuito de promover a confiança, autoeficácia, empoderamento para si e para os idosos.

Destaco que os autores organizam os saberes profissionais identificados como saberes que correspondem a atitudes/aptidões facilitadoras das tarefas práticas, como exemplo apontam: comunicar-se de forma empática e eficaz com o idoso; envolver o idoso na intervenção técnica e o respectivo reforço positivo, velocidade de execução das tarefas (rotinas).

Há também saberes profissionais que correspondem às tarefas que decorrem na interação direta com os idosos, tais como: mobilização e posicionamento do idoso dependente acamado; higiene e apresentação do idoso dependente; desenvolvimento de atividades de animação; gestão de situações de violência e agressividade entre os idosos, entre outros saberes.

Pereira e Caria (2014) identificaram saberes profissionais que não correspondem às tarefas que decorrem na interação direta com os idosos, por exemplo: avaliação do suporte familiar e social do idoso; gestão de matérias primas, materiais e equipamentos; gestão de recursos humanos, entre outros saberes. Apresento este estudo para exemplificar que saberes precisam contemplar não só processos administrativos, mas de uma intervenção de qualidade com o público.

Por fim a partir das sínteses dos estudos supracitadas é possível ter dimensão como cada profissão exige de seus profissionais determinados saberes para a prática laboral. Dessa maneira, afirmo os saberes docentes coexistem com os saberes de outras profissões e que os conhecimentos gerados pelas pesquisas sobre saber docente podem ainda auxiliar na reflexão sobre outros contextos de atuação profissional. No próximo tópico buscarei estabelecer essas conexões.

3.3 O que dizem estudos sobre os saberes?

O pressuposto básico que persigo neste tópico é que os saberes são plurais e produzidos em diversos contextos formativos, subjetivos de cada indivíduo. Muitos dos autores que utilizo como referência direcionam seus debates para o universo dos saberes e prática docentes. Pretendo usar parte dessa discussão para refletir sobre outros contextos de atuação profissional, como será apontado a seguir. Afirmo, também, que não tenho a pretensão de explorar toda a literatura que aborda a temática dos saberes docentes, mas sim utilizar o que for mais sensível ao meu estudo.

Tardif (2014) aborda que os saberes dos professores têm dimensões formativas em diferentes contextos vivenciados pelos sujeitos. Há uma dimensão formativa presente durante a fase da socialização inicial e educação básica, gerando elementos que marcam a história de vida do sujeito até a entrada na universidade. Além disso, as disciplinas das universidades, nos saberes didáticos e pedagógicos e no exercício profissional também apresentam a sua dimensão formativa. Para o autor, os saberes profissionais dos professores:

provêm de diversas fontes. Em seu trabalho, um professor se serve de sua cultura pessoal, que provêm de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior; ele também se apoia em certos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, assim como em certos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação profissional; ele se apoia também naquilo que podemos chamar de conhecimentos curriculares veiculados pelos programas, guias e materiais escolares; ele se baseia em seu próprio saber ligado à experiência de trabalho, na experiência de certos professores e em tradições peculiares ao ofício de professor (TARDIF, 2014, p. 310).

Na primeira dimensão formativa abordada por Tardif (2014) há uma esfera pré-profissional onde os sujeitos têm contato com a socialização inicial nas escolas, vivências de infância, aprendizado no seio familiar e em demais experiências culturais, como apontado no início deste capítulo. Esta etapa da vida pode ser importante para a escolha de qual profissão se pretende seguir, além de gerar conteúdos diversos que podem ser mobilizados durante a atuação profissional.

Outro ponto que julgo pertinente é o debate sobre os saberes universitários e da formação profissional como um todo. Nesta perspectiva Correia (1998) aborda a importância da formação para jornalistas. Ela é pertinente para o sujeito possa interagir com uma sociedade complexa com responsabilidade e dessa maneira deve contemplar não deve ser reduzida ao domínio dos estilos jornalísticos, à capacidade narrativa e ao domínio da língua portuguesa, mas também estilos de escrita condizentes com o formato. Assim, uma formação teórica possibilita o “domínio de um conjunto de ciências e de saberes (Teoria Política, Sociologia da Comunicação, Ética, Deontologia, Economia, Técnicas de Redação Jornalística)” (p.6) para que se tenha um olhar aprimorado sobre a sociedade.

Em relação à atuação profissional no setor jornalístico os postos de chefia ou de responsabilidade editorial devem ser destinados para pessoas que tenham passado por uma preparação sistemática. Para Correia (1998) essa preparação “pode ser universitária ou uma formação profissionalizante complementada com formação acadêmica adequada” (p.8). Além disso, nas palavras do autor, deve haver entre os jornalistas um saber reflexivo que questione o próprio saber adquirido. Nesse sentido, além da apreensão de saberes específicos da função e domínio de ciências sociais, a formação em jornalismo deve privilegiar o exercício da criticidade já que ela aprimora a práxis do jornalista.

Retomando a questão da formação dos professores, Pimenta (2002) discute a temática dos saberes docentes a partir de sua experiência no ensino de Didática aos graduandos de diferentes licenciaturas e sugere alguns passos para a construção da identidade profissional dos professores em estágio de formação. O primeiro é mobilizar saberes da experiência (que

incorpora desde a vivência enquanto alunos no decorrer da vida escolar até representações e estereótipos sociais dos professores nos meios de comunicação aos quais tiveram acesso); o segundo passo é discutir a questão do conhecimento no qual são especialistas (história, matemática, educação física, etc.); o terceiro é conhecer a realidade escolar através de pesquisas.

Ainda nessa perspectiva, Pinto (2010) tem um posicionamento a respeito da construção da identidade profissional em que há a valorização da prática docente, pois está intrinsecamente ligada com a existência da teoria, conforme:

Valorizar a prática pedagógica como elemento de partida para as reflexões acerca da formação de professor pode nos parecer um desprestígio ao processo de teorização, o que não é o caso. A questão central que se coloca é pensarmos alternativas para as análises tradicionalmente construídas sobre o tema. Ao mudar as bases de análise, assumimos uma mudança de paradigma no tocante aos princípios que regem o conhecimento científico, especialmente nas áreas sociais e/ou humanas. Provavelmente não exista, no espaço pedagógico, “o lugar da prática”, mas lugares de práticas que se complementam e se (re)constroem. Lugares que são situados social e politicamente. Lugares precisam ser protagonizados e teorizados, inclusive por quem os produz (PINTO, 2010, p. 16).

A possibilidade de conceber uma aproximação entre teoria e prática na formação profissional significa protagonizar outras possibilidades de um fazer científico. A partir dos autores penso que o contato com a prática docente durante o processo de formação do professor é pertinente para que tragam para o debate questões inerentes à rotina laboral. A noção de identidade profissional pode ser levada para outras profissões visto que é interessante que os sujeitos no processo formativo reflitam acerca do que conhecem sobre a sua futura profissão, assim como sobre as teorias basilares da área, aprimorando debates existentes sobre a qualidade da intervenção.

Outra dimensão formativa que Tardif (2014) citou que vai além da formação universitária é a atuação profissional em si. A prática da docência pode ser um contexto de produção de saberes e a exemplo disso cito Prado, Morais e Araújo. (2011) que investigam uma formação continuada dos docentes onde a sala de aula seria um território de produção de conhecimento. Ao dialogar com teóricos que pensam processos formativos docentes centrados na escola os autores convidam ao entendimento de que a formação continuada dos educadores pode ser embasada em suas próprias experiências docentes. Os autores contextualizam o trabalho de grupos de pesquisa brasileiros que entendem que “os processos formativos docentes devem ser centrados na escola, nas narrativas e experiências docentes, e não nas experiências e

narrativas dos formadores docentes” (PRADO; MORAIS; ARAÚJO, 2011, p. 53), ou seja, o professor é um legítimo produtor de conhecimento.

Temos perseguido, em nossas pesquisas e nas práticas formativas continuadas que alimentam e são alimentadas por aquelas, a produção de um conhecimento que reconheça a escola como um lugar legítimo de produção de saberes legítimos e legitimados, o que pressupõe problematizar a ideia de que as universidades, as secretarias de educação e os centros de formação exteriores a escola, são os lócus privilegiados de produção de conhecimento (PRADO; MORAIS; ARAÚJO, 2011, p. 59).

A formação continuada dos professores é embasada na experiência pessoal dos formadores (docentes responsáveis em conduzir a formação continuada para os professores) ligados a outras instituições (universidades, secretarias de educação e demais centros de formação), mas que sua própria experiência docente nas escolas poderia ser base para a construção dos processos de formação contínua. Em relação às outras profissões, a troca de informações entre os pares é importante e pode gerar bons debates, mas esse processo não deve ser depreendido de teorias que venham a alimentar esse processo contínuo de aprendizado fora da universidade.

A respeito da atuação profissional, a carreira docente é composta por diversas fases que poderiam ser divididas entre o ingresso na carreira, a estabilização e o desinvestimento na carreira, conforme abordam Amorim Filho e Ramos (2010).

As fases que compreendem esses ciclos são: a entrada na carreira, a fase de estabilização, a fase de diversificação, a fase em que o professor põe-se em questão, a fase de serenidade e distanciamento afetivo, a fase de conservantismo e lamentações, e a fase de desinvestimento da carreira. Claro que tais fases não são estanques e nem devem ser compreendidas como uma camisa de força, mas são representativas e reveladoras dos vários momentos vivenciados pela maioria dos docentes. De acordo com a fase em que eles se encontram no ciclo profissional, os professores, em sua maioria, apresentam anseios diferentes e, portanto, construção de saberes também diferentes (AMORIM FILHO; RAMOS, 2010, p. 227).

Os ciclos da vida profissional docente citados por Amorim Filho e Ramos (2010) são diversos, outras profissões também podem ter seus ciclos profissionais que envolvam iniciação (quando o sujeito ingressa na carreira), consolidação (quando atinge o ápice de produtividade) e conclusão (quando se aposenta). Há uma relação entre tempo e experiência no trabalho docente, conforme abordam Raymond e Tardif (2000), que defendem que nos primeiros anos de atuação dos professores, geralmente entre três e sete anos, há processos importantes para a constituição profissional. Ao ingressarem no magistério, os novos docentes acabam por encontrar uma realidade distinta das expectativas pessoais positivas construídas em etapas anteriores da vida profissional como a socialização familiar, escolar e universitária.

Dessa maneira existe a necessidade de adaptação a uma nova realidade, repleta de situações inesperadas e muitas vezes adversas com as quais os novos docentes precisam interagir. Saber lidar com essas situações gera um saber específico da prática que vai sendo aprimorado à medida que o professor vai vivendo a realidade escolar, refletindo e compartilhando relatos de vivência com seus pares. Dessa forma, o saber no magistério é temporal e experiencial à medida que vai se aprimorando com o passar do tempo.

a dimensão temporal do trabalho, isto é, a experiência da prática da profissão em uma carreira, é crucial na aquisição do sentimento de competência e na implantação das rotinas do trabalho, em outras palavras, na estruturação da prática. Ainda hoje, a maioria dos professores diz que aprendem a trabalhar trabalhando. Esse aprendizado, muitas vezes difícil e ligado à fase de sobrevivência profissional, na qual o professor deve mostrar do que é capaz, leva à construção dos saberes experienciais que se transformam muito cedo em certezas profissionais, em truques do ofício, em rotinas, em modelos de gestão da classe e de transmissão da matéria. Esses repertórios de competências constituem o alicerce sobre o qual vão ser edificados os saberes profissionais durante o resto da carreira (RAYMOND; TARDIF, 2000, p. 238).

O papel da experiência que se adquire na prática é importante para fundamentar o sentido de competência profissional. É na prática que a formação toma sentido, é na prática que se alicerça a base de uma docência onde haja autoconfiança, segurança emocional e de capacidade de resolver problemas, pertencimento e relação sólida com os seus colegas de trabalho e alunos.

A prática tem papel preponderante na produção de saberes profissionais, mas enfatizar o seu papel não significa minimizar o papel da formação acadêmica e dos demais espaços de produção de saberes, pois eles estão articulados e são importantes. Gomes (2011) corrobora com essa ideia ao destacar que os saberes “não englobam apenas uma dimensão individual de caráter cognitivo, tampouco privilegiam a habilidade técnica como o único parâmetro válido. Os saberes precisam envolver outros aspectos que são fruto de experiências coletivas e, por isso, são influenciados por múltiplos fatores” (GOMES, 2011, p. 38).

Estudar a formação de sujeitos pertencentes a uma categoria profissional a partir da análise dos saberes constituídos no decorrer de suas trajetórias traz compreensão das diversas possibilidades formativas existentes na vida em sociedade. Mas como relacionar essa reflexão ao campo do lazer? O levantamento de saberes dos profissionais em lazer será o objeto do próximo tópico.

3.4 As pesquisas sobre os saberes no contexto da atuação profissional em lazer

Convidar os sujeitos a refletirem sobre suas práticas de trabalho no âmbito do lazer identificando saberes nela mobilizados é um exercício de autoconhecimento e um estímulo ao aprimoramento profissional. Conhecer o universo do trabalho profissional em lazer é interessante para a categoria como um todo que reconhece seus pares e se fortalece. Neste sentido, trago alguns estudos próximos ao meu no sentido de verificar seus percursos e proximidades com o que desenvolvi.

Ungheri (2014) investigou as competências e saberes dos analistas de políticas públicas e gestores da administração dos programas desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SMEL) de Belo Horizonte/MG. O estudo aponta que a formação acadêmica não é direcionada para o trabalho com gestão em política pública e esses saberes do campo da política são construídos na rotina laboral. O autor indica a existência de quatro eixos de saberes importantes nesse contexto de atuação, relacionados: a área de formação, as especificidades do público-alvo das ações, ao entendimento sobre políticas públicas e sobre a gestão de pessoas e projetos. Dessa maneira, interpreto que o trabalho com gestão em lazer acaba exigindo do profissional saber adaptar-se a demandas do trabalho que não estavam previstas na formação original.

Nesse sentido, no que compete à aquisição de conhecimentos e mobilização de saberes em situações adversas como falta de infraestrutura e recursos humanos em uma política pública, cito o trabalho de Dores (2016). A autora analisou os saberes profissionais dentro de uma política intersetorial da Secretaria Municipal de Políticas Sociais de Belo Horizonte, intitulada *BH em Férias*. Seu recorte foram as atividades organizadas pelos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), com a participação direta dos analistas de políticas públicas com formação em Serviço social, Psicologia e Educação Física, disponibilizados pela Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social (SMAAS) e Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SMEL).

Segundo Dores (2016) há uma prevalência dos saberes científico-acadêmicos da área de formação dos analistas de políticas públicas na execução dos trabalhos. No entanto, devido às limitações estruturais do Programa, a ação dos profissionais tem relações com saberes administrativos e operacionais. A autora ainda aponta que a trajetória dos profissionais poderia ter maiores contribuições se houvessem investimentos maiores na formação cultural continuada em lazer e intercâmbios de experiências profissionais.

Retomando a questão dos saberes docentes, mas desta vez no âmbito do lazer, Silva (2010) investigou saberes dos professores universitários das disciplinas de lazer e concluiu que neste universo existem saberes pessoais, da formação, dos currículos das instituições e das experiências profissionais e que as experiências pessoais foram importantes para os docentes complementarem o saber pedagógico. O autor aponta a importância de novas experiências pessoais de lazer, entendidas como elementos de formação cultural em lazer, para os docentes desta área do conhecimento. A estrutura universitária, contexto no qual o docente está inserido, mostra-se sob duas maneiras: como um agente propício ao intercâmbio de saberes e formação cultural, mas também como fator em que sobrecarrega o corpo docente dificultando-lhe se apropriar do tempo e de vivências de lazer.

Conectando meu estudo ao de Silva (2010), posso buscar entender como os momentos de lazer se constituem enquanto esfera formativa. Até aqui eu destaquei nos estudos saberes oriundos da formação acadêmica e da prática laboral, mas há nas práticas culturais vivenciadas na infância, juventude e outros contextos de socialização inicial a produção de saberes que podem ser mobilizados na prática laboral, conforme aponta o estudo de Capi (2016).

O autor investigou a trajetória e os processos formativos dos profissionais que atuam como formadores do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), do Governo Federal, na construção de saberes sobre lazer. O objetivo da pesquisa foi analisar as trajetórias profissionais e entender se os saberes pessoais e da formação profissional (relacionada a espaços, pessoas, instituições e experiências) foram construídos e articulados com a sua trajetória na atuação profissional do grupo. Capi (2016) analisou se as experiências desses sujeitos com o lazer qualificavam a atuação na área e concluiu que diversas experiências de lazer na vida destes profissionais foram importantes nos saberes mobilizados, bem como destacou a importância de uma formação cultural constante.

Os saberes sobre lazer que os sujeitos pesquisados têm e acabam indiretamente sendo mobilizados no trabalho foram produzidos na infância (saber sobre brincar, jogar, praticar esportes, escutar música), a juventude gerou saberes a partir do envolvimento com movimentos sociais e com o esporte que motivou inclusive a escolha pela profissão na Educação Física. A formação específica também gerou saberes técnico-científicos para esses sujeitos e a participação no movimento estudantil lhes estimulou saberes relacionados ao engajamento político, pedagógico e de formação cultural usados no trabalho coletivo e na mobilização de pessoas. Ainda no estudo de Capi (2016) são apontadas outras esferas de produção de saberes

sobre lazer como a formação continuada nos cursos de pós-graduação importantes para o trabalho como formadores.

Dessa maneira, o sujeito é um composto de saberes de diversas ordens produzidas em diferentes contextos a partir dos estudos supracitados identifique esforços para entender o quanto são complexos os saberes presentes na trajetória dos profissionais de lazer. Por fim, busco uma última conexão dos saberes docentes com os saberes dos profissionais atuantes no âmbito do lazer dialogando com por Raymond e Tardif (2000) acerca da tipificação em saberes existenciais, sociais e pragmáticos por eles proposta. Para os autores os saberes existenciais consistem na maneira como o professor consegue trazer elementos de sua história de vida para o trabalho através de seu corpo, emoções, linguagem, relacionamento com os outros, sua história, entre outras questões que lhe proporcionam “um lastro de certezas a partir das quais ele compreende e interpreta as novas situações que o afetam e constrói, por meio de suas próprias ações, a continuação de sua história” (RAYMOND; TARDIF, 2000, p. 235).

Já os saberes sociais são construídos na relação do sujeito com as produções sociais diversas como saberes curriculares, saberes dos outros atores escolares etc. Para os autores a dimensão social do ensino:

parece ser amplamente marcada por processos de avaliação e de crítica em relação aos saberes situados fora do processo de socialização anterior e da prática da profissão, por exemplo, os saberes das ciências da educação transmitidos durante a formação profissional, os saberes curriculares produzidos pelos funcionários do Ministério da Educação, os saberes dos outros atores escolares (pais, orientadores educacionais etc.) que, de uma maneira ou de outra, são exteriores ao trabalho docente. O uso desses saberes pelo professor implica, então, uma relação social com esses mesmos saberes (RAYMOND; TARDIF, 2000, p. 236).

Ou seja, os saberes são relacionais porque apresentam uma interação com outros saberes. Por fim, para Raymond e Tardif (2000) os saberes docentes são também pragmáticos por apresentarem uma dimensão procedimental ligada ao trabalho e às funções dos professores e “através do cumprimento dessas funções que eles são mobilizados, modelados, adquiridos, como tão bem o demonstram as rotinas, em especial, e a importância que os professores dão à experiência” (RAYMOND; TARDIF, 2000, p. 236).

Alves (2019) operacionaliza em um quadro esses conceitos de saberes existenciais, saberes sociais e saberes pragmáticos de Raymond e Tardif (2000) relacionando-os ao campo do lazer. A conexão é interessante por evidenciar que a produção teórica sobre saberes docentes pode contribuir com debates sobre o nosso campo.

Quadro 1 - Saberes operacionalizados no lazer

Os saberes	Características	Aplicabilidade no contexto do lazer
Existenciais	Ligam-se à história de vida, as experiências e vivências dos profissionais. Condição de pensar a partir da própria história de vida intelectual, emocional, afetiva, pessoal e interpessoal.	Os profissionais do lazer precisam se conhecer, fazerem um auto reconhecimento e aceitarem seus próprios limites, identificando as dificuldades e as facilidades de sua ação e intervenção. Realizar um processo de auto avaliação, quem são e como podem atuar com competência no âmbito do lazer, atentando para os modos de subjetivação dos sujeitos.
Sociais	Originam-se de fontes plurais e diversas, centrada numa relação social, que envolvem ações do professor que contribuíram para formar os fundamentos do ensino.	Formados nos locais e ambientes que proporcionaram ao longo de suas histórias de vida, contato com a cultura, esportes, artes, ações coletivas, jogos, brincadeiras, lugares de diversão e passeio, experiências de organização, administração e gestão, inserção política e social. A característica social exige de um profissional compromisso com as diferentes expressões culturais e uma disposição para o jogo do poder e saber.
Pragmáticos	Trata-se de saberes ligados às pretensões. Componentes técnico, prático, operativo, normativo, que respondem a determinadas funções, proporcionando respostas aos problemas. É um serviço procedimental.	É um compromisso de aprofundamento teórico-prático, ou seja, a teoria como “caixa de ferramentas” que serve as intervenções e práticas culturais. Sensibilidade para valorizar e respeitar os diferentes olhares sobre a realidade, identificando os sujeitos, seus saberes e desejos relacionados ao lazer. A compreensão mínima das diversas manifestações/linguagens culturais como estratégia e objetivo de mediação.

Fonte: Alves (2019).

A questão dos saberes existenciais aplicados ao campo do lazer me fez refletir como a história de vida das pessoas pode influenciar no envolvimento com o trabalho. Esse é um passo importante para o sujeito buscar inovar nos projetos com os quais se envolve assim como buscar aprendizado para superar alguma limitação. A respeito da segunda dimensão, o profissional que procure aproximar-se a saberes produzidos por outras pessoas e instituições além de qualificar sua intervenção no campo, pode fomentar a construção de redes de cooperação entre os sujeitos.

Por fim entendo que os saberes pragmáticos são a possibilidade de intervenção social com práticas laborais que busquem cada vez mais o pleno exercício da cidadania. Vislumbro práticas de contravenção que possam desconstruir sistemas opressores fundados na exclusão, pois o profissional que domina a prática e as teorias que a alimentam tem o poder de fazer a sociedade transformar-se através do lazer. No sentido de transformação e inovação, trago no próximo capítulo a análise de dados desse estudo sobre os saberes dos animadores infantis.

4 TRAJETÓRIA E CONSTRUÇÃO DE SABERES DOS ANIMADORES DE EVENTOS INFANTIS DE BELÉM DO PARÁ

Neste capítulo apresento os dados coletados em entrevistas com os quinze animadores de eventos infantis atuantes na capital paraense e residentes em Belém do Pará ou em sua região urbana concentrada composta pelas cidades vizinhas de Ananindeua, Benevides e Marituba. Foram, ao todo, doze horas e vinte e sete minutos de relatos de experiência compartilhados e sistematizados. É interessante pontuar que os preceitos éticos de anonimato dos animadores foram garantidos com o uso da palavra “entrevistado(a)”, acompanhada de um número sequencial de 1 a 15, distribuído conforme a realização das entrevistas (E1, E2 e assim por diante).

Posto isso, analisei o material coletado utilizando estratégias em relação aos objetivos de: identificar os profissionais que atuam no campo; entender e analisar quais são os saberes mobilizados para esta prática profissional; identificar o contexto social em que se dá a trajetória, bem como grupos e pessoas de referência que marcaram essa trajetória;

Para entender estratégias de análise, recorri a estudos que compuseram os capítulos de revisão de literatura, bem como os trabalhos que analisaram a formação e constituição de saberes mobilizados na prática dos profissionais do lazer (SILVA, 2010; SANTOS, 2011; UNGHERI, 2014; CAPI, 2016; SILVA, 2016; ARRUDA, 2018), para selecionar as categorias de análise deste estudo. Embora abordem diferentes perspectivas de atuação profissional, eles apresentam, direta ou indiretamente, as categorias “sujeito” e “contextos de formação e atuação” na tessitura de suas análises.

Sendo assim, trago como eixo de análise do material empírico **Sujeitos, Processos Formativos e Construção de Saberes** como primeira categoria de análise, **As Vivências de Lazer e a Possibilidade de Construção de Saberes Profissionais**, como segunda e como terceira categoria trago **A intervenção profissional como locus da Produção de Saberes**. Na primeira, foram agrupadas informações referentes a processos formais e não-formais de aprendizado em diferentes momentos da vida dos animadores. A segunda contempla os momentos de lazer e a produção de saberes mobilizados na prática da animação de eventos. Já à terceira categoria estão incorporadas vivências profissionais dentro e fora da animação, bem como os saberes que os animadores mobilizam em sua prática, os que eles gostariam de mobilizar.

4.1 O sentido da animação infantil em Belém: breve diálogo entre dados históricos e a fala dos animadores de eventos dos entrevistados

Antes de adentrar às trajetórias de vida dos sujeitos participantes deste estudo é importante contextualizar a cena da animação de eventos infantis no Pará, especialmente sobre as possibilidades de intervenção presentes nos serviços. Identifiquei algumas linhas de atuação, a primeira delas são empresas que se propõem a oferecer espaços de recreação nos eventos com brinquedos, contação de história, oficinas de artesanato, camarim com penteado e pintura corporal, escultura com balões com equipes de animadores que brincam com as crianças e eventualmente fazem interações com o público adulto. É comum que esses animadores atuem em equipe a partir de duas pessoas identificadas por um uniforme.

A segunda linha dá destaque para a figura do animador que se assemelha a um papel de apresentador de programas de auditório, um mestre de cerimônias bem-humorado, ou seja, uma porta-voz da festa que se preocupa em garantir um ambiente de "euforia" para crianças e adultos. É responsável por conduzir brincadeiras, apresentações artísticas com personagens temáticos, sorteios e ações culturais diversas e pode atuar interpretando papéis com apelo infantil ou trajando uniforme.

A terceira linha tem estrutura similar à segunda, com a diferença que é protagonizada por palhaços que, entre uma atividade e outra, desenvolvem interações cômicas com o público. É possível também a inserção de pequenos quadros de comédia, show musical e realização de espetáculos circenses na companhia de mágicos, acrobatas e personagens temáticos. Um dado que identifiquei é que dos 194 animadores atuantes no Estado, 94 caracterizam-se como palhaços para realizar o serviço de animação.

Outro exemplo dessa conexão se dá na recorrência à palavra “palhaço” em representações da categoria como no nome da Associação Paraense de Palhaços e Animadores Circenses (APPAC) e de eventos temáticos. Entre eles há o “Carnapalhaço”, que é um bloco de carnaval belenense realizado na Praça da República com um cortejo dos animadores, crianças e seus familiares e brincadeiras. Além disso, o “Dia do Palhaço” (10 de dezembro) é um evento existente desde a década de 1990 que em seus primórdios reunia palhaços, crianças e pessoas que quisessem aprender técnicas de animação de eventos e a festa natalina dos Palhaços de Icoaraci que na última sexta-feira do ano reúne profissionais da Região Metropolitana de Belém

e o Encontro Paraense de Palhaços e Animadores (EPPA) cujo objetivo é desenvolver formações de curta duração sobre diversos temas.

Mas afinal como o palhaço foi vinculado à animação de eventos em Belém do Pará? Estudos como o de Maués (2004) e Silva (2011), dentro do campo das artes cênicas, investigam personagens cômicos ligados ao circo e outras manifestações culturais populares e apontam o papel da televisão para a popularização desta figura na capital paraense.

A figura do palhaço que povoa o imaginário amazônico desde o começo do século XX apresenta como contribuição matricial as caravanas de circos que transitavam pelo interior paraense e que se popularizaram na década de 60 com os palhaços dos programas de auditório (SILVA, 2011, p. 136).

A literatura sobre a história do serviço de animação de eventos infantis entre 1960 e os primeiros anos da década de 1990 é escassa. Raras são as publicações sobre o tema em páginas destinadas a discutir a história da capital. O “Blog do Palhaço Alecrim da Beira d'Água” de autoria de Jonas Banhos, neto de Alecrim, é uma das poucas iniciativas nesse sentido. Os comentários sobre as fotos de festas de aniversário animadas por Alecrim e os recortes de jornal catalogados subsidiaram boa parte da exposição levantada. Retomo Maués (2004) para referendar a dimensão da importância de Alecrim para a cultura paraense:

Alecrim encantou gerações, que o conheceram principalmente através da televisão. Com o fim do programa, passou a animar eventos e festas de aniversário. Erasto Banhos tinha o registro internacional na Associação de Palhaços de Londres. Como o palhaço Alecrim, fez mais de quatro mil apresentações. Só na TV Marajoara foram mil. Morreu no dia 09 de julho de 1991, aos 72 anos (MAUÉS, 2004, p. 73).

A respeito de outras das lembranças sobre o palhaço Alecrim trago o exemplo do entrevistado E15 que relembra sua experiência enquanto criança.

eu assistia muito aos circos que vinham à Belém, assistia nas escolas. Então eu tinha essa referência do palhaço e o mesmo no programa Clube do Garoto do Alecrim. Não era só ele, também surgiu o Palhaço Preguinho que era circense. Ele roubava a cena do Alecrim. O Alecrim sabe como é que é, né? Aquela figura pacata daquele palhaço mais para dentro que para fora e o Preguinho era palhaço de circo mesmo, roubava a cena (E15).

Investigar a história de cada um dos palhaços animadores que ocupavam espaço tanto nos programas de auditório como nos eventos infantis, tal qual Alecrim, é uma lacuna que este estudo não vai conseguir preencher. O fato é que houve a popularização da figura do palhaço de circo na televisão e essa mistura de quadros cômicos, com brincadeiras com as crianças e anúncios de patrocinadores constituiu o palhaço animador de auditório. Muito do que se fazia

com as crianças nos auditórios foi levado para as festas de aniversário por Alecrim e outros profissionais por anos.

Nas falas dos entrevistados E7 e E8 será perceptível a predominância dos palhaços na prestação de serviços de recreação e animação na cidade, onde os entrevistados entendem que não pintar o rosto como palhaços é um fator que os diferencia no mercado.

Eu vi que Belém tinha um uma boa clientela nesse ramo de recreação infantil, mas em um segmento que só era de palhaços e como eu gostava muito na minha infância dos programas infantis, das brincadeiras e não gostava da figura do palhaço eu disse “Bem... eu adoraria entrar para esse ramo e encarar uma nova versão”. Tive como referência, na época, a Docinho que também trabalhava de rostinho pintado, mas não com aquela caracterização do palhaço (E7).

Quando chegarmos à Belém não tinha muito animador, acho que só tinha o Tio André e o resto não era animação com animadores, os palhaços dominavam mesmo. A gente foi em uma das primeiras festas aqui e o pessoal falava “Mas tu não vais te pintar?”, “Égua, não se pinta?” “Não, nós somos animadores, nós não somos palhaços”. Todo mundo é palhaço, mas de uma maneira que a gente não se pinta (E8).

A entrevistada E7 não evidencia o porquê de não se identificar com palhaços, mas preocupa-se em pintar o rosto para poder atuar nos eventos infantis. Ou seja, rompe com a figura do palhaço tradicional, mas apropria-se de um de seus elementos de caracterização que é a pintura facial tendo a exemplo outra profissional com uma filosofia de trabalho próxima a sua. Por sua vez, o entrevistado E8 dá a entender que a ausência de pintura no rosto o distancia da figura do palhaço, ao mesmo tempo que deduz que acaba sendo um palhaço também. Qual seria o elemento constituinte do palhaço na fala do entrevistado E8?

Percebo que o envolvimento com o público através da interação cômica é uma das características do palhaço no trabalho do animador. O riso das pessoas em resposta às ações realizadas é inclusive o instrumento para a medição se o trabalho deste profissional está agradando, ou não, as pessoas do evento.

Peguei muita coisa de palhaço também e eu me surpreendo com que vem mais do Fera essas coisas de improviso. Ele para e solta uma “Pah!” é engraçado. Ele usa as pessoas para brincar, entendeu? Não é um *bullying*, mas a gente usa as pessoas para brincar, para se tornar mais agradável brincadeira. Mano, a gente se envolve na festa de uma tal maneira que eu nem sei te explicar agora, é muito bom. Eu tento estudar o público primeiro, se a pessoa está rindo logo é porque aí eu estou indo legal, então eu procuro inserir ele na animação e puxar eles. Ao invés de eu estar animando, eles que estão animando. Quer ver um exemplo? Quando a gente está dançando, a gente olha para o DJ, aí ele joga o flashback, aí passa o coroa na hora e começa a dançar. Quem está animando? O coroa (E8).

O entrevistado E15, que é palhaço, ao ser questionado sobre o trabalho nos eventos mostra algumas atividades que compõem o seu repertório como brincadeiras com bambolê, caça ao tesouro, músicas coreografadas e interação com os adultos.

É só animar, só é brincadeira. Não tem comédia. Geralmente, eu faço várias brincadeiras com bambolês, tem um tesouro que escondo embaixo das mesas antes das crianças chegarem, por isso eu chego cedo na festa para esconder os objetos. Aí, no momento da festa que tem muita gente é que é legal, chegam logo as crianças e invadem debaixo da mesa, aquela agonia toda. E música... Tem que ter música, porque eu sou muito musical, eu trabalho com muita música infantil... Tem coreografias... E não tem comédia, mas tem aquilo que a gente chama de pastelão. Basta um susto né? Criança adora isso. Trabalho com os adultos também... Tem momento com os adultos que a gente trabalha agora, o cliente pede né? Para brincar com os adultos... E assim vai a festa né? (E15).

Um relato interessante na fala do entrevistado consiste na afirmação de que não faz comédia e sim pastelão. O pastelão é estilo de situação cômica presente em cenas de tropelias como nos filmes “Os Três Patetas”, “O Gordo e o Magro”, “Os Trapalhões”. Geralmente se dá em situações conflituosas que acabam tendo como desfecho uma tortada, marretada, um escorregão, ou qualquer outra situação de espalhafatosa que provoque o riso instantâneo. O que percebi na fala o entrevistado E15 é que o seu serviço não é um show de humor. A comicidade parece não ser o instrumento principal do palhaço animador, ela está diluída entre uma atividade e outra.

A possibilidade de provocar o riso e a euforia aos convidados parece ser o fator que diferencia o animador do recreador em um evento infantil nas palavras da entrevistada E5. Além disso a entrevistada dá a entender que é esperado do animador de eventos infantis que desenvolva atividades voltadas também aos adultos.

Tem duas pessoas treinando na XXXXX que hoje eu os considero como recreadores, por enquanto. Ainda não estão, assim, aptos como animadores. O animador, pelo meu ponto de vista, é aquela pessoa que vai animar, vai alegrar vai tirar sorriso das pessoas. Ele vai colocar a festa para cima. Ele vai chegar, vai se apresentar, vai colocar o fundo musical, vai fazer uma entrada triunfal, vai fazer o show dele. Já o recreador vai ficar focado mais com as crianças, não vai se preocupar tanto em brincar com os adultos, na verdade, nem brinca com os adultos. Só se os pais realmente pedirem, mas ele pode colocar essa situação (E5).

Para finalizar a discussão tema deste tópico que apresenta a animação de eventos infantis que se faz em Belém do Pará percebo na fala de dois dos entrevistados um exemplo de como o trabalho do animador nesta cidade é um misto da recreação, da animação e da comicidade em contextos que envolvem crianças e adultos onde o profissional assume um papel de destaque no evento.

Como ser o centro das atenções? Com uma boa brincadeira, uma boa dinâmica com pessoal para fazer o pessoal rir... O nome já está dizendo: animador. Então, ele está ali para animar, para brincar, para arrancar riso do pessoal. Você está sendo contratado para não deixar uma festa monótona, tá sendo contratado para mostrar o teu trabalho, a tua qualidade, a tua alegria, passar a tua energia pro público que vai para ali (E10).

Quando o palhaço encontra com o animador e com recreador ele consegue fazer tudo porque vai pegar da animação da plateia “êêêê!” aquela vibração. Vai conseguir tirar, arrancar risada do público com as peripécias dele. Eu consigo juntar em uma brincadeira todas as facetas, por exemplo, na brincadeira da bomba. Eu animo para a plateia enquanto eu estou fazendo a recreação aqui e ainda consigo contar piada e às vezes pegar uma topada entre uma passagem e outra. Então quer dizer: eu estou usando tudo (E3).

A brincadeira, a interação de euforia com o público e a comicidade não são esferas opostas, ao contrário, são complementares e utilizadas conforme os interesses e aptidões de cada profissional. O entrevistado E1 ainda apresenta o animador como a pessoa que consegue tocar o público com interações que vão além do riso.

Acho que essa área da animação, da recreação, do animador, ele trabalha com o bem-estar das pessoas. Ele está no lugar porque as pessoas querem rir, elas querem um pouco mais de carinho, de afeto, nesse sentido de a gente acaricia as pessoas tocando-as no coração, tocando-as na autoestima, tocando nelas com esses indutores (E1).

O lugar em que o animador de eventos é colocado é como um condutor de emoções que valorizam a pessoa. No decorrer deste capítulo entenderemos a construção da trajetória de vida de 15 animadores de eventos infantis atuantes em Belém identificando similaridades e diferenciações entre elas de modo que fazer uma análise que contemple processos vividos de maneira singular e coletiva.

4.2 Categoria de análise 1: Sujeitos, Processos Formativos e Construção de Saberes

4.2.1 Saberes oriundos de experiências profissionais fora do segmento de animação de eventos infantis

Quem são os sujeitos deste estudo? Tratam-se de sete mulheres e oito homens proprietários de empreendimentos que prestam serviço de animação de eventos a partir do desenvolvimento de atividades culturais voltadas para crianças e seus familiares em residências, áreas de lazer de condomínios, casas de recepção e *buffets parks*. No que compete ao tempo de exercício profissional dos participantes deste estudo há uma variação entre 10 e 38 anos com média de 18 dedicados à carreira. Sobre a idade dos entrevistados o animador mais jovem possui 30 anos e o mais velho 64. A média de 41,2 anos desses sujeitos é superior à média das idades identificadas por outros estudos próximos. O *Portal Salário* (2020) aponta que em Belém os recreadores com carteira assinada atuantes em regime de tempo integral têm em média 24 anos e os sujeitos estudados por Arruda (2018) têm 33,7 anos, por exemplo.

Sobre como esses profissionais se identificam e quais estratégias usam para isso, 14 dos animadores entrevistados usam codinomes artísticos e um usa seu nome de nascimento precedidos, ou não, pelas terminologias Palhaço (a) ou Tio (a). Costumam atuar sozinhos, com apoio de um DJ, com monitores ajudantes identificados com camiseta ou macacão da empresa, ou em equipe com outros animadores. Sobre a forma de contratação todos os sujeitos costumam atuar de maneira independente, ou seja, são contratados diretamente pelos clientes finais (pais ou responsáveis pelas crianças) sem a intermediação de uma agência de empregos, por exemplo.

Este contato entre os fornecedores e consumidores costuma acontecer através da divulgação em classificados ou em grupos de discussão na internet, distribuição de cartões de visita em lojas de artigos para festa, além de indicações de clientes e colegas de trabalho como cerimonialistas, decoradores, fotógrafo, como percebemos na fala do entrevistado E10.

Eu hoje só vivo da animação. Trabalho nas casas conhecidas aqui em Belém. A gente não é contratado pela casa. A casa tem os animadores da alta confiança dela e indica. Hoje, pelo meu trabalho, graças a deus, eu sou um dos primeiros a ser indicado por essas casas (E10).

Em relação ao rendimento familiar, para os entrevistados a profissão de animador (a) de eventos é tida como fonte de renda principal ou complementar. Há entrevistados que atuam com carteira assinada e com seus empreendimentos de animação. Há pessoas cuja a renda principal é proveniente dos serviços de animação e possuem registro CNPJ e profissionais cuja a renda principal é proveniente dos serviços de animação, mas atuam na informalidade e geralmente complementam a renda com serviços diversos ligados à venda, à estética.

No que compete às pessoas que possuem vínculo de carteira assinada em outros espaços de intervenção, um dos entrevistados é concursado pela Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC) atuando como inspetor em uma escola; um ocupa o cargo de “coordenador de entretenimento” em uma rede de *buffet park* e também é professor em escola infantil e uma entrevistada é “assistente de atividades sociais” em uma entidade do terceiro setor.

Sobre o serviço de animação, três dos 15 profissionais são regularizados como Microempreendedores Individuais (MEIs), enquanto os 12 demais não possuem registro formal de seus empreendimentos de lazer atuando como *freelancers* nos eventos. Diferentemente disso entre os entrevistados de Arruda (2018) predominou trabalhadores assalariados, seguido dos MEIs, e aqui predominou a atuação *freelancer* e MEI.

Em primeiro lugar, se desconsiderarmos as pessoas que têm algum tipo de registro profissional (seja carteira assinada de trabalho assalariado ou CNPJ), pelo menos 9 atuam na informalidade para sua subsistência e isso reflete o cenário nacional. De acordo com dados do

IBGE²³ referentes ao primeiro trimestre de 2020 (NERY, 2020), o Estado do Pará lidera o ranking da taxa de informalidade entre os brasileiros com 61,4%, seguido do Maranhão, que tem 61,2% dos trabalhadores em situação informal. Esse cálculo considera pessoas empregadas no setor privado sem carteira de trabalho assinada, empregadores sem registro no CNPJ, trabalhadores por conta própria sem registro no CNPJ, empregados domésticos sem carteira de trabalho assinada e trabalhadores familiares auxiliares.

Ainda a respeito dessa informalidade, Uvinha e Santos (2013, p. 347) acreditam que no trabalho temporário, autônomo e o subemprego “geralmente estão suprimidos quaisquer direitos trabalhistas e sociais, causando aumento da pobreza e exclusão social de grande contingente da população. O trabalho existe, mas desprovido dos direitos conquistados ao longo dos séculos”. Este tipo de trabalho é presente no setor de prestação de serviços.

Há uma “nova informalidade” na concepção de Alves (2018) que tem com um de seus marcos recentes a Reforma Trabalhista vigorando desde de novembro de 2017 (Lei 13.467/2017). O autor afirma que não se trata de informalidade que se restringia à ausência de registro na carteira de trabalho que garantiria direitos trabalhistas e previdenciários. A nova informalidade consiste na regulamentação de novas formas de contratação para o trabalho flexível como o teletrabalho (*home office*) e trabalho intermitente resultantes na precariedade salarial. No trabalho intermitente, por exemplo, o sujeito é convocado pelo empregador mediante demandas e o salário mensal fixo deixa de existir. Se a convocação para trabalhar não ocorrer, o trabalhador não recebe nada pelo tempo em que ficou à espera por novas demandas. O autor ainda fala sobre o sentido das Pessoas Jurídicas (PJ's) e trabalhadores *freelancer* neste contexto.

Finalmente, o novo proletariado flexível, trabalhadores materiais do conhecimento informalizados, possuem outra característica – no caso aqueles que não são reconhecidos como possuindo vínculo empregatício (os PJ's ou free lancer): não são portadores dos direitos de fundamentação coletiva historicamente conquistados (por exemplo, direitos trabalhistas e previdenciários). A nova informalidade possui uma linha de gradação de precariedade de direitos que significa o desenvolvimento de um processo de desconstrução substantiva dos direitos do trabalho, resultado da dessubjetivação de classe. No plano da consciência contingente das massas trabalhadoras, extinguiu-se (ou no caso do Brasil, sequer se construiu) a ideia de coletivo ou categoria profissional, permanecendo apenas a ideia do profissional. Vejamos o caso do trabalhador de home-office: o coletivo foi privatizado no espaço doméstico (ALVES, 2018, on-line).

²³ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27708-desemprego-aumenta-em-12-estados-no-primeiro-trimestre>

Embora Alves (2018) remeta-se a processos laborais mediados pela tecnologia e perfis profissionais distintos dos animadores de eventos, a lógica de enfraquecimento sentido de categoria profissional é similar. A meu ver, sujeitos em processos de trabalho cada vez mais individualizados tendem a não estabelecer redes de cooperação e representação profissional. O desejo pela união da categoria dos animadores de eventos de Belém está presente no discurso de alguns entrevistados.

Quero que as pessoas vejam que é importante a união da classe para o crescimento de cada um porque não adianta uma está puxando para um lado e dez está puxando por outro (E3).

Infelizmente aqui em Belém, não existe uma união, não existe uma coisa assim mais corporativa, do que que visualizei muito aí para fora. É meio que cada um por si, deus por todos. Mas a gente cria núcleos, e o Acácio é um núcleo desse de amizade, tanto é que a gente fica se indicando assim para festa (E1).

Eu conheço vários animadores, eles dão oportunidade para outro. Mas sempre tem um que, não sei se é por inveja ou é por egoísmo, não passa o evento e acaba deixando para lá, entendeu? Cada um tem uma animação diferente, cada um é especial, todos são ótimos, são excelentes. O mercado é grande e dá para todo mundo. Então se cada um ajudasse assim, seria melhor ainda (E4).

São várias palhaças e palhaços que eu formei e hoje em dia estão aí. A gente fica feliz, porque essas pessoas estão sobrevivendo disso. Agora o que eu sinto falta aqui em Belém, que deveria ter uma união dos palhaços para formar essa associação, para agora no final do ano fazer uma festa, angariar brinquedos, alimentos para dar para as crianças carentes, para fazer a nossa festa em prol das crianças carentes (E12).

As falas dos entrevistados parecem reivindicar união para o fortalecimento desta categoria profissional. Embora nos relatos se sobressaíam os vínculos de amizade transcrito nas indicações de clientes e de solidariedade em possíveis ações com crianças carente, imagino que a articulação desta categoria poderia assumir outras possibilidades de intervenção social para além da filantropia. Os animadores já evidenciam um fator importante que é uma união necessária entre os pares, agora necessitam conceber como a categoria unida conseguiria estimular a formação e aprimoramento profissional de cada um. No próximo tópico apresentarei dados sobre a formação escolar dos sujeitos pesquisados e farei inferências sobre os dados coletados.

4.2.2 **Escolaridade dos sujeitos**

As discussões teóricas sobre formação levantadas nos capítulos anteriores pontuam que saberes são construídos também em processos e contextos distintos da educação formal, o que acontece no caso dos animadores de eventos infantis de Belém do Pará. Veremos no decorrer

deste capítulo que os dados da pesquisa evidenciaram processos formativos diversos na constituição profissional dos animadores de eventos infantis atuantes em Belém do Pará que vão além da trajetória acadêmica presente nas instituições de ensino. No entanto é interessante entender possíveis ligações entre os diversos níveis de formação e a intervenção profissional dos sujeitos pesquisados.

Sobre a escolaridade dos quinze respondentes: uma pessoa tem ensino médio incompleto; quatro pessoas têm ensino médio completo; duas pessoas têm curso Técnico em Teatro; uma pessoa curso Técnico em Hotelaria; uma pessoa com Tecnólogo em Análises e Sistemas; três pessoas com curso superior em Pedagogia em andamento; uma com especialização *lato sensu* em Gestão Escolar; uma com curso superior em Licenciatura em Teatro; e uma pessoa com Bacharelado em Teologia.

Tabela 2 - Grau de instrução dos animadores entrevistados

Grau de escolaridade	Quantidade de pessoas	Porcentagem total
Ensino médio incompleto	1	6,7%
Ensino médio completo (normal ou com magistério)	4	26,6%
Curso técnico	3	20,0%
Superior incompleto	3	20,0%
Superior completo	3	20,0%
Pós-graduação <i>lato sensu</i>	1	6,7%
Total	15	100%

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Estes dados podem ser interpretados sob duas perspectivas. A primeira analisa isoladamente os níveis de instrução e aponta que as pessoas que têm ensino médio completo predominam entre as demais, com 26,6% do total de pesquisados. Na outra possibilidade de análise, agrupam-se formações em andamento e concluídas. Se adentrarmos nesta segunda perspectiva, o número de pessoas com ensino médio (em andamento ou concluído) totaliza cinco (33,3%) dos demais, um número próximo, mas inferior ao dos que têm curso superior (em andamento ou concluído), que chegaria a seis, totalizando 40% do total.

Stoppa e Isayama (2001) dimensionam os níveis de formação e as possibilidades de atuação dos animadores culturais que podem ter formação geral ou específica e isso relaciono com os animadores de eventos.

A animação sociocultural pode ser caracterizada como uma ação desenvolvida por diferentes lideranças, seja por meio de atuação de profissionais com formação geral (com estudos e experiências mais abrangentes), ou específica (graduados nas diferentes áreas do saber) e ainda, voluntários (lideranças espontâneas das

comunidades que colaboram na mobilização, no planejamento, na execução e na avaliação das vivências de lazer) (STOPPA; ISAYAMA, 2001, p. 97).

A partir dessa lógica a atuação na função de animador de eventos pode ser diversificada ressaltando que nos dados deste estudo identifiquei um animador de eventos infantis que não concluiu o ensino médio e tal situação vai contra a exigência mínima para o exercício profissional previstas na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) e dessa maneira não poderia ser-lhe atribuída a ocupação de recreador. Este sujeito faz parte dos 52,6% da população brasileira com mais que 25 anos de idade que não terminaram o ciclo básico da educação escolar, de acordo com dados de 2018 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) / IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020c).

Os espaços de atuação ocupados por este profissional, por sua vez, parecem desconsiderar a formação escolar mínima prevista na CBO ao contratarem uma pessoa sem formação específica para elaborar, produzir e avaliar as ações pedagógicas para as crianças, mas que acaba atendendo ao que se espera de um animador de eventos, que é realizar brincadeiras e manter um clima alegre e cordial no evento, ou seja um, domínio técnico. Levo essa lógica de contratação para os demais profissionais com ensino médio.

No decorrer deste capítulo apresento alguns contextos de formação que vai além da educação formal institucionalizada mas atendo-me a esse. Sem ter a intenção de fazer juízo de valor sobre a qualidade dessa intervenção profissional dos sujeitos estudados, acredito que uma formação específica e contínua potencializaria a prática laboral desses sujeitos. Busquei algumas evidências disso nas falas da entrevistada E5, que tem ensino médio, e das entrevistadas E14 e E7, com formação na área da Educação.

Eu hoje sinto falta de voltar a estudar, de fazer aula de inglês, porque eu vejo que o inglês, querendo ou não, envolve no meu trabalho. Eu faria um bom curso de inglês, uma faculdade para poder as pessoas dizerem “Poxa, ela tem uma formação pelo menos”. Eu preciso encarar e continuar, mas eu tô com um projeto para o próximo ano. São três tipos que eu penso em fazer, uma delas é Administração, a segunda é a parte teatral e a outra musical, mas o que mais vem na cabeça é Administração, pela parte de administrar um negócio (E5).

Além de conceber a formação superior como algo que lhe garantiria algum tipo de reconhecimento social, a entrevistada E5 aponta que conhecimentos de língua estrangeira, teatro e música seriam importantes para aprimorar os serviços que desenvolve nos eventos, mas que uma graduação em Administração seria mais proveitosa para a sua empresa, ou seja, o curso superior seria utilizado para um fim operacional. A entrevistada também não cita a possibilidade

de cursar outras graduações no campo do lazer que pudessem qualificar o conteúdo de seu trabalho, como Educação Física, Turismo ou Pedagogia, por exemplo.

Isayama (2010) ajuda a pensar sobre isso quando aborda a duas perspectivas de formação profissional em lazer no Brasil: a focada no conhecimento, na cultura e na crítica e outra tecnicista. A primeira incorporaria a interdisciplinaridade dos saberes e privilegiaria a educação para o lazer e processos filosóficos para pensar a intervenção profissional e já a segunda privilegia o domínio de conteúdos específicos e metodologias para a prática do animador. Sobre esta segunda:

Na atualidade, por mais que se tenha superado a ideia do profissional nato, continua muito difundida a visão do profissional que já vem pronto, pouco tendo a aprender técnica, científica e pedagogicamente, a não ser a logística – a ordenação das etapas e dos recursos do trabalho –, que varia de acordo com o local de trabalho e muda constantemente (ISAYAMA, 2010, p. 11).

Talvez a fala da entrevistada E5 também transcreva a centralidade dos saberes práticos e operacionais para sustentar a sua prática profissional e não identifica a necessidade de envolvimento em reflexões críticas ou de outras possibilidades de interpretar e intervir no campo do lazer. Tal perspectiva diferiu da entrevistada E14 que, ao ocupar um cargo de nível médio em uma política pública de educação, sentiu falta de uma formação superior em educação para aprimorar o conteúdo de seu trabalho.

Eu comecei no Detran primeiro prestando serviço. Eles trabalhavam com arte-educação, a gente ia para os sinais abordar os motoristas e pedestres falando sobre educação no trânsito. Eu senti falta de um curso superior e aí foi um outro ponto que me fez ver que a Pedagogia seria também algo importante para ajudar dentro do meu trabalho de educadora no trânsito (E14).

Sobre curso superior e o trabalho com as crianças, a entrevistada E7 faz conexão entre os conteúdos de sua formação acadêmica em Pedagogia e sua prática profissional.

Os dois agregaram muito um ao outro. Minha prática profissional fez com que eu compreendesse muito melhor toda a teoria apreendida, dentro de sala de aula. Então tudo que Jean Piaget fala hoje sobre como a criança aprende, de que forma a criança aprende, Vigotski... Isso tudo eu tenho tido, na prática ao longo desses anos, mas não saberia explicar se eu não tivesse essa base teórica que eu tenho hoje, então agregou muito. Nas animações, hoje em dia, por exemplo, eu consigo levar uma programação adequada para as crianças conforme a faixa etária por causa do embasamento teórico (E7).

As duas entrevistadas evidenciam uma questão sensível: os alicerces entre prática profissional e teoria. Isayama (2010) aponta como a fundamentação teórica pode auxiliar o trabalho em lazer em prol de uma prática diferenciada que dialogue com a diversidade de pessoas e contextos nas quais estão inseridos.

É importante frisar que um sólido referencial teórico possibilita a compreensão da prática por meio de novos olhares, permitindo a consolidação da práxis. Um animador cultural que atua em clubes, por exemplo, e conhece questões sobre diferentes faixas etárias (crianças, adolescentes, adultos e idosos) e grupos sociais (portadores de necessidades especiais, negros, índios, homossexuais etc.) tem sua prática direcionada por outra perspectiva. Dessa forma, a relação teoria-prática adquire função muito diferente de um simples fazer mecânico e técnico (ISAYAMA, 2010, p. 12).

Na perspectiva da importância da formação para quem trabalha com educação, Maluf (2009) e Negrine (2013) apontam uma reflexão acerca de uma formação dos profissionais que atuarão em espaços lúdicos sob três dimensões: formação teórica, formação pedagógica e formação pessoal. Para Solé (1992), a formação teórica deve ocorrer no sentido de trazer teorias que possam situar e embasar o desenvolvimento e a aprendizagem a respeito de jogo, tempo livre, recreação e prazer. A formação pedagógica seria a possibilidade de vivenciar o lúdico e a formação pessoal envolveria experimentações por via corporais de um corpo que brinca livremente.

Ao contrapor a formação teórica e formação pedagógicas nos cursos de Pedagogia, Maluf (2009, p. 11) afirma que os estudantes carecem de práticas pedagógicas, muitas vezes restritas somente aos estágios supervisionados. Na visão da autora:

a formação de um profissional nesta área precisa ser melhor embasada, com conhecimentos que vivenciem experiências lúdicas, que atuem como estímulos para ampliar seus poderes de habilidades que desabrochem naturalmente em uma variedade de maneiras de explorar a si próprio e ao ambiente que se encontram (MALUF, 2009, p. 11).

A entrevistada E7 afirma que sua experiência profissional fez com que compreendesse melhor a teoria apreendida dentro da graduação, ressaltando o lugar da prática na formação. A possibilidade da entrevistada E7 permitir-se brincar poderia ser um gatilho para aprimorar o seu trabalho. Em relação ao trabalho com as crianças, Maluf (2009, p. 11) sugere que ele aconteça ora com atividades que cada uma possa brincar livremente, ora com atividades dirigidas, mas “em nenhum momento, determinar padrões comportamentais ou julgá-las sobre o seu desempenho”.

A relação do educador com as crianças está presente na fala de Negrine (2013), pois “ao brincar a criança faz uma releitura de seu contexto sociocultural emergente, amplia, modifica, cria e recria através dos papéis que eleger para representar” (NEGRINE, 2013, p. 86). O autor afirma ainda que “quanto menor for a criança a ser atendida, mais qualificada deverá ser a formação do profissional” (NEGRINE, 2013, p. 89), chamando atenção para como a formação do profissional lúdico deve ser bem embasada, seja qual for a idade com qual eles vão atuar.

Embora essa análise seja voltada aos professores, ela pode ser contextualizada a todos os profissionais que atuam com brincadeiras e crianças.

Esse potencial educativo do trabalho do animador é presente na fala do entrevistado E2, que relata o interesse de estudar a influência dos adultos na vida da criança e exemplifica como a sua interação com uma criança em um evento conseguiu converter uma situação adversa para os pais.

Hoje eu tenho com visão de formação humana. O que eu puder fazer para influenciar de bom a vida de crianças hoje para que daqui a cinco, dez anos essas crianças que estão hoje próximas de mim eles possam também influenciar outras pessoas. O tema do meu TCC que eu quero escrever é como o adulto influencia na vida criança porque eu percebi que a criança absorve de quem a conquista, quem vê como um amigo, alguém que a criança tem admiração. Por ver que a figura do palhaço já é alguém que a criança admira às vezes o convidado chega assim: “olha, palhaço, conversa com ele porque ele não quer comer toda a comida”, então eu chegava e conversava, “olha, tem que comer toda a comida”. Aconteceu de encontrar aquele pai, aquela mãe, em outro evento e ele falou assim: “olha, foi incrível quando *tu conversou* com ele, depois daquele dia ele come que é uma beleza”. Então quer dizer: o poder que a gente tem de influenciar a vida de uma criança (E2).

A entrevistada E7 parece seguir no caminho do entrevistado E2 ao reconhecer o papel social do animador. Em sua fala a entrevistada enfatiza que este profissional é um agente da promoção de práticas de lazer.

Gostaria de enfatizar a importância da valorização do profissional de entretenimento, do lazer, de recreação, porque, como eu disse, no mundo de hoje, o mundo onde depressão é a doença do século, no mundo de hoje onde as crianças estão, cada vez mais, perdendo a sua infância mais cedo, no mundo de hoje onde a violência está tomando conta dos parques, das praças, das ruas, onde as crianças não podem mais andar de bicicleta. Então eu queria que o profissional de recreação e de lazer abrisse os seus olhos para isso. Quando eu falo da valorização, eu não falo só na questão econômica, mas na questão deles saberem a importância que tem o lazer hoje na vida do ser humano. E que lazer ele está entre as necessidades, a própria Constituição diz isso: que nós temos direito ao lazer (E7).

A partir da fala da entrevistada E7 percebo que valorização profissional está junto à importância da compreensão do lazer enquanto direito constitucional para uma intervenção cidadã. As discussões até aqui centraram-se em processos formativos ligados às instituições formais de ensino-aprendizado, mas há sujeitos que, independentemente de não seguirem uma formação acadêmica institucionalizada, tiveram outras circunstâncias de processos formativos que lhe garantem permanência no campo. Identificar e analisar os saberes desses sujeitos mobilizados na atuação profissional e assim entender suas trajetórias é um objetivo deste estudo que será abordado nos próximos tópicos.

4.2.3 A infância e a juventude: o que aprenderam e mobilizaram em sua atuação profissional nessa fase da vida

Quando convidados a falar livremente a respeito de suas trajetórias de vida (perpassando pela infância, juventude, formação escolar básica, lazer, esporte e atividades artísticas) até a área de formação e atuação profissional, a maior parte dos animadores entrevistados apontou as experiências vivenciadas na infância. Os relatos mostram como contextos libertários estimulam interações lúdicas das crianças com o mundo e o fazer criativo.

Infância foi tranquila, com um pouco de dificuldade na época da ditadura militar nos anos 60, mas sobrevivemos. Brincadeiras de criança mesmo de brincar de correr na praça, aliás, praça não que não tinha a praça ainda. Na rua. Enfim... (E15).

Eu tive uma infância muito feliz, posso dizer assim. Brinquei muito, tive irmãos e isso foi muito importante também na minha formação pessoal, a convivência com os meus irmãos. Brinquei muito na rua, mas sempre com a supervisão dos meus pais, nunca à vontade, sempre acompanhada deles, ou então no quintal de casa (E7).

a nossa convivência foi muito assim de brincar mesmo, brincar na rua mesmo, brincar no quintal de casa, é... Inventar brincadeiras, subir em árvore e a infância foi bem assim mesmo (E2).

Sempre gostei de esportes, futebol. Sempre brinquei com os colegas, peteca, pipa, fazer arte, como toda criança gosta de fazer. Inventar as coisas. Então, essa foi a infância. Me diverti bastante (E13).

a nossa infância foi muito rica e diferenciada das crianças de hoje. Tinha um quintal grande com animais: galinha, pato, até um porquinho a gente tinha. Subia em árvore, brincava muito. Às vezes até criava algumas brincadeiras com os meus irmãos, brincava de montar. teve até um dia em que a gente montou um minimuseu com os ossos da comida. Quando a minha mãe falou que eu ia ficar mocinha, que eu ia crescer, eu chorei muito porque eu não queria crescer, eu gostava dessa fase da nossa vida que é a infância, o brincar (E6).

Brinquei bastante de tudo. Eu acho que isso me traz muita vantagem. Por exemplo: um animador que vai começar agora, que é novinho eu tenho muita vantagem sobre ele. Eu acredito que os mais velhos também, porque a gente brincou na rua, pira-pegar, pira-se-esconde, garrafão, bandeirinha, tacobol, essas coisas. Então, a gente tem essa vantagem, que a gente inventava e brincava na rua, a gente não dependia de nada eletrônico, de nenhum recurso eletrônico para isso. Então, a minha infância e juventude foi basicamente isso (E13).

O tom das respostas dos entrevistados evidencia os momentos de lazer no qual as crianças foram protagonistas em suas respectivas ruas e quintais na companhia de outras crianças. Nos três últimos relatos, os entrevistados citam a possibilidade de criar brincadeiras como locus privilegiado da condição infantil. A respeito da produção cultural das crianças, Marcellino (2006b, p. 41) alerta sobre o “desaparecimento gradativo de jogos e brinquedos tradicionais no Brasil” provocado por fatores diversos, dentre os quais cita o crescimento das

idades e a diminuição das áreas livres para o lazer, “o grande número de brinquedos industrializados, sofisticados e atraentes” e outros aspectos ligados aos meios de comunicação, popularização da informática e do setor de jogos, por exemplo. De acordo com o autor, esses fatores constituem um processo que acaba por diminuir as experiências comunitárias entre as crianças.

As consequências desse processo são bastante conhecidas: a mais negativa delas provavelmente seja a diminuição das ocasiões de reunião das crianças, isto é, das brincadeiras coletivas, tão importantes no aprendizado da vida em grupo e no desenvolvimento do sentimento comunitário (MARCELLINO, 2006b, p. 41).

Não pretendo comparar as infâncias dos animadores entrevistados com as das crianças de hoje, tampouco de sugerir processos de patrimonialização das brincadeiras populares, mas vislumbro em suas falas uma preocupação em perceber a importância desses conteúdos vivenciados na infância para seus serviços de animação infantil. Busquei identificar ações nesse sentido e cito os entrevistados E2 e E6 que tiveram saberes de experiências da infância mobilizados na prática profissional.

Muita coisa que eu atuo na animação é o que eu vivi, por exemplo, tem brincadeiras que eu faço até hoje que eu brinquei quando eu era criança. No caso dessa parte de esporte também contribuiu muito, tem uma brincadeira que eu faço que é o vôlei de balão e eu gosto de jogar vôlei desde os meus 14 anos, então fiz essa adaptação. E outras tantas brincadeiras que eu brincava e eu gosto de trazer, tipo uma brincadeira bem antiga que muitas vezes até algumas crianças nem conhecem hoje, que é o Boca de Forno. Tenho algumas brincadeiras mais atuais, mas a brincadeira que faz mais sucesso na minha animação é o Boca de Forno que todo mundo brinca junto, tanto as crianças como os adultos (E2).

Quando eu era criança o meu pai levava muito a gente no circo, hoje em dia eu não vi muito nesses circos que ultimamente estiveram aqui: a corda bamba. Tenho uma corda que faço a brincadeira para usar a imaginação com as crianças “vamos imaginar que vocês estão no picadeiro, vocês vão atravessar a corda bomba do palhaço”. Então eu uso a imaginação, isso é um resgate também da hora do lazer de eu estar ali assistindo ao espetáculo de circo e trazer para a questão profissional (E6).

Além de resgatar uma brincadeira de sua infância chamada Boca de Forno, o entrevistado adapta voleibol para o contexto da festa substituindo a bola por bexigas e a rede por um lençol criando assim uma brincadeira nova. Processo semelhante que acontece com a entrevista E1 que resgata uma atividade presente nos espetáculos circenses (corda bamba) transformando-a em brincadeira de festa.

Capi e Isayama (2019) e Alves (2019) abordam temática da formação para o lazer através da ludicidade de maneira transversal. A partir do levantamento sobre os formadores participantes de uma política pública, Capi e Isayama (2019) entendem que os momentos de brincar no período da infância desses sujeitos constituem saberes somados aos outros

apreendidos na formação profissional, possibilitando uma prática profissional propícia ao aprofundamento dos debates sensíveis ao público infantil.

entendemos que os momentos de brincar experimentados pelos formadores no período da infância se constituem em saberes sobre lazer, porque permitem a esses profissionais abordarem nos seus espaços de atuação os temas infância, brincar, tempo e espaço. Ao se apropriar desses saberes, construídos na interface entre o que os formadores viveram na infância e aprenderam na formação profissional é possível pensar numa intervenção pedagógica que esclareça e permita aos sujeitos envolvidos no processo formativo viver, saborear, conhecer e aprofundar sobre temas específicos para esse público. Nesse sentido abrem-se possibilidades para discutir infância, criança, brincar, jogo, lúdico, do direito ao lazer para essa faixa etária, construindo os saberes em diálogo com os sujeitos e suas realidades (CAPI; ISAYAMA, 2019, p. 146).

Esse raciocínio dos autores é exequível ao trabalho dos animadores de eventos infantis que têm as crianças como público de suas ações. No entanto, é interessante pensar quais caminhos a formação profissional poderia trilhar para que estes sujeitos possam maximizar os conteúdos apreendidos na infância. Alves (2019) mostra um caminho e aborda a existência de um componente lúdico na formação que transcende o sentido de brincadeira e se aproxima de uma prática de mediação cultural.

Desse modo, o profissional que atuará no âmbito do lazer precisa compreender seu papel de mediador da cultura como patrimônio da humanidade, seu papel de educador que diverte, troca experiências, que ensina e que aprende e diariamente necessita rever sua conduta profissional, no exercício da “ação-reflexão-ação”. [...] Uma formação consistente e de desenvolvimento de competências e habilidades técnicas, culturais e pedagógicas, fundamentadas na animação, no lúdico e na diversão poderá possibilitar uma atuação no campo com maior eficácia, associando o caráter político de intervenção e melhora das condições de vida das pessoas (ALVES, 2019, p. 184).

A autora defende a ideia de que uma formação profissional fundamentada na animação, no lúdico e na diversão possibilitaria ao indivíduo o poder de intervir na realidade social. Essa mediação cultural é potencializada quando o profissional reflete sobre sua prática. Percebo que os relatos dos animadores de eventos infantis evidenciam o reconhecimento da importância das brincadeiras durante a suas infâncias, tenho esperança que possam ter uma formação profissional que a estimule o processo reflexivo sobre essas brincadeiras utilizando-as para a mediação das crianças com o mundo.

Além do domínio das brincadeiras, os entrevistados abordam a comicidade como conteúdo importante de sua constituição profissional. O risível e irreverente são representados pela imitação e piada, nas falas dos entrevistados E1 e E12 que vieram aprimorando uma habilidade de fazer as pessoas sorrirem desde suas infâncias no contexto familiar e utilizam hoje em suas práticas profissionais como palhaços.

Eu tenho registros desde infância de trabalhos que eu chamo hoje do palhaço. Tudo isso inicia lá quando eu tinha seis anos de idade, quando eu digo que me entendo como gente. Eu pegava as roupas da minha avó, umas batas que ela tinha e me vestia de padre e começava a dizer que eu era o padre e fazia essas ações diante da minha prima, diante da minha família, e todos achavam graça, todos achavam isso muito risível. E isso motivava em mim sempre para fazer essas gracinhas, esses gracejos para família. Eu imitava o padre da igreja, eu imitava as cantoras da igreja, os cantores (E1).

A minha mãe era feirante, então a gente aprendeu desde cedo a trabalhar com vendas ao público na feira. A gente fazia piadinha na feira. Era o dia inteiro fazendo piadinha. Eu via os Trapalhões e aquilo me influenciava, gostava muito do Mister Bean e outros grupos de comédia. A gente brincava, zoava um com outro, tudo mais. A gente tinha veia artística já para contar piada. Quando a gente ia para o interior de Igarapé-Miri, a gente contava muita piada. Meus primos do interior contavam as deles e a gente contava as nossas. Era uma troca de informação. Lá eles contam muitos causos e a gente tinha que sair daqui carregado com pelo menos uns 100 para contar lá também para a gente fazer uma porfia de contar piada (E12).

Algumas referências são citadas como os programas de televisão e “causos” populares que de alguma forma criaram um repertório de conteúdos que podem ser mobilizados na prática com animação. É óbvio que se deve refletir sobre o que é risível em nossa sociedade para evitar a perpetuação de discursos preconceituosos e opressores, mas o fato é que esse estímulo para a comicidade despertou nos sujeitos citados a vontade de seguir fazendo as pessoas rirem.

Outro aspecto que gostaria de abordar na fala do entrevistado E12 é a existência de trabalho infantil que de acordo com a legislação brasileira é toda e qualquer atividade realizada por menores de 16 anos, salvo na condição de aprendizes a partir de 14 anos. O estudo de Capi e Isayama (2019) identificou que dois dos seus 17 sujeitos pesquisados tiveram que envolver-se com trabalho na infância para ajudar na renda da família, mas nos relatos estudados não foi apontado que trabalhar impossibilitou o acesso ao brincar, o que é similar à situação do entrevistado E12.

Este estudo identificou que sete (metade dos entrevistados) desenvolveram algum tipo de trabalho remunerado antes dos 16 anos. Três deles desenvolveram desempenharam funções fora do campo dos eventos como assistente de pedreiro, feirante e serviços gerais, enquanto os outros quatro começaram a atuar profissionalmente ocupando funções ligadas aos eventos infantis como produtores, decoradores e animadores assistentes conforme mostra a tabela.

Tabela 3 - Trabalho infantil e Inserção profissional

Entrevistado	Idade	Função
Atividades fora do segmento de eventos infantis		
E2	14	Serviços gerais
E4	15	Serviços gerais / trabalho doméstico
E12	15	Feirante
Atividades dentro do segmento dos eventos infantis		

E3	12	Palhaço garoto
E10	13	Decorador / serviços gerais / animador
E13	15	Monitor (assistente)
E14	15	Monitor (assistente)

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os adolescentes são definidos como pessoas entre 12 e 18 anos incompletos. Quando começaram a trabalhar, todas as pessoas citadas tinham menos de 15 anos, ou seja, eram adolescentes. Para analisar sobre questões ligadas a este grupo cito Isayama e Gomes (2008), que refletem lazer e trabalho dos jovens.

quando o sujeito se dedica ao trabalho em tempo integral, provavelmente terá menos tempo para o lazer, pois, na maioria das vezes, o trabalho acaba assumindo, precocemente, uma posição de centralidade na vida desses jovens. Além disso, é fundamental destacar que o envolvimento dos jovens com o campo de trabalho se dá principalmente por intermédio de bicos, biscates, freelance ou de outras maneiras ocupacionais caracterizadas pela informalidade (ISAYAMA; GOMES, 2008, p. 9).

Há relatos dos entrevistados em que essa centralidade do trabalho é perceptível quando, por exemplo, afirmam que a incompatibilidade de horário para trabalhar e estudar provocou a evasão escolar, tendo em vista a necessidade de obter uma fonte de renda para se somar ao rendimento familiar.

Procurei trabalhar bem cedo e por causa disso eu tive que parar de estudar. Chegou uma época que apareceu uma oportunidade de eu trabalhar com venda, viajando com representações que deu uma pausa nos estudos que senti muito depois. O meu ensino médio mesmo eu só pude concluir já aos 35 anos (E2).

Eu parei no último ano, terceiro ano do ensino médio, devido conseguir uma vaga de emprego na Santa Casa de Misericórdia na cozinha. Eu saía às 7h da Santa Casa e chegava já no segundo horário no colégio. O trabalho passou a me sugar. Nunca consegui unir os dois porque devido também o cansaço e às vezes não tinha professor. E acabei desistindo no último ano (E10).

A temática do trabalho precoce será usada para discutir a inserção profissional no campo do lazer. Cito em perspectiva comparada o sentido do trabalho com animação para dois jovens de 15 anos que iniciaram suas carreiras ocupando a mesma função de monitor assistente em épocas e empresas distintas. E13 foi convidado para compor o quadro de monitores *freelancer* de uma empresa de animação cuja incumbência principal era ajudar na administração dos materiais das atividades. E14 foi convidada para vestir-se com as roupas de um personagem para apresentar-se nos eventos e auxiliar o animador no que fosse necessário. Para a entrevistada E14 o cachê pago pelo serviço era decisivo para comprar alimentação para a sua residência

diferentemente do entrevistado E13 onde o pagamento proveniente do trabalho com animação não era utilizado para arcar com o sustento de sua família.

Eu comecei com 15 anos em uma empresa e como uma brincadeira. Era mais por diversão, porque não era tanto pelo dinheiro. Até porque então naquela época, lá atrás, era pouco. Ah, era divertido porque tem a comida da festa, tem o salgadinho, tem refrigerante, essas coisas, tudo mais. Eu também recebia, era ótimo, porque na segunda-feira eu estava com dinheiro para comprar meu lanche na escola. Então, era uma coisa boa para mim, que tinha 15 anos. Todo final de semana eu estava *numa* festinha diferente. Foi muito cedo para mim, mas foi bom, porque, se desse errado, eu podia escolher outra coisa (E13).

O entrevistado destaca que ter iniciado uma atividade laboral aos 15 anos de idade foi prematuro, ao mesmo tempo em que foi positivo para que se pudesse avaliar se ele se identificaria ou não com a carreira. A baixa remuneração foi compensada pela frequência de eventos cujo montante do cachê era subsídio dos custos básicos com a escola durante a semana. O que difere da entrevistada E14 que tinha no trabalho com a animação a sua fonte de renda decisiva para subsistência.

Sempre que fechava a fábrica, a minha mãe viajava para o interior da família dela e eu e minha irmã não queríamos ir. Então ela falou assim: vocês querem ficar aqui? Então vão ter que se sustentar sozinhas. E eu com quinze anos, mais ou menos, disse: quero. Aí eu conheci um animador, assim... foi de deus... mandado por deus... era o Palhaço Pimpão. Eu o vi conversando com alguém, querendo algumas pessoas para fazer personagem vivo. Ele na época pagava quinze reais e eu falei para minha irmã: “olha, é hora *da gente* ir! *Bora* para gente ganhar um dinheiro” e foi desde aí que começou a minha vida. Eu fiquei muito feliz porque a gente conseguiu um dinheiro. A gente foi à feira... Foi engraçado... A gente comprou um pouco de comida... “*tá* vendo? Acho que disso dá *pra* gente viver um pouquinho, *né?*” (E14).

As falas convergem e divergem em alguns aspectos: a primeira é que o exercício de uma atividade remunerada com animação de eventos antecedeu a conclusão do ensino médio nas respostas, evidenciando que a formação escolar básica e experiências no mercado de trabalho foram concomitantes. O segundo ponto em comum é que se trata de um trabalho com vínculo *freelancer*, ou seja, sem contratação formalizada. O terceiro aspecto aponta divergências já para o entrevistado E13 onde a remuneração do trabalho não é decisiva para a renda familiar do adolescente, para a entrevistada E14 o cachê pelo trabalho desenvolvido é decisivo para o sustento familiar. No próximo tópico abordarei a entrada dos entrevistados no campo da animação.

4.2.4 A entrada no campo da animação

Ao relatarem sobre quando e como foi o processo de ingresso na animação de eventos infantis e por quais motivos entraram para este campo de atuação, os sujeitos mostraram quão diversas podem ser as motivações e o processo de inserção profissional. Estruturei este tópico agrupando os relatos de experiências de acordo com tipo de motivação predominante que são: **Convite de outros animadores; Busca pela realização profissional; Possibilidade de exercício de uma formação em Teatro e Outras possibilidades de ingresso profissional.**

No final do tópico anterior sobre a infância e juventude dos sujeitos citei experiências do ingresso de menores de 16 anos no trabalho remunerado dentro do segmento de eventos infantis. Começo por analisar o grupo temático do qual três deles fazem parte: os motivados para o ingresso no campo da animação de eventos a partir do “convite de outros animadores”. Reúno situações em que os entrevistados foram chamados para trabalhar remuneradamente com algum animador ou suprir uma demanda pontual na programação infantil em eventos escolares, religiosos ou comunitários.

Os três primeiros casos são de sujeitos que foram convidados por outros animadores a compor a suas equipes de trabalho.

Ele foi para treinar kung fu lá nessa academia e brincando comigo se revelou: “sabe quem eu sou? Eu sou o Palhaço Chiclette”. Ai eu disse “poxa, eu sempre tive vontade de ser palhaço” e ele “*tu quer mesmo?*” “quero”. Então ele bateu em casa em 12 de outubro de manhã e disse “*tu quer fazer mesmo o palhaço?*” “quero!” Convidei meu irmão e nós viemos para cá para a beira do canal onde uma moça que estava fazendo Festival de Sorvete montou um palco e colocou uma caixinha de som. A gente foi para o quarto da moça com Chiclette, que me vestiu. A minha roupa parecia um pijamão desses do tipo do palhaço do Selton Mello. Ele pintou minha cara com uma pincelada de branco, pintou minha boca, o nariz de vermelho, me olhou e me mostrou na frente do espelho (parecia mais um espantalho que um palhaço), aí disse “a partir de agora *tu é o palhaço Bombom*”. Eu acabei não fazendo nada do lado dele, foi minha primeira vez, né? (E3).

Ela precisou de um monitor "Ah, dá *pra* tu vires? Eu te ensino". "*Bora*, eu vou", nunca disse não para as coisas. Fui lá. "Ó, é *pra* ficar como assistente. Tu vais me dar o brinde", assim, assim, assim." (E13).

Desde daí ele começou a me chamar. Ele via que eu era assim bem animada. Depois que eu comecei, eu comecei a me soltar porque eu era muito tímida, mas quando eu visto um personagem eu sinto que eu me liberto. Eu comecei ajudar ele nas animações e ele falou “ah, *tu é a Tia Tutuca*”. Como eu não tinha muita noção de animação eu comecei a observar e aprender. Teve uma vez que ele falou assim para mim “olha, *tu vai com o tio Pipoca* ajudar a animar”. Esse tio Pipoca pegou uma diarreia e eu estava vestida de personagem, ele disse que ia ao banheiro e falou “agora *tu anima* que eu não tenho condições”. Eu comecei a me lembrar das brincadeiras, comecei a fazer e as pessoas começaram a gostar. Eu me descobri, fiz toda a animação para esse palhaço que passou mal com essa dor de barriga (E14).

Percebo nos relatos que o animador mais experiente é a referência na produção de sentido sobre a profissão. Os animadores novatos observaram a prática do animador líder e

assimilam conteúdos que foram mobilizados posteriormente. O animador responsável pelo entrevistado E3 veste-o e maquia-o apresentando os estereótipos do palhaço, a responsável pelo entrevistado E13 o convida a se inserir na profissão e se dispõe a ensinar-lhe o que é necessário para executar a função e por fim a entrevistada E14 aprendeu as brincadeiras com o animador e as utilizou quando precisou atuar sozinha na programação do aniversário e portanto, ele também foi sua referência inicial.

Castañeda e Morales (2017) ajudam a entender o papel desempenhado pelos animadores experientes na construção de saberes sobre a profissão em relação aos mais novatos. Para os autores o saber “é produto da experiência de vida. Cabe ressaltar que não limitamos a ideia de saber à versão epistemológica do conhecimento disciplinar. O saber vai desde as versões proposicionais até aquilo que é tácito, pré-reflexivo” (CASTAÑEDA; MORALES; 2017, p. 88). Para os autores o conhecimento no seio das relações humanas apresenta simetrias e assimetrias.

A simetria trata-se dos conhecimentos comuns a todos e a assimetria correspondem aos conteúdos de domínio aprofundado por alguém. Quanto mais experiências com determinado saber um sujeito tenha, maior será a sua propriedade sobre ele diferenciando-se dos demais. Em relação aos animadores de eventos percebo que o conhecimento simétrico pode ser exemplificado pelos saberes sobre as brincadeiras, partindo do pressuposto que todos um dia brincaram na infância. O conhecimento assimétrico pode ser representado pela experiência aprofundada que um animador A ou B possa ter com determinado tipo de brincadeira (jogos teatrais, gincana físico-esportiva, brincadeiras para bebê.).

É perceptível que essa simetria e assimetria nos saberes tem ligação direta com a trajetória pessoal dos sujeitos. Quanto mais experiências com determinado saber um sujeito tenha, maior será a diferenciação entre os demais, pois mais aprofundadas serão suas opiniões sobre o assunto. Partindo do pressuposto que todos os quinze animadores entrevistados se mostram como referência no campo, busco entender o que é simétrico e assimétrico em relação aos saberes da atuação dos profissionais da animação de eventos infantis.

Os três animadores citados iniciaram sua carreira profissional dentro do campo da animação atuando como ajudantes de outros animadores talvez pelo fato de haver uma concomitância com o ser a sua primeira atividade profissional. Diferentemente dessa situação os demais entrevistados (12) tiveram suas primeiras experiências profissionais em animação de maneira independente. A entrevistada E7 deixou sua antiga profissão para empreender com animação de eventos infantis.

O segundo tipo de motivação para o ingresso neste campo é a **busca por realização profissional** que se dá em contextos nos quais os sujeitos estavam descontentes com as suas respectivas rotinas laborais e projetam no trabalho, onde haja experiências lúdicas com crianças, a possibilidade de realização pessoal.

Com 5 anos de empresa, eu já estava meio saturada daquele ambiente formal onde tudo é muito sério, onde não podia se brincar, não podia se descontraír e foi quando eu, por impulso, na época, decidi mudar totalmente de ramo, sair daquele ramo formal e fui pesquisar algo com que realmente eu me identificava, que era com criança, mais precisamente na área de recreação infantil. Busquei bastante referência, pesquisei muito, li muitos artigos e cheguei a ligar para as empresas para saber como é que funcionava o serviço, enfim, essa pesquisa de mercado, e, em menos de dois meses, já estava atuando como animadora infantil nas festas de aniversário (E7).

De acordo com LinkedIn²⁴ (2015), uma rede social direcionada ao mercado profissional, a insatisfação com a cultura e os valores das empresas é o terceiro maior motivo pelo qual as pessoas mudam de emprego. Tal insatisfação está presente na fala da entrevistada E7 que, além de sair do lugar onde estava empregada, buscou um tipo de ofício diferente com o qual queria atuar. Um conceito que pode explicar o sentimento de ruptura com a profissão e a idealização de uma nova realidade laboral é a de devoção ocupacional (*occupational devotion*) estudado por Stebbins (2014).

A devoção ocupacional traz a ideia da ligação positiva entre o sujeito e a forma de trabalho que é atrativa pelo potencial de proporcionar-lhe a combinação do sucesso, realização, liberdade de ação, personalidade individual e possibilidades envolvidas em algo. “Na verdade, a atividade em si é o maior valor; as tarefas rotineiras que constituem a atividade são as principais atrações do seu trabalho” (STEBBINS, 2014, p. 44). Ainda de acordo com Stebbins (2014) há algumas áreas em que a *occupational devotion* é encontrada como é o caso das artes, esportes, ciências e entretenimento em profissões centradas no público como a do recreador.

Um aspecto interessante da fala da entrevistada E7 foi o intervalo de dois meses entre a tomada de decisão de pedir demissão de seu antigo emprego e estar atuando nos eventos infantis. Processo de preparação relativamente curto, mas que de alguma maneira foi respaldado pelos artigos que estudou, a pesquisa de mercado que realizou, a socialização inicial com as brincadeiras de infância e pela maternidade. A formação da entrevistada E7 em Pedagogia veio um tempo depois.

²⁴ A pesquisa é intitulada, “Por que e como as pessoas mudam de emprego” foi publicada março de 2015 a partir de levantamento feito com 10.500 (dez mil e quinhentos) profissionais de todo o mundo (LINKEDIN, 2015). Disponível em: <tinyurl.com/ya97fynv>

Avançando na discussão cito a terceira motivação para entrada no campo que denominei de **possibilidade de exercício de uma formação em Teatro**. Aqui estão agrupados relatos de animadores que tiveram uma vivência nesta área, especialmente em disciplinas e minicursos de palhaçaria e perceberam na animação de eventos infantis um território para o exercício profissional.

De acordo com dados do Sistema Informatizado de Registro Profissional (SIRPWEB) do Ministério da Economia em novembro de 2019 o Pará somava o número 318 registros de ator/atriz, a entrevistada E6 está entre eles. No decorrer de sua formação em Teatro a entrevistada construiu a sua palhaça e ao convite de um amigo teve o primeiro trabalho remunerado. Percebeu que poderia levá-la para eventos infantis e segue na profissão, como relata:

A primeira experiência no campo de atuação da animação foi com um conhecido meu que também é da área das Artes, o Feijão. Ele me convidou para participar de uma ação, que aqui a gente chama de ação promocional de loja e perguntou se eu poderia ir com a minha palhaça. Eu digo que foi a minha primeira animação como Palhaça XXXXX. Percebi que essa era uma forma de ganhar dinheiro e também fazendo arte. Então eu comecei a ter interesse. Eu tive um grupo que eu sempre falava para os atores “*bora, gente! Bora fazer que é um dinheiro extra que vai entrar*” e ninguém quis. Aí veio uma outra pessoa que entrou na minha vida que era antiga na área animação e falou: “*bora fazer!*” e eu comecei ir, a ajudar, a fazer e eu vi que Belém é um campo grande para essa área. Foi nessa questão que eu sempre gostei e artista precisa pagar as contas, foi isso (E6).

O processo similar aconteceu com a entrevistada E9 que ao participar de algumas oficinas de iniciação teatral e de linguagem do palhaço viu nas festas de aniversário a possibilidade de exercício profissional.

A minha primeira animação eu pedi, adulei para animar. Eu cobrei R\$ 20,00, mas não lembro quando. Acho que foi em 2001. Eu comecei sozinha sem ter noção do que era animação de festa, sofri muito!!! A minha primeira animação todo mundo adorou porque eu levei muito para o lado teatral, *né?* Então gostaram muito, as crianças grudaram em mim, mas quando foi a minha segunda animação eu saí chorando de tão errado que deu, devido eu ser tímida, então qualquer coisinha eu travava, *né?* Eu cheguei a passar mal antes de começar a animar, então foi uma barreira muito pesada mesmo que eu consegui quebrar (E9).

Com o passar dos anos a entrevistada E9 ingressou no curso Técnico em Ator da Escola de Teatro e Dança da UFPA, local onde a entrevistada E6 também estudou. Neste curso há uma disciplina denominada “Palhaçaria” com carga horária total de 64h, sendo 16h de teoria e 48h de prática. A ementa da disciplina diz que se trata de “conhecimento teórico-prático do universo da palhaçaria, que oportunize ações individuais e coletivas, no que se refere à experimentação de técnicas, ao processo de construção do corpo cômico e suas possibilidades de relação como jogo cênico do palhaço” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, [20--]).

Embora o direcionamento da disciplina privilegie a construção e o jogo cênico do palhaço e não faça menção os espaços de atuação, as entrevistadas conseguem adaptar o que aprendem no teatro nos eventos infantis. Um exemplo dessa contribuição está na seguinte fala da entrevista E9.

Existem vários tipos de palhaço, existe palhaço que é mais para o ramo de animação de eventos, existe palhaço teatral, existe palhaço circense, existe palhaço que nem nariz usa, *né?* Charlie Chaplin. [...] Eu tirei a XXXXX do teatro para colocar no ramo de animação, então ela é teatral. As pessoas percebem que tem uma diferença, não é só animadora, ela é uma palhaça animadora. A palhaça animadora traz muito a parte da palhaça teatral. Muito foco, tem um jogo de olhar com o convidado, de sentar na mesa com convidado, de brincar, de pegar salgadinho, essas palhaçadas que palhaço tem. De se apaixonar por algum convidado na hora, *né?* A animadora não vai ter isso, a animadora está lá para animar, para fazer as brincadeiras só. Aí eu já junto as duas coisas (E9).

Os saberes da formação em teatro, portanto, são adaptados aos contextos dos eventos infantis e esse é um campo interessante de reflexão.

A quarta motivação de ingresso no campo da animação de eventos denominei por **outras possibilidades de ingresso profissional**. Há em comum entre todos os relatos o desejo de empreender com serviços de animação que se deu sob diferentes gatilhos. No primeiro deles cito quem já tinha uma trajetória com eventos, decidiu iniciar os serviços de animação (a exemplo dos entrevistados E8 e E10 que atuaram como garçons) e acabaram decidindo virar animadores.

Com 13 anos comecei a trabalhar na área de festa e fui passando de categorias: decoração, cozinheiro, copeiro, garçom, recepcionista, monitor de brinquedo e barraquinha de guloseimas. Devido a essa trajetória de trabalhar à noite eu perguntei para uma mulher como seria o trabalho de animação. Aí ela me respondeu: “Olha, meu cachê tá 100 reais. Isso varia muito se vai ser pintura, escultura, brinde, vai dependendo muito do que o cliente quiser”. Então, aquilo me causou um impacto muito grande para eu pesquisar. Acabei pesquisando sobre a área e fui me profissionalizando na parte de animação. Então hoje, o Tio XXXXX, ele está mesclado. Tanto animador de festa infantil como a parte circense (E8).

É interessante perceber que o entrevistado E8 vivenciou quase todas os serviços ligados à infraestrutura de um evento, mas foi a função de animador que se mostrou mais atraente fazendo com que ele seguisse nela desde os seus 15 anos até hoje. Em relação ao entrevistado E10 é importante destacar que ele atua em dupla com o seu irmão, ambos são paraenses e tiveram uma trajetória na área da dança em Belém do Pará antes de mudarem-se para o Rio de Janeiro onde atuaram em companhias de dança o como garçons performáticos, função que os aproximou dos serviços de animação de eventos.

No Rio de Janeiro a gente era garçom performático. A gente entrou em contato com o Tio André. A gente dançava os Backstreet Boys em colégios, nas escolas aqui em

Belém e a gente conheceu ele. Ele fazia monitoria para Tia Bola, então a gente falou assim: “então, cara, a gente vai lá em Belém que a gente vai montar alguma coisa”. A gente começou a planejar algo, mas, graças a Deus, quando a gente pensou em vir, a gente estava muito bem no Rio de Janeiro. Estávamos fazendo algumas festas em outras casas de recepção como animadores já. Aí a gente conseguiu pegar a casa de festas, começou animando casa de festas e isso foi oito anos. Nesse ramo a gente ganhava muito bem. Aí a gente pensou assim: “Por que a gente não vai para Belém?” (E10).

Percebo, portanto, que o ingresso dos entrevistados E8 e E10 se deu mediante o interesse de continuidade no campo dos eventos. No entanto, há situações nas quais os entrevistados sequer tinham planejado o ingresso no segmento das festas de aniversário como no caso de E4, E11, E2 e E11. Tratam-se de contextos diversos nos quais os sujeitos atuaram com o público infantil como nos festejos escolares, igreja ou trabalho voluntário e essas experiências deram-lhes visibilidade no mercado de eventos provocando o interesse das pessoas em contratá-los para a prestação de serviços de animação de festas.

Durante o curso de Radiologia a entrevistada E4 viu a possibilidade de amenizar o sofrimento das crianças pacientes do hospital em que estagiava utilizando algumas estratégias de animação. Para arcar com os custos dos materiais utilizados na atividade nos hospitais, ela e os colegas estagiários vendiam cartões no ônibus da cidade e, com a sugestão dos passageiros desses coletivos sobre a possibilidade de atuar também animando festas de aniversário, a entrevistada foi encorajada a prestar este tipo de serviço.

Bem, eu comecei a me envolver nesse campo de animação quando eu comecei a estagiar no meu curso de Radiologia. Eu via pelas crianças que vinham bater o raio-x, aquele choro, aquele medo e os pais angustiados que não sabiam o que eu fazer. Aí eu falei: “preciso fazer alguma coisa”. Eu ia, me maquiava, fazia balãozinho, fazia cachorrinho, dava bombom. Reuni um grupo de amigos que estagiavam junto comigo e como a gente não tinha muito recurso para estar comprando balão, bombons, brinquedos a gente começou a trabalhar nos ônibus de Belém vendendo os cartõezinhos que a gente fazia. Com o dinheiro que a gente arrecadava a gente ia de tarde fazer a visita nos hospitais. Aí as pessoas nos ônibus gostavam do trabalho da gente e perguntavam: “você anima aniversário?” Foi assim que a gente começou (E4).

Processo semelhante aconteceu com a entrevistada E11 que participava de um grupo com as crianças da igreja que frequentava e essa atuação com o público infantil lhe deu visibilidade para atuar profissionalmente em uma casa de recepções e também empreender no segmento como autônoma.

Eu entrei nesse ramo profissionalmente quando o filho de uma gerente me gravou no dia de uma festinha das crianças que teve lá na igreja e mostrou para mãe dele. Ela viu, achou legal e entrou em contato comigo. Fui fazer uma entrevista, eu expliquei tudo, que eu não era profissional, mas que eu trabalhava com as crianças, com animação. E aí ela resolveu fazer um teste comigo, que foi lá no Bee Baboo. E desse teste eu passei. Então, eu passei a ter experiência profissional. Por mais que eu tenha

poucos anos na área eu já fiz muitos eventos, principalmente lá, porque quase todos os dias eram eventos (E11).

A experiência como animador de um evento infantil na igreja onde congregava também serviu como uma espécie de “vitrine” para que o entrevistado E2 conseguisse contato com clientes de suas primeiras experiências remuneradas como animador. Assim como as demais entrevistadas citadas anteriormente a execução desses serviços não se deu de maneira planejada e as demandas de mercado vieram aparecendo espontaneamente.

E de lá, alguns irmãos, pais que viram a programação, começaram a me chamar para fazer brincadeiras no aniversário de um filho, de um neto. Das festas que eles me chamaram, outros convidados já quiseram que eu fosse também. Até então eu não cobrava, eu ia mesmo pela amizade, pela diversão e tudo mais. Até que um dia uma convidada me perguntou: “quanto é que tu cobra?”. Aí eu falei “não, eu não cobro nada” e ela me ofereceu na época, há 20 anos, 20,00 reais. Quando foi depois do evento, ela gostou tanto que ao invés dos 20 que a gente tinha combinado ela me deu 30,00 reais. Foi aí que caiu a ficha e veio aquela primeira visão empreendedora de ver que todo mundo faz festa, então seria legal que tivesse um animador para festa. Foi o trabalho que eu me identifiquei mesmo, que fazia muito bem tanto para quem estava na festa como para mim também. Sempre foi aquela fórmula de eu me divertir junto com os convidados da festa, com os clientes. Então isso foi muito legal, esse foi o início, foi assim que começou (E2).

A entrevistada E11, embora considerasse que o seu trabalho com as crianças na igreja não se dava de maneira profissional, tinha noção de que animação de eventos infantis era uma profissão. Tal fato a difere do entrevistado E2 que, a priori, não sabia sobre a dimensão mercadológica da prática do animador e reconheceu isso após a frequência de convites para atuar em aniversários de crianças, especialmente quando um deles ofereceu remuneração. O entrevistado E12 descobriu que poderia atuar como animador de aniversários infantis quando, após apresentar-se como palhaço em um festejo da escola em que atuava como agente de portaria, foi contratado pelas mães dos alunos da escola.

Olha como acabam acontecendo as coisas sem a gente premeditar, né? Um dia, chego na escola que eu trabalhava, aí a diretora disse: "Olha, hoje é Dia das Crianças. Vai ter uma festa aqui para as crianças, e poxa, seria tão bom se tivesse um palhaço". Eu disse: "Um palhaço? Poxa, eu poderia ser o palhaço se alguém me pintasse". Ela disse: "Professora Suzane, a senhora pinta ele?". Fui para lá, ela me pintou e, olha o nervosismo. [...] todo mundo gostou muito. Eu saí de lá aplaudido e nunca tinha trabalhado como palhaço. Algumas mãezinhas de lá começaram: “Ei, você tem número?”. Aí eu dei o número do meu vizinho, pois eu não tinha nem telefone. Elas começaram a me ligar, para eu fazer animação para elas. Eu não sabia nem como cobrar, cobrava naquela época 25 reais, 30 reais. Aí, eu peguei e disse: “Não. Vou ter que estudar” (E12).

Assim como o entrevistado E12, o entrevistado E1 foi convidado para animar um festejo para crianças no interior do Pará. A primeira experiência foi ajudando outra palhaça, mas após isso seguiu atuando sonho em outras celebrações.

Foi uma primeira animação que eu fiz em Curuçá, que é um interiorzinho aqui do Pará, quando uma palhaça, que chama Porcelana, que é uma das amigas que estavam por lá. Ela ia animar a Festa da Criança do Festival do Coco, que é um festival tradicional que tem lá e ela queria um ajudante. Nessa época, eu não queria ser chamado de tio, então eu criei o Tião Botijão, porque era uma roupa cheia de balão e eu ficava cheio de balão no formatinho de um botijão. Essa festa foi em 2003. Ali efetivamente começou a animação de festa, a partir dali dispararam festa de família, festa na casa da tia, e aí eu fui começando a fazer primeiro de graça isso, ganhando só a passagem de ônibus, ganhava do lanche e depois comecei a cobrar. Depois a entrar aí no métier dos animadores (E1).

O contexto dos eventos familiares foi o cenário para o início da carreira da entrevistada E5 que para suprir uma demanda específica acabou iniciando uma carreira profissional.

Quando meu filho fez um ano, acho que em 2002, eu queria um palhaço para festa dele, fui atrás, eu achava muito caro. Não tinha muita noção desse negócio de valores, para mim era tudo caro. Resolvi eu mesma me caracterizar de palhaço, sendo que no dia do evento dele, não fui eu que me vesti. Foi a minha prima que até hoje trabalha comigo. Então foi daí que tudo começou, foi uma brincadeira e eu disse “Pronto! Boa ideia... Gostei!”. Eu que fazia brincadeira das festas da família, eu que dava início de qualquer coisa. Sempre tem um, *né?* E aí veio a ideia de fazer a roupa, de pintar o rosto, de usar peruca. Eu me caracterizava igual a um palhaço. E aí foi melhorando a cada ano que passava, a cada momento que passava, eu fui descobrindo isso, descobrindo que vem de dentro e fui melhorando. Comecei a trabalhar mesmo, focando no trabalho de animação, quando eu fiquei desempregada. Como eu já tinha esse trabalho com animação eu falei “Bom, é um trabalho bonito, é um trabalho que dá para ganhar dinheiro, basta investir... Eu vou meter a cara.” (E5).

Entendo, portanto que iniciar e manter-se em uma carreira profissional na qual não houve formação significa mediar os seus saberes a partir da experiência. Aranha (2017), ajuda a pensar sobre trajetória/experiência no processo de mobilização de saberes profissionais. Para a autora o conhecimento advindo dessa experiência é denominado conhecimento tácito e é resultante de processos interpessoais e sociais “onde os trabalhadores, pela sua própria experiência no trabalho, vivências em diversos ambientes, relacionamento com diferentes pessoas, constroem e adquirem um conhecimento contínuo sobre o seu fazer” (ARANHA, 2017, p. 56).

Entendo que o trabalho tem sua dimensão formativa que vai sendo aprimorado a partir do acúmulo de experiências. Bondía (2002) tem um pensamento diferente a respeito disso. Ao debater sobre a formação teórica e o trabalho, o autor critica a ideia de que “ nos livros e nos centros de ensino se aprende a teoria, o saber que vem dos livros e das palavras, e no trabalho se adquire a experiência, o saber que vem do fazer ou da prática” (p. 23) buscando assim desvincular experiência e trabalho. De acordo com o autor existe uma tendência dentro do campo da educação que “pretende implantar e homologar formas de contagem de créditos para

a experiência e para o saber de experiência adquirido no trabalho” (p. 23) e discorda disso, pois experiência não se contabiliza sobretudo na lógica do excesso de trabalho.

Entendo o descontentamento de Bondía (2002) quando aborda a falta de tempo para experienciar o que se está vivendo, mas penso que se a experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p.21) há sim contribuição do trabalho para o aprendizado do sujeito animador. Isso acontecerá desde que o mesmo tenha condições de liberdade de atuação e qualidade na rotina laboral que somado a outras dimensões de conhecimento (formação universitária, família, etc.). É interessante nesse contexto entender como o saber pode ser vinculado a outros contextos formativos além do trabalho como instituições, pessoas e grupos com os quais os sujeitos têm relações.

4.2.5 A relação dos sujeitos com instituições, grupos e pessoas

O que marca a trajetória de vida de um animador? O estudo de Capi (2016) utiliza os demarcadores “pessoas”, “grupos” e “momentos” na produção de saberes na trajetória dos formadores do profissional que estuda e a contribuição dos mesmos para formação e atuação profissional dos formadores do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC). Eu utilizo estratégia similar e busco entender quais instituições, grupos e pessoas importantes para a construção dos saberes dos animadores. A respeito das instituições que identifiquei, são dois tipos às quais os animadores vinculam diretamente as suas trajetórias: as instituições religiosas e as instituições de ensino. As instituições religiosas incorporam as igrejas, seus espaços de lazer e de trabalho social; já instituições de ensino são as escolas formais e as escolas de arte.

Entendo que as igrejas têm o papel de estimular o exercício das práticas religiosas em si, mas também podem mobilizar a vida cultural das comunidades nas quais estão inseridas quem muitas vezes desprovidas de equipamentos de lazer como cinemas, teatros e centros de eventos e demais espaços estruturados. A discussão sobre lazer e religião gerou interesse de Alves e Capi (2017) que entendem esses espaços são propícios para vivências lúdicas. A respeito da vivência ludicidade e animação cultural na igreja cito a recordação que o entrevistado E12 tem das apresentações artísticas durante a adolescência.

Na igreja, a gente fazia jograis, peças sobre a vida de Jesus, tudo mais, e aí eu sempre me destacava dentro da igreja. Adolescente, assim de 14 anos 13 anos. Também cantava, apesar de que eu não canto muito bem, mas eu sempre disfarçava dava aquela disfarçada bacana (E12).

O vínculo entre artes cênicas e religião não é novo. Prado (1993), por exemplo, fala sobre a figura do padre jesuíta Fernão Cardim que fazia encenações para a catequese dos índios em terras brasileiras em meados de 1500. O estudo de Araújo e Rojo (2018) identificou que as atividades recreativas na igreja estavam ligadas à música, teatro, dança e atividade cooperativas. O uso da arte pode ser percebido como possibilidade não só de divulgação da filosofia das igrejas, mas também de formação cultural de seus adeptos, tal qual destacou o entrevistado E12.

As ações de lazer das igrejas podem ainda transpor o contexto das apresentações artísticas, como o percebido nas falas das entrevistadas E14 e E11, que vivenciaram o lazer na igreja através da brincadeira. E14, por exemplo, encontrou na Equipe de Missas com Crianças (EMCRI) um espaço de liberdade de criação e aprendizado, como afirma:

Quando eu fui me tornando *pra* juventude, fui crescendo, eu senti muito a necessidade de ver e estar com pessoas. Eu conheci um grupo na igreja, a EMCRI – Equipe de Missas com Crianças, que trabalhava com crianças e eu vi uma oportunidade de poder brincar fora de casa por mais que fosse em um grupo religioso. Então desde aí eu comecei a interagir com outras coisas e aprender coisas diferentes, porque lá como tinha essas reuniões que sempre tem uma brincadeira, sempre tinha passeio. Eu gostava muito dessa época. Minha juventude foi sempre dentro da igreja, esse grupo foi a minha segunda família que me ajudou muito mesmo. Eu era muito introvertida, não conseguia falar, eu era muito reservada. Eu me sentia muito só e me via diferente neste grupo (E14).

Já a entrevistada E11 vincula à instituição o começo de uma formação cultural a respeito da brincadeira fora da escola e do ambiente doméstico. E11 é outra animadora que na infância e juventude teve vínculo com as ações da igreja.

Eu sempre participei da igreja católica e dentro da igreja católica tinha a equipe das crianças, e eu cresci dentro dessa equipe. Quando eu me tornei adolescente, já fiz já fui ajudar as outras tias, né, a cuidar das crianças, e sempre tinha festinhas, né, festinha do dia das crianças, festinha do Natal. E eu sempre estava envolvida, sempre gostava de me fantasiar, de brincar com as crianças, sempre gostei de estar com elas, né? (E11).

À medida que a animadora foi crescendo e tornando-se jovem, foi assumindo outras responsabilidades com as crianças menores, sobretudo nos festejos e celebrações onde ela teve suas primeiras experiências de animação infantil. Constrói-se dessa maneira uma liderança empenhada em promover experiências lúdicas ligadas com a filosofia daquele contexto religioso. A respeito desse aprendizado sobre lazer, Alves e Capi (2017) afirmam que:

as vivências e experiências de lazer no âmbito religioso têm proporcionado a aprendizagem de valores de organização, repertório de atividades recreativas, criatividade, espontaneidade, trabalho coletivo e auto-organização como componentes que contribuem na formação profissional de um mediador nas práticas de lazer que atua em outros campos (ALVES; CAPI, 2017, p. 334).

Na fala dos autores destaco a aprendizagem sobre lazer situada em um contexto de práticas religiosas e laços sociais. Embora os autores tenham identificado componentes do currículo do animador cultural atuante no contexto religioso, afirmam a necessidade de formação profissional. Uma fala que corrobora nesse sentido é a da entrevistada E11, que afirma que os conteúdos que utilizava para animar as crianças da igreja era somente o que ela percebia que lhes agradava.

Eu comecei na igreja, nas festinhas da igreja. Até então, eu não tinha noção do que era realmente a animação, né? Eu fazia o que eu achava que agradava as crianças, o que eu achava que as divertia. [...] Eu terminei meus estudos e depois de alguns anos eu fiz um curso técnico de Hotelaria. Dentro da hotelaria, ele me deu um leque de opções, onde eu podia trabalhar em várias áreas. Dentro da própria hotelaria, tem a recreação, que foi aonde eu aprendi realmente que eu já trabalhava com recreação, mas não sabia, né? E dentro da hotelaria, eu passei a estudar mesmo sobre a recreação, e foi aonde eu me encaixei como profissional (E11).

A trajetória da entrevistada é interessante visto que, embora ela não fundamentasse teoricamente o que fazia com as crianças, ter vivenciado a formação em Hotelaria fez-lhe reconhecer que o que fazia era recreação. Logo, percebo que o contexto das instituições religiosas é importante para a constituição profissional dos animadores, sobretudo em relação ao estímulo inicial para o aprendizado a ser usado na profissão, mas é ideal que o aprendizado sobre lazer seja contínuo na formação profissional. Por fim, cito duas breves experiências de dois palhaços que tiveram suas primeiras experiências profissionais nos contes.

Isso foi há 20 anos. Eu me congregava na Assembleia de Deus e todo ano tem a EBF – Escola Bíblica de Férias –, e quando o Templo Central da Assembleia aqui em Belém sugeriu que alguém se vestisse de palhaço para tá atuando junto com as crianças. A coordenadora das crianças nessa época era muito minha amiga, amiga mesmo assim de adolescência e ela falou assim: “é tu XXXXX que vai te vestir de palhaço”. Na hora veio aquele momento de vergonha e timidez. Como é que eu vou? O que é que eu vou fazer? Mas aí encarei! Aceitei o desafio. Quando chegou no dia da abertura da EBF, é... foi aquele sucesso, todo mundo gostou e tudo mais (E2).

Enquanto o entrevistado E2 foi chamado por uma amiga por ser brincalhão e não tinha referências sobre o que fazer em sua estreia como animador e teve êxito, o entrevistado E15 teve uma reação inesperada das crianças atendidas pelo abrigo.

Bom, aí comecei conversar com o Paulo Nogueira que ele já fazia animações. Aí ele passou uma experiência, conversou comigo, me deu uma roupa dele... Bom... Aí num belo sábado a gente reuniu todas as crianças da evangelização e fomos visitar um orfanato que fica lá no 40 Horas. [...] Aí, lá na hora, peguei o vinil, que era época do Vinil, não tinha CD ainda. Aí tu vê a música do Palhaço Ventania: “Atenção, meninada! Está chegando o afamado Palhaço Ventania com a sua linda careta.” foi muito interessante, mas quando eu entrei em cena, as crianças começaram a chorar desesperadas, porque primeira vez, né? Era um orfanato... Nunca tinham contato

assim com palhaço mal vestido, maquiado. Sendo que, a partir dali, nasceu em mim aquela vontade muito forte de dar continuidade no trabalho (E15).

Portanto, tendo em vista a dimensão das possibilidades culturais que as igrejas e entidades ligadas a elas possam oferecer, é interessante perceber que elas podem ser também um ambiente formativo e de experimentação e ingresso no campo. Além da igreja como espaço de contato com a ludicidade, os entrevistados citaram uma instituição de ensino pública reconhecida por oficinas nas artes cênicas, plásticas e audiovisuais, além da iniciação artística para crianças aprenderem música, teatro e dança aos finais de semana.

O prédio onde funcionava a Fundação Curro Velho foi o primeiro matadouro de bois de Belém do Pará. A construção data de 1861 e localiza-se no bairro do Telégrafo às margens da Baía do Guajará, passou décadas sem uso e em meados de 1991 tornou-se a sede da FCV. Ela tinha como objetivo a educação não-formal e difusão artística. De segunda à sexta, havia oficinas de diversas linguagens e aos finais a produção de espetáculos semestrais. É importante destacar que a FCV atendia a um significativo número de crianças e adolescentes oriundos da comunidade Vila da Barca. Os espetáculos mesclavam os contos de fadas e histórias do imaginário amazônico às temáticas sociais vividas pela comunidade (desmatamento, trabalho infantil, abandono de menores, carência de saneamento básico). Nesta comunidade, ainda predominam habitações erguidas sob o rio e sustentadas por palafitas, com saneamento precário e altos índices de violência.

Hoje ela é vinculada à Fundação Cultural do Pará, recebe a denominação de “Oficinas Curro Velho” e juntamente com a Casa da Linguagem seguem oferecendo oficinas gratuitas para estudantes da educação básica e talvez por esse fato seja conhecida no cenário artístico da capital paraense. As entrevistadas E2 e E9 relata que no Curro Velho teve as suas primeiras experiências com teatro e linguagem da palhaçaria, decisivo ao seu trabalho realizado hoje.

Como a maioria das pessoas em Belém, comecei no Curro Velho, *né?* No Curro Velho eu fiz um curso de teatro, antes do curso técnico de teatro, eu fiz curso de palhaço, eu fiz curso de dança de salão, curso de dança folclórica, curso de desenho, curso de pintura. Tudo eu fiz ali no Curro Velho (E9).

Mais tarde, além de *tá* estudando, aproveitei a Fundação Curro Velho. Eu fui um dos primeiros alunos da Fundação, eu tive aula de canto, tive algumas aulas de educação artística lá, tentei tocar violão, mas não consegui, não era minha praia. Então lá fiz várias oficinas que me ajudaram nesse período de começo, *né?* O Curro velho foi um divisor de águas para mim. A questão do teatro, do canto, da educação artística no manuseio das matérias-primas lá (E2).

O Curro Velho é um espaço de ensino não formal onde muitos dos animadores de Belém tiveram experiências importantes para a sua constituição profissional. Para adentrar na temática

do papel dos grupos e pessoas na formação dos animadores reitero que este estudo segue uma perspectiva do aprendizado a partir da cultura, onde o outro tem um papel importante no intercâmbio de saberes.

Lave (2015) apresenta a noção de “cultura e aprendizagem” onde, dentro da perspectiva antropológica, o conhecimento se dá através da troca cultural. Para o autor, há duas perspectivas de entender cultura e aprendizagem: uma segue “pressupostos racionalistas, individualistas e comportamentais; nesse caso a aprendizagem é tratada como um desdobramento cognitivo do ensino, ou seja, como um resultado da missão da escola de realizar a transmissão cultural” (p. 38). A outra contempla uma visão onde “na maior parte das vezes a aprendizagem é somente implícita, vista como aquisição da cultura, como um desdobramento não problemático, um resultado, da transmissão ou da socialização” (p. 38). Enquanto a primeira parece entender a transmissão de conhecimentos de maneira institucionalizada e burocrática, na segunda essa transmissão parece ser concebida em processos mais fluidos, diluída em diversos contextos.

Gohn (2006) nos ajuda a entender o papel dos processos de educação: o formal, o não formal e o informal.

A educação formal pressupõe ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente. A não-formal ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados (GOHN, 2006, p. 29).

A partir da leitura da autora percebo que a construção da educação formal advém de um processo de organização previamente estabelecida, a educação não-formal tem construção coletiva de livre adesão e intencional, e a educação informal se dá no seio da família e em outras situações sociais espontâneas. Nesse contexto, busco identificar o sentido entre relações humanas, saberes e cultura,

Ao serem questionados sobre grupos culturais dos quais os sujeitos participaram, vários foram os relatos de contribuições indiretas destes para a constituição das características dos profissionais. Os grupos de teatro foram citados algumas vezes. No caso do entrevistado E1, a participação em grupo de teatro contribuiu para vivência na brincadeira da cultura popular intitulada Paixão de Cristo. Para os entrevistados E6, E9 e E14 o teatro foi o meio para perder a timidez e/ou inspiração para a escolha da área de formação e atuação profissional. Para o entrevistado E12 a participação em um grupo de teatro escolar lhe possibilitou que aprimorasse

técnicas de desenho para a confecção cenográfica e gerasse saberes sobre técnicas de interpretação. Já para o entrevistado E15 o envolvimento com grupos de teatro lhe proporcionou saberes que ele utiliza na condução de grupos de teatro infantil.

Há também relatos de participação em grupos de dança. Os entrevistados E3 e E8 afirmam que entre as décadas de 1980 e 1990 apresentavam-se em diversos locais como grupos *cover* de *boy bands* como o Grupo Menudos e Dominó que faziam sucesso na época ao exibirem suas coreografias na televisão. A prática consistia em ensaiar as coreografias famosas e apresentarem-se por Belém do Pará.

O entrevistado E8 ainda relata o envolvimento com a dança fora de grupos *cover*. O entrevistado relata que na juventude se reunia com os amigos para a prática esportiva denominada “serragem²⁵” onde treinavam saltos que executavam também no movimento de dança de rua.

A gente criou uma serragem na Terra Firme, onde a gente treinava salto, e os meninos também treinavam. O professor de ginástica olímpica viu a gente na rua e levou a gente para o ginásio, foi daí que desenvolveu no ginásio a ginástica olímpica, mas a ginástica olímpica ajudou a gente na dança. Foi daí que em 1983/84 a gente conheceu o *break dance*. Junto com o grupo Electo Boys da Pedreira, Marco, Arlindo, Jorge e Armando ensinavam a gente a dançar mais ainda, entendeu? [...] Aí fomos para a TV, na época, era o TV Cidade. A gente era dançarino no TV Cidade. Fazia abertura do programa. Aí de lá, a gente começou a seguir a dança. Começou a pintar a primeira viagem (E8).

Após uma longa trajetória no campo da dança dentro e fora do Brasil e de já terem realizado serviços de animação de eventos infantis no Rio de Janeiro o entrevistado e o irmão voltaram para Belém.

a gente pegou algumas ideias, começou com umas brincadeiras nossas mesmo sabe? A gente pegou mais ideia de música, de dança, muito *hip hop*, de alguma maneira a gente fazia brincadeira com as crianças. Antes, a gente era meio desorientado. Lá na brincadeira a gente empurrava o *hip hop*, era uma maneira da gente poder se salvar, ganhar mais experiência (E8).

Em resumo, os saberes sobre movimentos corporais que aprenderam na serragem e dança estão presentes hoje no trabalho com animação. Dessa maneira percebo a importância de grupo culturais para constituição profissional. Eu acredito que o contato com os grupos culturais

²⁵ “Serragem” foi a denominação utilizada por um entrevistado para se referir à prática esportiva na qual jovens da periferia de Belém do Pará se reuniam para aprenderem a saltar. Os espaços utilizados eram geralmente terrenos desocupados revestidos com uma camada fofa de pó de madeira que amortecia a queda. Vejo uma conexão com o estudo de Capi e Isayama (2019) também identificou que os entrevistados tiveram contato com práticas esportivas fora da escola.

tem um enorme potencial em estimular que o indivíduo possa buscar outras possibilidades de formação que aprimorem as práticas nos grupos.

Saindo da discussão sobre a influência dos grupos na vida dos animadores abordarei a quais foram importantes para construção de saberes a partir do que citaram na entrevista. Os tipos de pessoas que foram citadas pelos entrevistados foram: familiares, amigos, colegas de profissão, comunicadores da televisão, palestrantes/escritores e professores).

Os familiares têm um papel importante para os animadores não só para o estímulo ao ingresso e permanência na profissão, mas também compartilhando saberes que estes profissionais mobilizam na atuação. Um exemplo disso é o fato do entrevistado E13 mobilizar a dança nos serviços de animação hoje e creditar à sua mãe a aquisição desse saber artístico, como afirma:

A parte artística é muito forte na família também. Quem me ensinou a dançar foi minha mãe. Antigamente tinham aqueles bingos dançantes e tudo mais. Então, acabava que lá, com 7 anos não podia me largar lá sentado, então ela dançava comigo (E13).

As relações de amizade também são importantes para os animadores. No caso do entrevistado E2 é citado que o estímulo de sua amiga da igreja para animar a programação da Escola Bíblica de Férias foi decisivo para o início da carreira profissional. Quando questionado sobre quais pessoas marcaram a sua trajetória ela foi a primeira a ser lembrada.

Em primeiro lugar foi a Luderjanes que foi a amiga que identificou em mim esse lado mais extrovertido e me chamou para fazer a primeira EBF na igreja. “*Tu é engraçado, tu é extrovertido, então, é tu que vai te pintar de palhaço*”. Foi o pontapé inicial (E2).

Colegas de profissão do segmento do lazer (donos de buffet, gerentes, fotógrafos) foram apontados como responsáveis pela formação de redes (parcerias de trabalho) e aprendizado de saberes complementares à atuação como animador (noções de cerimonial, regras de etiqueta e gestão dos empreendimentos de animação de eventos). O entrevistado E3 exemplifica esse processo:

fizemos essas animações e aí eu conheci o Júnior e a Lane que eram do Algazarra. Então Junior, que era o *maître* do Algazarra, me dava um dossiê do cliente e eu sabia exatamente o que fazer e o que falar para os clientes. A questão da postura, da educação, do lidar. Então eu comecei a mudar esse meu jeito de animar. Na verdade, eu era um palhaço muito mal-educado que foi educado por um *maître, né?* E aí esse grupo foram essenciais no meu crescimento (E3).

O entrevistado E3 cita que além dos conhecimentos sobre cerimonial que aprendeu com seu colega mobilizados hoje em dia para a condução dos eventos, cita os aprendizados sobre a gestão e produção de eventos que aprendeu com outro animador.

O Chiclette (José de Arimateia) foi paizão para mim, um cara fantástico! Me ensinou a comer de talher, me ensinou a me portar. Não me passou a arte da animação, a arte do palhaço, porque não era um palhaço por excelência. Mas ele foi um grande paizão para mim. Então, quase toda a experiência profissional, tanto na parte de ação de ir fazer o evento quanto na parte administrativa, na produção, eu posso dizer que foi ele (E3).

Até aqui foram relatadas experiências decorrentes da relação direta dos animadores com seus familiares, amigos e colegas de profissão. Mas os entrevistados também citaram outras possibilidades de aprendizado. Nesse sentido os entrevistados citaram comunicadores de televisão que contribuíram com inspiração de na produção de conteúdo e na maneira de se relacionarem com o público, como aborda E1:

Eu lembro muito do Celso Portioli, do Fausto Silva, do Gugu Liberato. "Égua, legal isso! Legal como eles falam. Legal como eles brincam com a plateia. Essa coisa de "Vamos aplaudir!" Eu tenho muito isso do Raul Gil, *né?* Então, foram essas influências desses animadores da televisão (E1).

Palestrantes/escritores foram são pessoas que despertaram algum tipo de busca pelo aprendizado e inovação no trabalho com animação. A entrevistada E6 fala da influência de uma escritora e suas publicações para a qualidade de seu trabalho com crianças.

Suely Scardini é uma psicóloga e brincadista, ela usava muito do brincar, então ela também me inspirou muito em relação a isso: *tu saber* observar a criança naquele momento e qual estratégia *tu vai* usar para brincadeira. Aprendi com ela também de observar o comportamento da criança, chegar no lugar e observar o comportamento de todos e das crianças, principalmente, que são os seus "mini clientes" que é com quem que tu vai diretamente *tá* trabalhando e também desenvolver-se esse brincar (E6).

Por fim, entre as pessoas que marcaram as trajetórias dos animadores de eventos, professores ou diretores de escola são citados como inspiração para a escolha da área de formação, inspiração ao trabalho com animação e exemplos de boa conduta. Um dos motivos para a entrevistada E14 ter escolhido cursar Pedagogia foi ver como diretor animava a vida escolar.

Também o professor Reginaldo que era o diretor da minha escola onde eu estudava da quinta a oitava série lá no Nelson Ribeiro. Era um diretor diferente porque ele gostava de teatro, de música, de dança e tudo que tinha ele sempre levava os alunos e divulgava "vai assistir a tal espetáculo, vai assistir aquilo". Então ele via a necessidade

que aqueles alunos carentes precisavam daquilo, ele tinha noção. A gente só ia mudar a realidade se a gente fosse para longe para poder ver (E14).

Em resumo, saberes presente na relação com as pessoas pode gerar saberes e motivações diversificadas para estimular o aprimoramento profissional. Retomando a dimensão social do saber abordada por Raymond e Tardif (2000) é interessante perceber que o contato com os outros sujeitos, seja através de sua presença ou através de suas obras evidencia a importância do caráter relacional. As ideias aqui foram interessantes quando evidenciam a importância de compartilhar saberes.

Percebo que o contato entre os profissionais deve ser estimulado e pode acontecer através da participação em eventos acadêmicos e empresariais, rodas de conversa temáticas e encontros diversos. Infelizmente, talvez em virtude de sua localização geográfica ou de falta de interesse da categoria, em Belém não costumam ser realizados eventos de capacitação profissional específicos para os animadores.

Esporadicamente cursos livres e oficinas de iniciação teatral, artes circenses, contação de histórias e outras atividades culturais que poderiam aprimorar a atuação dos animadores de eventos costumam ser ofertadas pela Fundação Cultural do Pará, Centro cultural Sesc Ver-o-Peso e ações de extensão das universidades em Belém do Pará. No entanto descobrir o quantitativo da participação dos animadores como alunos dessas formações requer um levantamento específico que não está entre os objetivos deste estudo. O fato é quanto mais iniciativas de contato entre os profissionais existirem, maiores serão as possibilidades de troca de saberes entre essas pessoas.

4.3 Categoria de análise 2: As Vivências de Lazer e a Possibilidade de Construção de Saberes

Ao responderem a questão “De que maneira suas experiências pessoais de lazer contribuem com a sua formação e atuação profissional no campo do lazer?” os animadores identificaram possibilidades de lazer tanto contemplativas como participativas intercaladas com o trabalho e o convívio familiar. Antes de abordar lazer e aprendizado, gostaria de trazer uma passagem na qual a entrevistada E9 citou que são escassos os seus momentos de lazer e quando existem são vivenciados em companhia da filha.

Isso aí é um pouco difícil de responder porque, é devido a pessoa trabalhar com eventos e eventos é sempre final de semana, eu acabei ficando sem lazer, né? O meu

lazer virou o quê? Virou ficar em casa, curtir a filha, brincar com a filha, assistir um bom filme, entendeu? Então eu fiquei muito em casa, assim quando não tem evento, é o meu lazer. Infelizmente eu sinto falta de sair e curtir um teatro, curtir um cinema, mas realmente eu nunca consigo conciliar (E9)

A fala da entrevistada E9 corrobora com os estudos de Capi (2016) que também identificou sujeitos que tiveram dificuldade para vivenciar momentos de lazer em sua rotina em virtude do trabalho. Horário para trabalhar e horário para o lazer seguem uma lógica distinta quando há uma comparação entre o animador de eventos e profissionais de outros setores da economia. Em Belém do Pará é comum que eventos infantis nos horários em que a maioria dos convidados não estejam trabalhando ou estudando. Isso evidencia uma especificidade do profissional do lazer que, segundo Stoppa e Isayama (1999), tem um ritmo de vida distinto dos demais profissionais, especialmente no que se refere às possibilidades de vivenciar o lazer. Talvez isso explique o motivo da entrevistada E9 não conseguir conciliar lazer e trabalho.

No entanto, este estudo também traz relatos em que lazer e trabalho parecem indissociáveis, conforme a fala de E14 e E15 que vêm no trabalho com animação de eventos uma possibilidade de seu lazer.

Eu digo que eu me divirto porque eu amo o que eu faço. Eu me sinto muito feliz, assim, de montar um espaço de brinquedos que eu vejo tudo arrumado. Eu me sinto muito feliz quando a gente pega uma ideia *pra* montar uma programação, a gente viaja na ideia e isso me diverte, isso me faz bem. “*Vamo* fazer uma brincadeira? *Vamo* dançar tudo mundo?”, então quando eu estou fazendo uma brincadeira eu me divirto, aquele é o meu lazer naquele momento. Eu procuro me divertir naquilo que eu estou fazendo. Eu não vejo o meu trabalho como uma obrigação, eu vejo como prazer. Então *pra* mim o meu próprio trabalho é o meu lazer, porque eu passo praticamente o meu tempo da minha vida fazendo esse trabalho (E14).

Eu não brinco quase. A minha diversão é mais assistir vídeos, filmes, desenhos animados, que eu estou aprendendo a trabalhar com essa parte, um software que eu baixei. Então não tenho tempo de sair, me divertir... Até digo que quando eu vou fazer o show, eu vou brincar. Para mim já é uma diversão porque eu brincar com a criança é como se eu tivesse na rua brincando. Você fica até melhor, o espaço não assusta, é como se tivesse em casa, no pátio, brincando tudinho (E15).

Tais falas corroboram o estudo de Arruda (2018), que percebeu no relato de um de seus entrevistados que as experiências pessoais de lazer estavam diretamente relacionadas com o trabalho, ou seja, a distinção entre um e outro não era tão delineada. Embora o trabalho com animação de eventos possa ser prazeroso e fonte de realização pessoal, compartilhando de Stebbins (2014) a ideia de devoção ocupacional, preocupa-me a falta de tempo que esses profissionais têm para vivenciar outras possibilidades de lazer. O animador de eventos deve vivenciar processos de formação cultural contínuos tendo contato com outras manifestações da

cultura e possibilidades de lazer distintas das manifestações presentes em seu trabalho nos eventos.

Melo (2010), a respeito do papel da formação cultural na intervenção pedagógica do animador cultural, acredita que ela atue para aprimorar a visão do profissional sobre as diversas linguagens/manifestações:

parece-me inconcebível que alguém que pretenda trabalhar no âmbito da cultura (como é o caso do profissional de lazer) não possua uma visão ampla, atualizada, não preconceituosa e tecnicamente bem-elaborada sobre as mais diversas manifestações/linguagens culturais. Obviamente isso não diminui os outros compromissos necessários ao animador (como a boa compreensão teórica sobre o assunto e o entendimento político acerca de sua função e da sociedade), mas indubitavelmente uma formação cultural adequada não só é mister como até mesmo se articula com as outras dimensões importantes para definir a qualidade do processo de intervenção pedagógica (MELO, 2010, p. 163).

Dada a fala do autor, questiono quais as outras experiências de lazer fora do trabalho com animação relatadas pelos entrevistados e como atuam na formação cultural desses sujeitos. Primeiramente destaco o cinema, circo e teatro de onde os animadores conseguem extrair conhecimentos que usam em seu trabalho, como nas falas dos entrevistados E6 e E10, que relatam como consomem arte em seus momentos de lazer.

Eu procuro ir assistir algumas das vezes apresentações, artistas, pessoas que vêm de fora para ver o que o que estão fazendo de novo, né? Não que diga que eu vou imitar. Algo que possa inspirar possibilidades de criação, assistir teatro, cinema, assistir à algumas séries, reler coisas que eu já li para lembrar algumas práticas. Ultimamente eu estou lendo um livro chamado “O Elogio da Bobagem” que fala sobre a questão dos Palhaços no Brasil e se eu não me engano no mundo (E6).

A minha diversão é mais quando eu vou para algum show, para algum evento teatral ou para algum circo visitar algum colega no circo e ver algo que vai me agradar, que vai me chamar atenção para levar para animação. Ao mesmo tempo que eu estou levando a minha família para um circo, eu vou *tá* vendo ali, *tá* estudando alguma coisas que eu vou poder levar pra animação. Agora, assim, de eu sair para algum igarapé, um almoço em família, eu já não levo, aquela brincadeira de família mesmo eu já não levo (E10).

A respeito do cinema de animação, o entrevistado E1 afirma que assistir desenhos animados o auxilia na produção de personagens vivos que são levados para os eventos. Esses personagens geralmente tem uma cabeça esculpidas em uma estrutura de isopor, revestida com fibra de vidro e pelúcia ou malha e são vestidos por um monitor. Animais, robôs, super-heróis, mascotes de time de futebol costumam ser as atrações nas festas, sendo os mais requisitados as reproduções de personagens do cinema infantil. O cinema para o entrevistado E1, portanto, é o contexto em que ele se atualiza sobre esses novos lançamentos que poderão ser levados para as festas.

Eu sou desenhista e também artista plástico. Gosto muito de animação, sou fascinado por animação gráfica: Frozen, esses desenhos novos que estão saindo das princesas. Fico assistindo aquilo e pensando como é que eu vou esculpir o rosto daquele personagem, como é que eu posso fazer para ficar melhor, entendeu? Aquilo influencia de eu fazer o bonecão, porque o meu boneco eu quero que faça o que ele está fazendo ali, que fique mais próximo possível (E1).

A entrevistada E11 afirma que gosta de utilizar a internet em seus momentos de lazer e nisso consegue aprender conteúdos novos que mobiliza nos eventos, especialmente danças para fazer com as crianças.

Eu gosto muito de ver filmes. Gosto muito de navegar também na internet, e quando eu navego na internet, eu vou direto nas apresentações infantis, apresentações de ballet, adoro dançar, e tudo isso me ajuda na hora da dancinha com eles. Adoro ver Pakaraka, isso também me ajuda muito na dancinha com eles... e pesquisar brincadeiras. E é isso (E11).

Percebo que na fala da entrevistada E11 o interesse em consumir produções artísticas como as músicas do grupo infantil Turma da Pakaraka, apresentações de dança e filmes gera conteúdos que, posteriormente, utiliza em suas brincadeiras. Na fala do entrevistado E1 prevalece um olhar estético sobre as animações cinematográficas que ele transforma em bonecões, enquanto no relato da entrevistada E6 prevalece as possibilidades de técnicas artísticas que as apresentações culturais podem proporcionar. No entanto a ida ao cinema não é restrita à técnica artística, estética dos personagens e conteúdos, para o entrevistado E8 é também a possibilidade de interação com a família.

No meu campo de lazer, a gente vai para o cinema. Aí no cinema, a gente se diverte, brinca um com o outro. De eu brincar com a minha filha surgiu até ideia para levar para animação, porque tudo está inserido, *né?* A gente vive brincando e criando ao mesmo tempo. Isso é bacana. E a gente gosta muito de sair para o cinema, ver filme *né?* E eu gosto muito daqui, da minha casa... Pesquisar no YouTube. Eu gosto muito de estar aqui com a minha família, com a minha filha, não sou de estar muito na rua. Só saio mesmo para fazer as coisas necessárias e trabalhar. Não gosto de estar na rua de boqueira assim, sabe? (E8).

Lazer em família é um outro contexto formativo dos animadores. Entre os 15 entrevistados, 13 são pais ou mães e, nessa interação, geram-se saberes mobilizados na atuação. Isso pode ser observado no relato dos entrevistados E7, E1 e E14, que afirmam que interagir com os seus filhos amplia suas percepções sobre o comportamento e o gosto infantil.

Eu procuro sempre estar fazendo algo diferente com os meus filhos que são de faixas etárias diferentes. Eu tenho um que é adulto, tem um de 11 anos e tem uma de 2 aninhos, então bem diferente, *né?* Eu digo que eles são os meus laboratórios. Eu procuro sempre fazer uma programação diferente com eles e eu trago isso também para o profissional, porque aquilo que eles gostam são as coisas que a maior parte das crianças a idade deles gostam também (E7).

A gente que trabalha na área do lazer, a gente vive o lazer praticamente 24h. Em casa, com a minha filha, por exemplo, que eu descubro com ela uma possibilidade de brincadeira eu já levo para minha festa. Na escola, o que eu descubro no meu momento ali com meus alunos, eu também já levo para algum lugar do meu profissional. Eu tirei uma semana de férias em julho e viajei para lugares que eram de praia. Observei muito os meninos brincando com sementes, com castelinho de areia, observei algumas brincadeiras de praia novas que eu não conhecia, com raquetes, futebol. Então, era um momento de lazer, mas que eu fiz observações que eu levei para minha festa (E1).

O tempo que eu tenho hoje de lazer eu deixo ele muito para estar com a minha filha; então muitas coisas que eu aprendo é a lidar muito com a criança hoje em dia, principalmente a criança pequena. Vamos dizer que a minha filha tem 2 anos; crianças de 2, 3, 4 anos que a minha filha interage ali, e quando ela está brincando, que chegam outras, eu vou e brinco, e aí às vezes eu aprendo como lidar melhor com essas crianças *né?*. No shopping tem um espaço que é de brincadeiras, eu gosto muito de observar o que que as crianças gostam de brincar (E14).

Os entrevistados não evidenciaram os limites entre as obrigações familiares e o lazer com a família e afirmam que a interação com os seus filhos e demais crianças de seu ciclo social gera saberes oriundos da observação deste público. Não pretendo encontrar o limiar entre divertir-se com os filhos e fazer estudo de mercado sobre tendências do consumo e comportamento infantil, mas afirmo que o lazer dos animadores estudados tem ligação com a família e, ao mesmo tempo, um caráter formador e consolidador de saberes. Nessa perspectiva Alves e Isayama (2006) pensam que:

Refletir sobre o lazer do adulto aponta-nos a necessidade de contextualizar suas possibilidades em face das diferentes esferas da obrigação humana; significa pensá-lo não de modo isolado, mas sim em sua integração com as dimensões da família, da religião, da política e, principalmente, do trabalho, já que este representa uma das obrigações mais presentes na vida de um sujeito da faixa etária adulta (ALVES; ISAYAMA, 2006, p. 111).

Portanto, como percebido pelos relatos dos entrevistados e sustentado pela fala de Alves e Isayama (2006), os momentos de lazer dos animadores acabam sendo integrados a outras dimensões da vida pessoal desses profissionais que este estudo não consegue enxergar isoladamente. O fato é a maioria desses profissionais reconhecem a contribuição dos momentos de lazer para a sua atuação profissional, basta agora que seja estimulada vivências mais diversificadas. No próximo tópico aprofundo-me na temática do trabalho analisando os saberes constituídos na trajetória profissional dos sujeitos pesquisados.

4.4 Categoria de análise 3: A intervenção profissional como lócus da Produção de Saberes

Após ter identificado o papel dos momentos de lazer para a formação do animador no tópico anterior, irei analisar as trajetórias de formação do animador sob a perspectiva do trabalho profissional. No primeiro momento abordarei como as experiências profissionais fora do segmento da animação de eventos infantis proporcionaram aos animadores saberes que utilizam em seus empreendimentos de animação. No segundo farei uma síntese das competências e habilidades que os entrevistados julgam necessárias para cumprir o serviço de animação de eventos infantis. Ao fim, citarei os conhecimentos que os animadores gostariam de ter para o exercício profissional.

4.4.1 Saberes oriundos de experiências profissionais fora do segmento de animação de eventos infantis

Ao serem questionados sobre os lugares onde trabalharam e as experiências que tiveram nesses locais, os entrevistados citaram mais de 20 atividades profissionais diferentes com que trabalharam em vários setores da economia. Selecionei seis delas, pois foram onde os sujeitos identificaram a experiência obtida e as vincularam ao trabalho com animação de eventos, que são: representante comercial, vendedor/atendente, artista circense, educadora infantil, estagiária de artes cênicas e assistente de atividades sociais (recreadora).

Visto que todos os animadores são gestores de seus empreendimentos de animação, além de pensar sobre os conteúdos culturais que irão incluir em seus serviços, eles costumam fazer o atendimento de clientes, negociações, fechar contratos, entre outras questões operacionais comuns aos gestores de negócios. Nesse sentido, os entrevistados E1, E3 e E10 relatam suas vivências laborais como representante comercial, vendedor/atendente, artista circense e a contribuição disso para aprimorarem sua maneira de interagir com os clientes.

Um lugar que me deu uma visão de organização, horário, cronograma, foi o último que eu trabalhei de carteira assinada, que foi como representante comercial de fábricas de brinquedos. Ele me deu a visão de vender a imagem. Se a gente sabe vender a nossa imagem, ter um marketing bom, "pô, esse animador é bom, a música que ele coloca é boa, ele não vem de sandália para o meu evento. Ele vem bem arrumadinho. Quando ele veio me atender, ele veio todo organizado, como *pra* fechar um negócio". Então, isso tudo de fora me serviu *pra tá* dentro da animação também (E13).

O entrevistado E13 traz os princípios do marketing pessoal e a maneira de lidar com a imagem de sua empresa e deve isso à experiência com representação comercial. Esse processo é similar ao do entrevistado E3, que, nos lugares onde trabalhou atendendo pessoas e vendendo

produtos e serviços diversos, aprendeu a estratégias de atendimento ao público mobilizadas hoje para fechar vendas nos serviços de animação.

Essa parte de atendimento ao cliente, tanto na Floricultura do Amor, na Peraltas, quanto até sair na rua para vender plano funerário me deu experiência de atendimento ao público e isso a gente usa até hoje. Sabe como a gente fazia para fechar festa antigamente? Eu tinha um book, pus *numa* pasta para lavar as fotos, eu pegava e folheava aquele classificador e levava para o cliente. Aí fazia a visita com o cliente, aprendi a personalizar o recibo, que era um minicontrato na verdade. Como não tinha celular para gente mostrar, ou mandar no WhatsApp, a gente tinha que convencer o cliente e tinha que falar tudinho que a gente ia fazer na festa pessoalmente. Então isso também foi um aprendizado para fechar hoje (E3).

Na fala do entrevistado E3 ficou perceptível a importância de se conhecer o seu público-alvo. O estudo de Ungheri (2014) sobre atuação profissional em políticas públicas de lazer também fez uma conclusão nesse sentido ao apontar que “os profissionais devem compreender as características dos grupos que serão atendidos por seus programas e ações, levando-se em conta as dimensões biológicas e sociais dos sujeitos” (p.115) e dessa forma aproxima as ações da políticas às demandas sociais.

A experiência profissional como artista *freelancer* em circos que passaram em turnê pelo Estado do Pará fez com que o entrevistado E10 aprendesse novos saberes ligados a logística, técnicas artísticas, marketing circense e interação com o público, os quais ele acaba trazendo para o seu serviço de animação de eventos.

No circo eu fazia fogo, pirofagia, propaganda, palhaço e ajudava na montagem e desmontagem. [...] Trabalhava no circo e fazia a animação durante o dia, que às vezes aparecia colégio, mas só que evento à noite não tinha como fazer porque tinha espetáculo. Trabalhei nos circos Mega Show, Olímpia, Astro e Nacional já. Cada um tem a sua forma diferente de trabalhar, formas de propaganda, de lidar com o público. Então, eu fui adotando as formas de trabalhar, formas de divulgar, formas de me expressar com cliente, lidar com o público, ter aquele cuidado, *né?* (E10).

Além da polivalência de funções dentro do trabalho circense, o entrevistado E10 fala sobre sua adaptação ao perfil de cada circo que passou. Sobre o fazer artístico nessas empresas e companhias, Anjos (2012) informa que os profissionais que não são oriundos de famílias circenses, como o entrevistado E10, são chamados de “gente da praça” e que o aprendizado aos novatos “consta não somente do conhecimento das técnicas de preparação para os números, mas também, os saberes herdados daquela companhia ou empresa circense, além de sua dimensão cultural e ética, seus valores e costumes” (p. 49). Isso ajuda a entender que o Entrevistado E10 aprendeu no circo a comunicar-se com diferentes tipos de pessoas.

Por atuar como palhaço nos picadeiros e animador nos eventos infantis, o entrevistado fala das estratégias que aprendeu para fazer com que o público participe das brincadeiras que ele propõe no circo e nas festas.

Hoje eu tenho a minha estratégia para chamar o pessoal, tanto no circo quanto no aniversário. Só que, no aniversário, é uma estratégia diferente do circo. A estratégia do circo é *tu ter* o carisma, conversar com o público, se arrumar cedo, bater foto, cativar o público, para quando *tu entrar* no picadeiro o povo vir. Na animação de festa, eu chamando o pai e a mãe do aniversariante e o pai e a mãe do aniversariante chamando os convidados já se torna mais fácil. Como eu fazia antes? Antes, eu chamava e o povo não vinha. Então, hoje eu adotei isso, meu trabalho está bem mais tranquilo (E10).

Conhecer o público e aprimorar a interação com ele é o saber advindo da experiência que identifico na fala do entrevistado E10, o que percebi nos relatos das entrevistadas E12, E6 e E14 que, em experiências profissionais fora de seus empreendimentos de animação de eventos infantis, aprimoraram sua relação com as crianças.

Eu trabalhei em uma creche, no Colibri Baby Hotel. Eu comecei com os bebezinhos, depois eu fui com os de 2 anos a 3 anos e depois eu fui com os maiorzinhos. Lá floresceu ainda mais o amor pelas crianças, o cuidado, a atenção de ver o que a criança precisa, que às vezes a criança está ali... Como lidar com aquelas crianças que não querem conversar, não querem se aproximar? E aí eu aprendi muito, em todos os sentidos em relação às crianças (E12).

A minha primeira experiência profissional com a linguagem da aula de teatro foi estagiando no Curro Velho. Eu estagiei lá, se eu não me engano, por um ano e meio. Foi a experiência de trabalhar diretamente na gerência de cênica, então era diretamente com o público infantil, a dinâmica que eu criei com outras pessoas era a brincadeira. E eu sempre gosto da linguagem das brincadeiras antigas que é a cantiga de roda, as cirandas e os jogos que a gente pouco vê hoje em dia, com a questão da tecnologia, as crianças brincando (E6).

E depois de lá eu vim trabalhar no Sesc e desde aí eu comecei a atuar mais com o brincar... Dentro do SESC eu vim ver as outras vertentes do brincar que é pegar a ludicidade de uma forma mais educativa, como algo que você não é obrigado a brincar. Eu também quebrei essa coisa que tem muito dentro da animação de festa de que você tem que brincar e tem que ter um brinde para brincar e eu não gosto disso. Eu prefiro não ter brinde (E14).

As entrevistadas exemplificam experiências profissionais em três espaços de atuação distintos, uma creche, uma escola de artes e uma entidade de serviço social do comércio. A primeira afirma como que essa experiência profissional fez com que pudesse entender melhor o comportamento infantil e as demais relatam como aprimoraram o sentido do lúdico na relação com as crianças. O quadro a seguir sintetiza as contribuições das experiências laborais fora do segmento da animação de festa para esses sujeitos.

Quadro 2 - Contribuições das experiências laborais fora do segmento da animação de festa

Função	Experiência	Conexão com o serviço de animação
Representante comercial	Vendas e atendimento ao público em geral.	O aprendizado do marketing pessoal o auxiliou a melhor apresentar-se aos clientes.
Vendedor	Vendas e atendimento ao público em geral.	Ter trabalhado com vendas o ajudou a persuadir os possíveis contratantes.
Artista circense	Apresentação artística e atendimento ao público em geral.	Aprendeu a ter cuidado com a comunicação com o público e com a postura profissional com os clientes.
Cuidadora	Interação com o público infantil.	Aprendeu sobre o comportamento do interagir com crianças.
Professora de teatro	Desenvolvimento de jogos teatrais e brincadeiras para crianças.	Uso de brincadeiras tradicionais nos eventos.
Recreadora	Aprendizado de outra perspectiva do brincar.	Realização de brincadeiras educativas e sem premiação.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Tendo exposto os dados percebo que as atividades laborais realizadas fora do segmento da animação de eventos infantis foram importantes para sua constituição profissional também para este segmento. Por ter uma significativa trajetória com a animação os sujeitos entrevistados têm lugar de fala para apontar as características do animador de eventos e este é o tema do próximo tópico que tem por objetivo fazer esse levantamento relacionando-o ao que outros autores pontuaram ser importante para a atuação dos animadores.

4.4.2 Competências e Habilidades identificadas pelos sujeitos para atuar na função de animadores de eventos

Ao responderem sobre quais competências e habilidades consideram importantes para atuarem como animadores, os entrevistados citaram diversas características profissionais presentes em seu trabalho cotidiano. Para tratar estes dados utilizarei organização semelhante a Melo e Alves Júnior (2003), que situam características quanto ao domínio de conteúdos e quanto a postura profissional, onde concentram-se a maioria das falas.

Em relação ao domínio dos conteúdos identifiquei na fala da entrevistada E14 que os animadores devem dominar a linguagem das brincadeiras e contação de histórias para o trabalho com animação.

Você precisa saber envolver o outro, saber contar uma história. Dentro da animação, você precisa contar história que é importante uma hora. Você precisa saber fazer a brincadeira, você precisa conhecer a brincadeira (E14).

A entrevistada pontua que em algum momento do trabalho com animação o profissional deverá usar linguagem da contação de histórias. Isso é interessante porque potência cultural que possuem os contos, lendas, fábulas e outros estilos de narrativa pode qualificar o trabalho do animador de eventos fazendo com que este dialogue com a educação e as tradições populares. Melo e Alves Júnior (2003) acreditam que “as múltiplas linguagens devem, acima de tudo, ser encaradas como estratégias de intervenção pedagógica da maior importância” (p. 80). Dessa fala, vislumbro que as histórias contadas no serviço de animação podem estimular a imaginação e o acesso à leitura entre as crianças. Em relação ao brincar, é interessante que o animador também tenha noção da diversidade de brincadeiras em nossa cultura.

Em relação às características que compõem a postura profissional do animador, Melo e Alves Júnior (2003) apontam a atualização, organização, comunicação, formação, liderança, criatividade e senso crítico. As três primeiras estão presentes diretamente na fala dos animadores de Belém que citaram outras características como saber interpretar, responsabilidade e comprometimento, amor pela profissão e pelas crianças e ser animado.

A atualização é característica do animador citadas por Melo e Alves Júnior (2003) que consta em “empenhar-se na atualização permanente nutrindo o gosto pela leitura e pela busca de informação, tanto no que se refere à formação técnica, quanto no que se refere ao cotidiano social” (p. 80). Os sujeitos deste estudo apontam nessa direção: E3 ressalta a relevância de atualizar-se em relação às demandas do mercado; as entrevistadas E1 e E7 afirmam a importância de inovação no uso das brincadeiras e E6 cita a pertinência do aprendizado de alguma linguagem nova, pois poderá ser incorporada aos serviços oferecidos na animação.

O querer estar lá vai desencadear muita coisa: *tu vai* procurar técnicas novas, fazer aquela pesquisa para saber o que o público *tá* pedindo naquele momento. Tem época que o cliente não quer animador, ele quer só o palhaço, então *tu vai* ter que ser mais palhaço. *Aí tu vai* divulgar só aquela parte do palhaço. Cliente quer só *pocket (pocket shows)*, então vou divulgar mais o pocket. Sentir o público, sentir o que eles querem “ah, tem época que o pessoal quer recreação”, então o cara vai caprichar na animação dele, na recreação. Ele vai querer aprender mais, absorver mais, ler mais, pesquisar mais, ir na internet, fazer isso fazer aquilo. Ele tem que ter esse *feeling* de mercado e tem que perceber o mercado. Eu acho que por isso que ela eu estou há tanto tempo no mercado (E3).

Em outros relatos predominam discursos sobre a capacitação, renovação e aprendizado de novas habilidades direcionadas para a brincadeira.

Eu acho que o animador tem que sim buscar formação. Ele tem que sim buscar a troca com outras pessoas, sair da caixinha, pensar fora da caixinha. Ver o que outros espaços estão pensando, ver o que outros Estados estão brincando. O perfil do animador é esse animador que sempre ter um *plus*, sempre ter uma carta na manga e, ao mesmo tempo,

ter sempre uma inovação, *né?* Então, a gente tem que acompanhar essa atualidade. Não dá mais *pra* brincar só de dança da cadeira (E1).

Você tem que entender que sempre é tempo de renovar. O brincar sempre vai ser o mesmo, as formas de brincar vão ser as mesmas, mas os recursos que você vai utilizar, isso você pode sempre estar inovando, porque é isso que faz, realmente, com que você não pare no tempo e não caia no esquecimento, para que as pessoas lembrem de você como uma pessoa dinâmica e que *tá* sempre buscando algo diferente (E7).

A pessoa tem que não procurar só o brincar. Aprender outras habilidades que chamam atenção. Procurar outras habilidades que possa enriquecer no teu trabalho, como aprender tocar violão, fazer um perna-de-pau, fazer um curso de circo ou algo do tipo (E6).

O sentido de atualização profissional na fala dos entrevistados consistiu em uma formação técnica para atender a alguma demanda de mercado. Foi interessante perceber que viram a necessidade de manterem-se bem informados e adquirirem novos saberes para aprimorar o seu trabalho como animadores, porém é também oportuno ampliar esta visão de aquisição de conhecimento direcionado ao trabalho. Quando Melo e Alves Júnior (2003) abordaram que o animador também precisa atualizar-se não somente a respeito de formação técnica, mas também do cotidiano social, percebi a importância de uma formação geral que poderia ou não contribuir para o trabalho da animação, mas que seria uma possibilidade de desenvolvimento pessoal. Além disso é necessário novamente pontuar a importância da constante busca pela formação acadêmica e pedagógica para qualificar intervenção profissional.

Melo e Alves Júnior (2003) sugerem que a organização é característica do profissional da animação e os entrevistados apontam nesse sentido. Os animadores E1, E13 demarcam que ter organização, planejamento e capacidade de adaptação quando algum imprevisto acontecer no trabalho são condicionantes para trabalhar com animação de eventos infantis.

Você tem que ter, enquanto animador, a competência de saber o que você vai fazer e onde, o espaço que você vai ter e planejar dentro disso, *né?* É um espaço pequeno? Então, planejar uma festa para espaço reduzido. É um espaço grande? Planejar a festa para espaço grande. Então, uma das competências principais é planejar. Eu acho que uma das habilidades também do animador é saber se adaptar em qualquer ocasião, *né?* *Tá*, a gente faz um planejamento? Ok. Mas também esse planejamento vai cair, porque não foi aquilo que eu planejei. Então, eu preciso ter o tato de me adaptar em qualquer espaço e qualquer ocasião (E1).

Acho que você tem que se planejar. Hoje em dia eu pergunto "Qual o tema da festa do seu filho?", "Ah, o tema é tal", "Quantos anos ele tem?", "Ah, ele tem 10 anos. Ah, ele tem 5 anos". Então, a gente já se programa. Criança muito pequena não tem coordenação para brincar muitas brincadeiras competitivas, então, o dele ou é juntinho ou é dancinhas. O adolescente é mais competição e aquelas danças mais difíceis, porque eles gostam de ser desafiados. Além do planejamento, eu acho que é a capacidade de improvisar (E13).

Mesmo quando houver planejamento e organização das ações, algo poderá dar errado e cabe ao animador ter jogo de cintura para lidar com a situação e tomar atitudes que possam resolvê-las. Ao discutir sobre a etapa de operacionalização dentro de um programa recreativo, Cavallari e Zacharias (2008) afirmam que frente aos imprevistos que não puderam ser evitados o organizador da atividade deverá “ter a perspicácia para perceber, maleabilidade para contornar a situação e criatividade para encontrar soluções criativas” (p. 24). Nesse sentido, trabalhar com animação é também propor ações criativas para gerir e solucionar problemas.

Outra característica ligada à postura profissional está presente no campo da comunicação. Nas falas dos entrevistados identifiquei algumas questões sensíveis à forma de comunicar e interagir com as pessoas. Por exemplo, enquanto a entrevistada E14 relaciona uma postura empática e educada para lidar com o outro, E2 aborda a comunicação e o cuidado com o diálogo com as crianças.

Empatia você tem que ter; Dinâmico; Educado, você tem que ter educação para tratar o outro; Você precisa saber falar, que é muito importante. Você precisa saber se comunicar, se expressar (E14).

Ter uma boa relação interpessoal, saber como lidar com os outros; Carisma. Saber conquistar porque a gente sabe que criança é muito sincera. Se alguma coisa não tá agradando a criança ela se afasta ou fala logo alguma coisa. Se não souber como lidar tem que aprender, ou não tem como ser animador (E2).

Algumas respostas aproximam-se do estudo de Arruda (2018) que identificou entre as características dos profissionais do lazer e da recreação ser “dinâmico e comunicativo”, “simpático” e “educado”, mas o sentido de comunicação que prevalece aqui é o do cuidado em evitar situações vexatórias, em que as pessoas sofram algum tipo de desrespeito, mesmo que de maneira sutil, na comunicação com as crianças e adultos. A exemplo disso, Cavallari e Zacharias (2008, p. 25) afirmam que a postura profissional do organizador da atividade de lazer deve “manter com os participantes uma relação de simpatia, confiança (segurança) e de amizade, estabelecendo e respeitando limites”.

Avançando na discussão, saber atuar foi uma habilidade necessária para a atuação como animadora infantil citada pela entrevistada E7.

Voltando para questão do teatro, saber atuar bem, porque não deixa de ser uma atuação na hora que a gente está com personagem. Melhorar a atuação, não precisa ser um profissional e fazer um curso técnico e ficar 2, 3 anos fazendo. Fazer uma oficina que te deu uma carga-horária boa para *ti* aprender também (E7).

A entrevistada parte do pressuposto de que os profissionais da animação estão interpretando algum personagem no momento em que estão interagindo com as crianças, dessa

forma é necessário que saibam atuar. Ela reitera não ser necessário uma formação específica em teatro que dure anos para ser concluída, mas pelo menos uma carga-horária mínima que possa aprimorar o seu trabalho. Essa declaração não demonstra que a entrevistada desvalorize o papel de uma boa formação para aprimorar os processos de interpretação do ator, mas sim que pessoa deve conhecer pelo menos o básico dos princípios de construção da personagem para poder realizar os serviços de animação.

Para demarcar um pouco mais a minha opinião sobre como uma formação de curta duração poderia, ou não, dar conta de uma atuação profissional de qualidade eu acredito que quanto maior o tempo de dedicação ao estudo daquilo com o que se quer trabalhar mais aprimorado será o resultado do trabalho. Não vejo o sentido aprimorado como algo rebuscado e de difícil compreensão, mas algo bem construído, inteligente e interessante para todo o público. Portanto defendo que uma formação mais densa dá ao animador ferramentas para melhor lidar com o seu público.

A respeito das características ligadas à postura profissional e seus preceitos éticos, a entrevistada E11 evidenciam que a condição necessária para atuar como animadoras de eventos é ter uma postura de responsabilidade e comprometimento com os clientes.

Acima de tudo, tem que ter a palavra, tem que ter o compromisso com o cliente, *né?* Eu me preocupo muito em ter esse compromisso e não deixar faltar nada. Se eu digo que na minha animação vai ter x, eu procuro que tenha x. Eu deixo bem claro o que eu vou levar, o que eu não vou levar, o que eu vou precisar na hora. Eu procuro deixar isso bem claro e cumprir com a minha palavra (E11).

Ela cita a importância do cumprimento de acordos estabelecidos entre contratante e contratado. Talvez essa postura de responsabilidade e comprometimento tenha sido apontada como condição para o exercício profissional do animador de eventos por entenderem que a reputação do empreendimento de lazer é importante para sua manutenção no campo. Nesse sentido a entrevistada E11 complementa que a maioria de novos clientes a acessam através de indicações de clientes antigos.

Os meus clientes, a maioria deles, eram do Bee Baboo no começo, depois foi passando, indicação por indicação. É tudo indicação. A maioria é de um cliente para o outro. Nada é avulso. Tanto é que eu não gosto de publicar nesses grupos da internet. Eu prefiro que a pessoa me indique, porque eu vejo assim, se é indicação é porque já viu, sabe como é, gostou (E11).

Fazer um trabalho de qualidade, portanto, ajuda o animador a manter-se no mercado. Outro ponto de conexão entre este estudo e o estudo de Arruda (2018) é que a ética foi citada várias vezes como uma característica necessária para com animação. “Gostar de crianças”;

“amor pelo que faz” foram fatores importantes citados no estudo de Arruda (2018) que identifiquei nas falas de alguns entrevistados E4, E11 e E2.

Todo profissional tem que respeitar as crianças, ter paciência, porque lidar com criança de todas as idades tem que ter muita paciência, alegria, vontade e amor, porque se você for pelo dinheiro pode ter certeza que não vai dar certo (E4).

Primeiro, ela tem que ser uma criança de espírito. Ser animador, além de ser um dom, é uma coisa que você traz de dentro de você. Essa alegria que o animador transfere, na verdade, que faz aquela troca com as crianças. Ele tem que ser amável, gostar do que ele faz e amar crianças. Eu acho assim: eu amo criança, tipo assim, se tivesse uma criança em risco aqui, eu daria minha vida para aquela criança sobreviver, entendeu? (E12).

A gente está ali com as crianças, mas *tá* sendo observado pelos pais. Se de alguma forma tiver algum tratamento, algum palavreado, alguma atitude que naquela hora a criança não perceba, mas o adulto perceber pode se tornar constrangedor, pode tornar-se uma situação meio vexatória (E2).

Pondero duas questões: uma é sobre a relação com as crianças e a outra é sobre satisfação profissional. Os entrevistados falam em gostar de crianças, mas esse gostar parece ser restrito a ser amigável com elas. Embora acredite no empenho dos animadores pela qualidade do trabalho, pouco identifiquei nas falas esforços para ampliar saberes que pudessem qualificar a interação com as questões comportamentais, educacionais e culturais do universo infantil e dessa maneira percebo que a interação entre os animadores e as crianças é mediada por experiências pessoais do animador.

A respeito do “dom” que o próprio entrevistado E12 fez referência em sua fala, Isayama (2010) ajuda-nos a situá-lo dentro de uma perspectiva tradicionalista de formação em lazer onde havia prevalência das aptidões pessoais do recreador e que priorizava o ensino de atividades práticas da qual os estudantes pudessem executar com o público-alvo de suas ações. “Tolerância, animação e prazer pelo trabalho passaram a ser os pilares básicos para a atuação dos recreadores, e, por isso, a formação profissional fundava-se na cooperação e no amor ao trabalho assistencialista” (ISAYAMA, 2010, p. 11).

Outra questão que privilegia as aptidões pessoais ao invés da formação quando tratamos das características para a atuação profissional em lazer é a venda da personalidade bem-humorada. Marcellino (2000) reflete sobre isso quando afirma que entre os profissionais de lazer há um discurso que afirma que competências podem ser aprendidas e bom humor não. O autor questiona esse pensamento que deixa em segundo plano competências e habilidades importantes para ao trabalho em função do bom humor. “O argumento é que o bom humor não se aprende e competência se adquire. Como se bom humor fosse algo postiço que se coloca no rosto, como os dedos digitam. Enorme confusão” (MARCELLINO, 2000, p. 128).

O autor discorre sobre as confusões que podem ser verificadas em relação a exigência do bom humor na rotina laboral.

O bom humor é importante não confundir com bobo-alegrismo, do sorriso e solitudes artificiais estampadas nos gestos, é fruto de uma situação geral e profissional e geral adequadas, que torna o trabalho escolhido, quando o é, prazeroso. É do prazer do trabalho que se deve nascer o bom humor e não do “bom humor” estabelecido “a priori” como mais uma peça do vestuário colocada, que deve nascer o prazer pelo trabalho (MARCELLINO, 2000, p. 128).

O autor demarca que o bom humor é inerente ao grau de satisfação pessoal com o trabalho, e que não deve ser confundido com o "bobo-alegrismo". A respeito disso, a alegria também citada é como uma característica profissional dos sujeitos pesquisados por Arruda (2018). Uma situação similar foi encontrada entre os animadores de eventos infantis de Belém do Pará que entre as competências e habilidades necessárias para o exercício profissional citaram: ter automotivação, ser alegre e animado. Foram várias as falas nesse sentido, mas trago em especial a do entrevistado E10 que em virtude dos compromissos profissionais precisou animar um evento em um dia no qual estava psicologicamente abalado.

O cara tem que ser alegre mesmo que ele tenha um problema muito grande na vida dele. “Tive que enterrar meu filho numa quinta-feira e trabalhar no sábado. Eu não aguentei, eu saí do salão, chorei, voltei para o evento normal e ninguém desconfiou de nada. Em certos momentos tem que ser frio por dentro e mostrar alegria por fora. Não importa o que esteja passando, se ele está passando por dificuldade, se ele não tem nada para comer. Não importa o que ele tiver passando pessoalmente, ele está ali para alegrar. Então, ali ele tem que estar firme e forte com o trabalho dele, com alegria, com a disposição dele. Não pode estar triste, não pode estar cabisbaixo, não pode levar a vida pessoal para o trabalho” (E10).

A respeito dessa fala cabe refletir qual é o limite entre ter um comprometimento profissional de animar um evento quando não o está e reproduzir um discurso sobre uma característica profissional que não dá ao sujeito o direito da dor, do sofrimento e do descontentamento. A fala do entrevistado E10 embora seja de uma extremidade emocional, não é uma situação incomum, visto que a necessidade de trabalhar suprime adversidades.

No decorrer deste capítulo vários foram os relatos sobre a realização pessoal pela prática na profissão de animar eventos e interagir com as crianças e suas famílias nos momentos de celebração, porém problemas acontecem na vida de todos e podem acabar influenciando no humor daquele profissional. O fato é que animar eventos não é um fazer mecânico e impessoal, ou pelo menos não deveria ser, e exige que o profissional esteja em sintonia com as pessoas. Melo e Alves Júnior (2003) acreditam que carisma e capacidade de lidar com o público são

dimensões importantes, embora não sejam as únicas, para articular propostas multidisciplinares de animação cultural.

O que eu pretendi aqui não se tratou de fazer juízo de valor sobre o que os animadores julgam importantes para a atuação, mas sim repensar como discurso sobre a profissão com estereótipos de extrema positividade e infantilização cristalizados no imaginário popular são reproduzidos pelos sujeitos do campo. Por fim, entendendo que o campo de atuação profissional é também espaço de formação e provocação de busca por novos saberes, no próximo tópico abordarei o que os animadores gostariam de aprender para aprimorarem seu trabalho.

4.4.3 Conhecimentos que os sujeitos sentem falta para a atuação como animação de eventos

Ao serem questionados se sentiam falta de algum tipo de conhecimento que julgavam necessário para sua atuação profissional os animadores fizeram algumas ponderações. Organizei as falas agrupando-as em: conhecimentos para a atuação relacionados ao domínio técnico de linguagens artísticas, domínio de saberes oriundos de formação específica em lazer e conhecimentos relacionados a atendimento ao cliente, negociações e procedimentos burocráticos, ou seja, saberes relacionados a gestão e planejamento.

Percebi nas falas dos entrevistados que anseiam por aprenderem alguma linguagem artística que possa lhes favorecer a performance no momento do trabalho. Isso corrobora com o estudo de Arruda (2018) que identificou entre as características do animador “conhecimento de diversas técnicas de animação e intervenção”, logo o campo mostra-se receptivo a múltiplas possibilidades de intervenção.

A respeito da finalidade da aquisição desses conhecimentos, os entrevistados abordam que eles podem ser usados para aprimorar alguma prática existente, como as pessoas que querem agregar o canto ao vivo e os instrumentos musicais no momento das cantigas de roda, mesclar alguma técnica artística ao momento da brincadeira, ou simplesmente dominar o trabalho que está sendo terceirizado. A seguir há uma síntese deste tópico com a frequência de respostas, o tipo de conhecimento almejado e a finalidade.

Quadro 3 - Conhecimentos necessários para a atuação relacionados ao domínio técnico de linguagens artísticas que os animadores sentem falta

Recorrência	Tipo de conhecimento	Finalidade
E3, E5, E13	Técnicas de canto	Saber cantar ao vivo nos eventos.
E3, E5	Teatro	Entender as diferenças entre os tipos de palhaço.

E8	Imitar vozes	Aprimorar processos de interpretação. Agregar comicidade ao serviço de animação.
E6, 13	Tocar instrumento musical (violão, guitarra)	Aprimorar os momentos de contação de história e cantigas de roda com música. Inovar o momento dos Parabéns.
E8, E11, E12	Pintura facial (maquiagem artística)	Aprender o que serviço que se terceiriza. Aprender técnicas avançadas e desenhos maiores
E8	Escultura em balão	Nivelamento ao que os outros serviços prestam no mercado. Aprender o que serviço que se terceiriza.
E6	Manipulação de fantoche	Agregar conteúdo ao serviço de animação.
E6, E9, E13	Técnicas circenses diversas	Agregar conteúdo ao serviço de animação.
E4, E13	Mágica	Agregar conteúdo ao serviço de animação. Dinamizar o momento de brincadeiras.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

As falas a seguir dão dimensão do papel da pintura facial e escultura em balões nos pacotes de animação que costumam ser oferecidos pelos serviços de animação. Quando o animador vai sozinho geralmente esculpe balões, pinta as crianças e faz as demais atividades culturais em momentos específicos. Quando é um evento maior e as atividades acontecem paralelamente geralmente o animador líder fica responsável pelas brincadeiras e atividades de palco, enquanto esculpir balões e pintar as crianças fica sob a responsabilidade de alguém de sua equipe, ou de alguém terceirizado.

tem gente que faz isso para gente, mas é bom ser completo mesmo. Umas coisas que eu não faço: pintura facial, escultura de balão... Eu gostaria muito de fazer uma dessas duas atividades porque eu não fiz curso disso, então não sei. Então eu gostaria mesmo de aprender as coisas que um animador faz. Acho que todo mundo faz isso *né?* (E8).

A pintura artística. Na verdade, ainda não parei para estudar. E porque eu vejo da seguinte forma: eu também não quero fazer todos os serviços que eu preciso fazer e depois ficar acumulada e não fazer a minha animação como eu deveria fazer. Então, eu prefiro contratar pessoas para que eu possa exercer a minha parte excelentemente. Mas eu gostaria sim de aprender a fazer a pintura (E11).

O fato é que como outras empresas oferecem estes serviços adicionais às brincadeiras, os animadores reconhecem a sua importância e mostram-se preocupados em aprender para qualquer eventualidade em que precisem maquiar ou esculpir balões. A entrevistada E11 pontua ainda a predileção em executar as atividades. A respeito disso trago a questão das técnicas circenses também almejadas pelos entrevistados.

Eu queria ter habilidades circenses. Malabares, um *flag*, diabolô, talvez perna de pau, essas coisas que a criança gosta. Eu poderia fazer um momento antes dos parabéns, fazer uma contemplação, "Criançada, senta todo mundo aqui!". Seria um momento interessante de até botar no pacote. "Senta aqui criançada, todo mundo e vamos fazer

aqui um *flag*", *flag* luminoso, apaga a luz e só aqueles LED rolando no tecido e *pá, pá, pá*, fazer a criança tentar pegar e a gente traz de volta. Seria interessante também a mágica, mas não ser mágico. Eu não queria ser mágico, eu queria animar, como eu já faço, e ter alguns truques para deixar mais dinâmico o trabalho, até para quebrar gelo no começo de evento (E13).

O entrevistado busca contextualizar técnicas dos picadeiros para eventos infantis, pensando inclusive como seria a interação com as crianças e identifico nesse desejo a vontade de fazer uma prática criativa. Foram várias as colocações que sugeriram utilização de técnicas circenses para inovar os conteúdos culturais presentes na relação dos sujeitos com o seu público. Um fato interessante é que o entrevistado E13 pretende fazer números de mágica, mas quer continuar sendo visto como animador.

Os animadores de eventos infantis de Belém querem cantar, trocar instrumentos, interpretar, enfim, querem dialogar com a diversidade de linguagens artísticas para aprimorarem o seu trabalho, como afirmam:

Eu queria muito aprender cantar (eu acho muito lindo) e tocar também. Eu gosto muito de contar história e eu acho lindo quando vejo alguém contando a história tocando violão utilizando-se a música e também às vezes utiliza-se a voz. Eu acho que eu gostaria de aprender mais (E14).

Imitar vozes. Eu vi um palhaço que arrebentou, estava imitando umas vozes e isso é engraçado. Eu sou muito fã de palhaço. Do palhaço animando... Tem palhaço que detona mesmo, cara! Tem palhaço que eu vejo assim "Caramba, mano!" para tirar o chapéu... Eu queria saber isso aí que ele sabe, mas eu acho que é do cara mesmo que fez alguma coisa, um curso, *né?* Eu levo animação da maneira que eu sei mesmo, mas eu sempre quero aprender mais (E8).

Devia ter me formado em teatro... saber mais essa diferença que até hoje eu fico meio confuso sobre a questão do *clown*, do palhaço. Eu digo que eu sou um palhaço comercial, o XXXXX é um palhaço comercial no estilo do "Patati Patatá", do Bozo, de tantos outros aí. Mas eu acho que eu queria mais entrar nessa parte do clown (E3).

Percebo, portanto, que a apropriação da arte se dá através de processos de construção criativa. Para Melo e Alves Júnior (2003, p. 79) a criatividade é uma característica do animador que consiste em "alimentar a capacidade de inovar, criar e recriar em suas propostas, além da capacidade de dialogar com o seu público e descobrir alternativas para a composição de seu programa de intervenção". Dessa maneira, a aptidão ao uso libertário da arte é uma das possibilidades de intervenção criativas no trabalho do animador.

Não posso deixar de citar o discurso sobre formação presentes nas falas dos entrevistados E8, que julga que os melhores palhaços que conhece parecem ter feito algum curso, e E3, que acredita que ter aprofundado seus estudos em teatro o aproximaria de outras perspectivas do palhaço. Ou seja, os animadores parecem identificar que a construção do palhaço é potencializada quando passou por uma formação específica.

O tema da formação específica está presente no segundo grupo de saberes que sentem falta de conhecimentos que podem ser encontrados em áreas específicas como Pedagogia e Educação Física, conforme identifiquei nas falas de E2, E7, E14. O entrevistado E2, que iniciou Pedagogia anos depois do ingresso na carreira de animador, sente necessidade de aprofundar os saberes acerca das fases de desenvolvimento do ser humano para aplicar ao serviço de animação e isso poderá ser melhor fundamentado no decorrer da sua formação acadêmica em curso.

Essa parte de saber mais cada fase não só da criança, mas do ser humano. Foi uma coisa que eu cheguei a ver no começo do curso de Pedagogia. Eu vejo que é preciso se aprofundar mais para gente saber em cada fase o que a pessoa necessita e o que a gente pode oferecer para que a gente possa realmente ter um trabalho eficiente (E2).

O entrevistado, portanto, poderá perceber que crianças têm variações de comportamentos e necessidades que variam conforme suas faixas-etárias e conhecer o universo infantil qualificaria sua intervenção. O desejo de conhecer e incluir crianças com deficiência, entendendo quais são suas necessidades especiais, está presente na fala da entrevistada E7.

desejo abraçar a animação no processo de inclusão, eu sinto falta das crianças com necessidades especiais, eu sinto falta de crianças deficientes na festa, porque elas existem, mas não vão para as festas de aniversário. Isso é muito importante. Eu tenho descoberto muitas dificuldades dos profissionais em lidar com esse processo de inclusão. Que brincadeiras? “Ah! Eu fui contratado para fazer aniversário de uma criança autista”, “uma criança com Síndrome de Down”, já é difícil e quando aparece você não sabe o que fazer, como lidar com isso, é um dos conhecimentos que eu estou desenvolvendo (E7).

A entrevistada E7, que é da área da Pedagogia, faz um breve diagnóstico do cenário da animação, relatando que, para os profissionais com os quais já conversou, ser capaz de atender às necessidades especiais psíquicas ou motoras é um desafio posto. Sobre a fisiologia do corpo humano e sua questão motora, a entrevistada sente necessidade de entender um pouco mais do assunto para que não exponha o seu público ao risco de contusões, por exemplo. Esta entrevistada que tem formação superior na área da Educação entende que um curso que melhor poderá ajudá-la a construir saberes sobre o corpo humano é a educação física.

Ah, sim! Eu quero iniciar agora um curso de educação física porque eu acho que conhecer o corpo humano é muito importante para área do brincar, porque às vezes brinca “põe a perna lá em cima, joga, se enrola” e não sabe que você tem toda uma articulação que pode machucar o outro. Então, uma coisa também que eu gosto muito é trabalhar com música, com ginástica. Eu preciso dessas habilidades que a área da educação física pode me dar e eu tenho muita vontade de fazer o curso de educação física. Trabalhar mais essa parte do corpo mesmo, corpo humano (E14).

Esta fala da entrevistada traz questões das especificidades da área no campo do lazer, e para Marcellino (2007) embora o animador cultural participe de processos integrados de lazer

onde se conheça conteúdos em conjunto há atividades específicas que “podem ser desenvolvidas apenas por profissionais de educação física, outras por arte-educadores, ou por profissionais de turismo etc. Ao animador cultural cabe adaptar as atividades, ou recorrer à mentoria de profissionais de respectivas áreas, para orientação” (p. 10). Dessa forma, percebo que a entrevistada E14 reconhece que há no seu trabalho saberes presentes na Educação Física dos quais quer se apropriar para uma intervenção com mais qualidade e pretende ampliar a sua área de atuação.

O estudo Ungheri e Isayama (2017) também traz exemplos de profissionais que buscaram uma segunda graduação a partir da vivência no trabalho. Os autores afirmam que todos os sujeitos entrevistados possuíam graduação em Educação Física e dois deles querendo buscar novos conteúdos para aprimorar sua atuação profissional na Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Belo Horizonte fizeram graduação em Turismo e Psicologia. Os autores observaram ainda que a formação acadêmica de todos os profissionais foi complementada por cursos de pós-graduação e identificaram que “a busca por qualificação não ocorreu especificamente pela exigência do mercado, mas pela intenção de cada indivíduo em qualificar sua intervenção profissional” (p.394).

Dessa forma a entrevistada E14 e os sujeitos do estudo dos autores supracitados tiveram um movimento parecido de interesse pela atualização profissional. O quadro 5 sintetiza as falas dos entrevistados E2, E7 e E14.

Quadro 4 - Conhecimentos necessários para a atuação que os animadores sentem falta relacionado ao domínio de saberes oriundos de formação específica em lazer - educação

Recorrência	Tipo de conhecimento	Finalidade
E2	Fases do desenvolvimento humano	Entender o que cada fase necessita e planejar melhor as ações com animação.
E7	Especificidades das pessoas com deficiência motora e necessidades especiais.	Incluir as crianças nas brincadeiras.
E14	Fisiologia do corpo humano	Executar atividades de lazer com segurança e trazer conteúdos da ginástica para a animação de eventos.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Por fim, trago algumas passagens nas quais os entrevistados tiveram anseio de aprimorar questões relacionados a atendimento ao cliente, negociações e procedimentos burocráticos que chamo de saberes sobre gestão e planejamento. Enquanto a entrevistada E14 aborda um pouco de suas dificuldades em lidar com os clientes no que se refere à questão de fazer orçamento compatível com o custo de seu trabalho e contratos com os clientes.

Outra coisa que eu também eu não sei eu não consigo fechar com o cliente no sentido orçamentário, o valor. Aí eu não consigo medir muito meus valores. Às vezes eu queria ter essa habilidade de ser muito mais articulada com essa questão de valores. Cálculos, custo também. Hoje em dia a gente precisa um pouco de tudo, *né?* Contrato, por exemplo, aprender fazer um contrato bem fechadinho. Às vezes o cliente quer te enrolar. Importante você ter esse lado aí também de trabalhar com contratos (E14).

Por sua vez, a entrevista E7 relata as dificuldades de negociar seus serviços de animação com empresas que não querem pagar o que ela acha justo.

Eu gostaria de desenvolver como é que eu vou trabalhar com as empresas. Trabalhar com empresa complicado, principalmente, na questão também orçamentária. O profissional é muito desvalorizado quando se trata disso. As pessoas não entendem que a gente precisa manter, que a gente precisa emitir nota, que a gente precisa estar em dia com a nossa questão financeira e os nossos compromissos com o governo também porque a gente é um trabalhador autônomo e a gente precisa dar conta disso e para a gente se manter como empresas. A gente precisa também ter o respeito quanto empresa, *né?* Então eles acham que não, que o profissional tem que cobrar o mínimo possível, quando, na verdade, o que eles querem realmente é o lucro (E7).

A entrevistada trouxe a questão do descontentamento profissional que não acontece somente na questão orçamentária. Existe a dificuldade de não conseguir envolver os pais nos eventos de pessoas com maior poder aquisitivo e isso a deixa frustrada, pois ela sabe o quanto é importante o envolvimento intergeracional nas vivências de animação de eventos.

Outra coisa que eu sinto falta também, é dos pais brincando com os filhos nas festas, eu tenho um público muito diversificado de A a Z, e eu ainda percebo que os pais das classes menos favorecidas ainda são aqueles que ainda brincam mais com seus filhos. As festas que eu faço para o público da Classe A, eles sempre pedem para que a gente foque nas crianças que não inclua os pais nas brincadeiras, nas atividades. Geralmente estão bebendo em uma roda de amigos que não veem há muito tempo, são pais muito formais que não costumam brincar de sentar, não gostam de pagar mico.... Então, enfim, eles preferem não interagir. Então eu preciso aprender a lidar com isso, ainda porque, para mim, é bem frustrante *né?* (E7).

O anseio da entrevistada em querer aprender a lidar com suas frustrações profissionais lembrou-me outra característica do animador cultural sugerida Melo e Alves Júnior (2003) que consiste em ter senso crítico para identificar para identificar a ordem da sociedade percebendo como as diferenças sociais podem influenciar o seu trabalho. Stoppa e Isayama (2001) afirmaram o trabalho com animação cultural requer uma construção coletiva do prazer, satisfação e alegria e “isso implica lidar com limites e possibilidades das mais diversas ordens” (p. 94). Buscar novos saberes é, portanto, romper limites em sua trajetória.

Ao serem indagados sobre o seu percurso profissional, em quais lugares trabalham e quais experiências adquiriram nesses locais, os entrevistados compartilharam experiências profissionais diversas nos setores públicos, privados e terceiro setor. As informações foram

tratadas a partir de marcadores como função ocupada, lugar onde trabalhou, e relação da experiência profissional com o trabalho em animação, dessa maneira mapeei as origens dos saberes e mobilizados na atuação. Também identifiquei nas falas dos animadores o que julgam importantes para atuarem na profissão e o que gostariam de aprender para aprimorarem o trabalho. O animador de eventos infantis é, portanto, um sujeito que mobiliza saberes de diversas ordens e experiências variadas ao longo de sua trajetória de vida e profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivos identificar os profissionais que atuam no campo; analisar quais são os saberes e onde foram mobilizados para esta prática profissional; “identificar as trajetórias dos sujeitos a partir do contexto social, bem como grupos de referência, pessoas ou grupos que marcaram essa trajetória e compreender que pessoas, instituições e espaços foram importantes para a construção dos saberes que mobilizam em sua atuação

Os sujeitos que atuam no segmento de animação de eventos infantis foram identificados a partir de pesquisa na internet e do levantamento junto aos profissionais do campo. Totalizam cento e noventa e quatro (194) animadores do Pará, distribuídos nos municípios de Abaetetuba (6), Alenquer (1), Altamira (2), Breves (5), Cametá (5), Capanema (1), Goianésia (1), Parauapebas (3), Portel (1) Santarém (18) e Região Metropolitana de Belém (RMB), que é composta pelos municípios de Ananindeua, Belém, Benevides, Castanhal, Marituba, Santa Bárbara do Pará e Santa Izabel do Pará, onde há 151 profissionais atuam. O foco do estudo foi a capital paraense e as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 15 animadores (as) de eventos infantis atuantes na capital paraense e residentes em sua região urbana concentrada composta pelas cidades vizinhas de Ananindeua, Benevides e Marituba, sendo todos responsáveis pelos seus empreendimentos de animação de eventos.

Sete mulheres e oito homens compuseram o universo pesquisado. No que compete ao tempo de exercício profissional dos participantes há uma variação entre 10 e 38 anos, com média de 18, dedicados à carreira. Sobre a idade dos entrevistados o animador mais jovem possui 30 anos e o mais velho 64, tendo em média 41,2 anos. A síntese da escolaridade se dá da seguinte maneira: um animador possui ensino médio incompleto, quatro têm ensino médio completo; três têm curso técnico em Teatro ou Hotelaria; 6 pessoas têm curso superior completo ou em andamento e com Tecnólogo em Análises e Sistemas; três pessoas com curso superior em Pedagogia em andamento e uma com especialização *lato sensu* em Gestão Escolar.

Após refletirem sobre sua prática profissional, os animadores apontam competências e habilidades ligadas tanto ao domínio de conteúdos quanto à postura profissional necessárias para prática de animação de eventos que este estudo identificou e analisou. Saber envolver as crianças utilizando a brincadeira e a contação de história foi um conhecimento ligado ao domínio de técnicas. Em relação à postura profissional, os animadores afirmam que é necessário buscar atualização profissional (capacitação e aprendizado de novas habilidades não só a brincadeiras - segundo os sujeitos., além de ter conhecimentos sobre gestão e mercado); é

necessário saber se organizar, planejar e ser capaz de se adaptar quando algum imprevisto acontecer no trabalho com animação; saber comunicar-se com as outras pessoas com empatia, dinamismo, educação e carisma; saber atuar; saber ser ético respeitando os compromissos acordados com os clientes; gostar de crianças e saber respeitá-las; saber ter automotivação, ser alegre e animado.

A prática profissional mostrou aos animadores conhecimentos que eles gostariam de possuir, pois julgaram importantes para a sua atuação. Esses saberes foram organizados em três grupos que remetem ao: domínio técnico de linguagens artísticas, formação específica em lazer - educação e relacionados à gestão e planejamento de seus empreendimentos de lazer. Sobre o domínio das linguagens artísticas foi relatado que é importante ao animador saber fazer pintura facial nas crianças e escultura em balões, tocar algum instrumento musical para incrementar as atividades, ter técnicas de respiração para cantar ao vivo, imitar vozes para melhor interagir com a plateia, ter conhecimentos na área do teatro para auxiliar a construção do palhaço e aprimorar demais processos de interpretação, manipular um fantoche, técnicas circenses para incrementar sua programação e dinamizar a interação com a plateia.

Alguns animadores citaram a importância de saberes oriundos de uma formação específica em educação e educação física para prática profissional para melhor trabalhar com crianças em diferentes fases de desenvolvimento, crianças com deficiência e com necessidades especiais, além de conhecimentos sobre o corpo humano para melhor conduzirem a atividade. Por fim, os animadores gostariam de ter conhecimentos para aprimorar o atendimento ao cliente tanto no que tange ao cálculo do orçamento dos serviços como no que se refere a estimular os adultos a brincarem com seus filhos, ou seja, gostariam de aprimorar a gestão e planejamento de seus empreendimentos de animação.

O contexto social, pessoas, grupos e grupos de referência onde se deram as trajetórias dos sujeitos são diversificados. A partir dos relatos dos animadores, identifiquei como elementos constituintes de sua formação: experiências de infância com familiares e amigos com os quais brincavam na rua ou nos quintais; a experiência com práticas culturais como o esporte, a dança e o teatro, que serviram como estímulo para a escolha da área de formação e conteúdos que mobilizam na prática de animação; as experiências profissionais fora do segmento da animação e os momentos de lazer que lhes proporcionaram saberes mobilizados na elaboração de brincadeiras e gestão de seus empreendimentos.

No que corresponde às pessoas identificadas nas trajetórias dos animadores que lhes foram importantes, encontram-se familiares, professores, palestrantes, animadores de televisão,

colegas de profissão em outros segmentos do lazer e outros animadores que lhes ajudaram na elaboração conteúdo de suas animações e no aprimoramento de suas habilidades pessoais de interpretação e de gestão dos trabalhos. Entre os grupos de referência estão coletivos de artistas e os grupos que participaram foram os de práticas culturais como de práticas esportivas, dança e teatro. Alguns animadores citaram que encontros profissionais dos quais participaram, como o Encontro Nacional de Animadores Infantis, que foram úteis para aprimorar o trabalho com animação.

Alguns animadores relatam que aprenderam com animadores mais experientes técnicas de animação e com alguns colegas de trabalho noções de marketing pessoal. Foi citado o papel dos professores, não somente como quem lhes estimulou a exercer o caminho da docência, mas também com ensinamentos de como qualificar a relação com a criança através da ludicidade. Em relação às instituições, há um destaque para as instituições de ensino formal que atuaram com conhecimentos teóricos, que os animadores mobilizam para entender a faixa etária infantil e aprimorar seu trabalho; instituições de educação não formal de ensino de artes, que foram cenário para a iniciação artística nas artes plásticas e cênicas mobilizados no trabalho; e por fim instituições religiosas, que serviram de laboratório para as primeiras atuações dos sujeitos como animadores.

A pesquisa apresentou desafios referentes à operacionalização de conceitos, coleta de dados e análise. No que compete à primeira questão, tive dificuldade de encontrar estudos específicos sobre os animadores de eventos infantis que se incrementassem à literatura trabalhada sobre formação e atuação profissional em lazer e saberes profissionais. Geralmente os estudos existentes investigaram animadores em hotéis, cruzeiros e acampamentos de férias e, embora sejam atividades próximas, apresentam distinções no tipo de intervenção. Além disso, as poucas publicações sobre animadores de eventos infantis que encontrei eram capítulos que introduziam repertórios de atividades.

Pesquisar os animadores de eventos infantis atuantes em Belém requereu-me esforço para viajar para a capital paraense, adequar-me à disponibilidade das pessoas para agendamento e garantir que os locais que escolheram para a reunião não tivessem poluição sonora que comprometesse a transcrição das entrevistas. Havia me planejado de retornar para Belo Horizonte para melhor tratar os dados e utilizar os livros disponíveis nas bibliotecas, porém, em virtude da pandemia de COVID-19, acabei tratando os dados sem um software específico e os livros que acessei foram os que estavam publicados parcialmente na internet, o que acabou limitando a análise.

Novas possibilidades de estudo poderão acontecer a partir da pesquisa que realizei em Belém do Pará, uma delas é analisar a construção de saberes na trajetória de animadores atuantes em cidades de outras mesorregiões do estado do Pará. No município de Cametá (235 km de Belém), por exemplo, quatro de seus cinco animadores de eventos infantis têm curso superior em licenciatura em Pedagogia ou Teatro e é interessante entender as contribuições dos saberes universitários na vida desses profissionais.

Outro cenário que pode ser estudado é o Sudeste Paraense, esta mesorregião é composta por 39 cidades e marcada pela transumância de populações nordestinas e sulistas atraídas por atividades econômicas como a mineração e a agropecuária. E isso acaba se refletindo na diversidade populacional local, dos quatro animadores identificados atuantes nessa mesorregião, dois são oriundos do Maranhão, por exemplo. É interessante entender como a trajetória de vida dessas pessoas pode refletir a história desta mesorregião.

Este estudo apresenta interfaces com outros campos do conhecimento, como as Ciências Sociais, e pode ser aprimorado a partir de outras propostas metodológicas. Um ponto sensível do objeto estudado é o papel dos vínculos comunitários para atuação profissional. As famílias de muitos dos animadores, por exemplo, assumem responsabilidades nos serviços de animação sendo DJs, monitores, dançarinos, secretárias, costureiras e, dessa maneira, concentram a renda advinda da atividade no núcleo familiar. Além disso, a amizade e parceria profissional entre os animadores são elementos constituintes de sua manutenção no mercado e, neste sentido, é interessante estudar as redes profissionais do ponto de vista da produção de capital relacional.

O envolvimento com as igrejas foi outro ponto que apareceu nas falas dos entrevistados e que não me aprofundei neste estudo, pois a reflexão sobre lazer e religião foi restrita aos relatos das primeiras experiências com animação. No entanto, esses sujeitos ainda hoje têm ligação com a Igreja, sobretudo nas celebrações da páscoa, dia das crianças, natal e nas Escolas Bíblicas de Férias (EBF). Ou seja, há um campo analítico sobre a qualificação profissional nesses espaços.

A questão da saúde mental, qualidade do ambiente de trabalho, tempo disponível para o lazer e demais aspectos que influenciam no grau de satisfação dos animadores com a profissão podem ser estudados. Organizar grupos focais com esses profissionais vai fazer com que os mesmos identifiquem problemas que têm em comum e possíveis soluções, sendo um espaço de fortalecimento profissional e esse processo pode gerar conteúdos para estudos temáticos.

No que compete à interface deste estudo com o campo da Comunicação Social, um dado desconhecido que me foi revelado na fala dos entrevistados foi a relação entre os sujeitos

e a televisão. Identifiquei a figura dos animadores infantis na história das TVs Marajoara e Guajará e a difusão da figura dos palhaços na capital paraense. Alecrim da Beira D'Água foi um dos primeiros profissionais responsáveis por conduzir programas para crianças a partir do ano de 1961. Com o passar das décadas e com a popularização do acesso aos aparelhos de televisão, outros palhaços da TV paraense ganharam visibilidade, como Pirulito, Chiclette e Xantilyn.

Muito dessa produção perdeu-se no tempo em virtude da programação das TVs, sobretudo nos primeiros anos de transmissão, serem ao vivo. No entanto, parte do acervo encontra-se hoje no Museu da Imagem e do Som na cidade de Belém e talvez ainda possam ser encontrados registros importantes. Há algumas fitas que estão formato U-matic (anterior a fita VHS) que, em virtude da estrutura técnica do Museu, hoje não podem ser reproduzidas, mas não deixam de ser uma fonte em potencial para estudos sobre a história da programação infantil da televisão paraense.

Por fim, espero que esta pesquisa possa ter contribuído de alguma maneira com os estudos da atuação profissional em lazer no Brasil e seja o estímulo para que outros colegas animadores se inspirem a estudar questões sensíveis à sua categoria profissional.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. O lúdico como dispositivo pedagógico: formação e atuação profissional no campo do lazer. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v.4, n. 3, p. 167-189, jul./set. 2019.
- ALVES, C.; CAPI, A. H. C. Lazer e religião: contextos da atuação de líderes religiosos como mediadores do lazer. **Publ. UEPG Appl. Soc. Sci.**, Ponta Grossa, v. 25, n. 3, p. 328-337, set./dez. 2017.
- ALVES, C.; ISAYAMA, H. F. Considerações sobre o lazer na fase adulta. *In*: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e Recreação: Repertório de atividades por fases da vida**. Campinas: Papirus, 2006, p. 111-114.
- ALVES, G. A “nova informalidade” do mundo do trabalho - aspectos da reforma trabalhista no Brasil. **ComCiência**, [on-line], 9 nov. 2018. Disponível em: tinyurl.com/y9m9n7ga. Acesso em: 20 maio 2020.
- ALVES, W. F. A formação de professores e as teorias do saber docente: contextos, dúvidas e desafios. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n. 2, p. 263-280, mai./ago. 2007.
- AMORIM FILHO, M. L. RAMOS, G. N. S. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de educação física. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, v. 24, n. 2, p. 223-38, 2010.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- ARANHA, A. V. S. **Compreensão dos saberes produzidos e mobilizados no trabalho e sua relação com o currículo: análise dialética de algumas experiências**. São Paulo: Fundação Maurício Grabois; Anita Garibaldi, 2017.
- ARRUDA, L. S. G. **Perfil e trajetória de recreadores: uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho**. 2018. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECREADORES. Sobre. **ABRE**, [on-line], [20--]. Disponível em: tinyurl.com/y6vtt6qy. Acesso em: 30 abr. 2020.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. *Snowball* (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., 2011, Curitiba, **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2011. p 330-341.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: tinyurl.com/y26cabgo. Acesso em: 25 jan. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008**. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Brasília:

Presidência da República, [2008]. Disponível em: tinyurl.com/yd5uvwkt. Acesso em: 20 abr. 2020.

BRASIL. **As metas do Plano Nacional de Cultura**. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Informações Gerais / Cadastro Nacional de Instituições de Educação Superior (Cadastro e-MEC). **Ministério da Educação**, [on-line], [20--]a. Disponível em: tinyurl.com/qtlsymv. Acesso em: 1 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (SISTEC) / Consulta Pública das Escolas e Cursos Técnicos Regulares nos Sistemas de Ensino e Cadastradas no MEC. **Ministério da Educação**, [on-line], [20--]b. Disponível em: tinyurl.com/valzkgg. Acesso em: 1 ago. 2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho. Informações Gerais / Classificação Brasileira de Ocupações. **Ministério do Trabalho**, [on-line], [20--]c. Disponível em: tinyurl.com/qt3lvp7. Acesso em: 11 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Informações Gerais / Plataforma Sucupira. **Plataforma Sucupira**, [on-line], [20--]d. Disponível em: tinyurl.com/t6gp5dw. Acesso em: 1 ago. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. Plano Nacional de Cultura (PNC). **PNC**, [on-line], [20--]e. Disponível em: tinyurl.com/y7fd92a8. Acesso em: 20 maio 2020.

BRASIL. Meta 17 - 20 mil trabalhadores da cultura com saberes reconhecidos e certificados pelo Ministério da Educação (MEC). **PNC**, [on-line], [20--]f. Disponível em: tinyurl.com/ybw2koqd. Acesso em: 20 maio 2020.

BRASIL. Portal do Empreendedor. Estatísticas. **Portal do Empreendedor**, [on-line], 2020. Disponível em: tinyurl.com/qlraomk. Acesso em: 6 maio 2020.

CABRAL, P. T. M.; BAHIA, M. C. Lazer e turismo em parques Zoobotânicos da Amazônia: a importância da atuação profissional em áreas verdes urbanas em Belém, no Estado do Pará. **Lazer & Sociedade**, São Paulo, v. 1, p. 43-61, 2011.

CAPI, A. H. C. **Construção de saberes sobre o lazer nas trajetórias de formadores/as do programa esporte e lazer da cidade (PELC)**. 2016. 247 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CAPI, A. H. C.; ISAYAMA, H. F. Uma análise sobre a trajetória e a formação de formadores do Programa Esporte e Lazer da Cidade (Pelc). **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 12, n. 28, p. 141-164, jan. 2019.

CASTAÑEDA, J. A. S.; MORALES, J. M. R. Narrar a vida: deliberações no campo biográfico. *In*: MARINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E. C (Org.). **Pesquisa narrativa: interface entre história de vida**. Santa Maria: Editora UFSM, 2017. p. 75-97.

CAVALLARI, V. R.; ZACHARIAS, V. **Trabalhando com recreação**. 10 ed. São Paulo: Ícone, 2008.

CORREIA, J. C. Algumas reflexões sobre a importância da formação universitária dos jornalistas. **BOCC**, [on-line], 1998. Disponível em: tinyurl.com/y9onrep6. Acesso em: 20 abr. 2020.

CUNHA, E. R. Saberes docentes ou saberes dos professores. **Revista Cocar**, v.1, n.2, jul-dez. 2007.

DORES, L. A. **Programa BH em férias: os desafios de uma política intersetorial e os saberes dos profissionais**. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FISCHER, N. B.; LOUSADA, V. L. Saber (Erudito/saber popular/saber de experiência). *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Autêntica, 2010. p. 337-338.

FÓRUM NACIONAL DE ENTIDADES METROPOLITANAS. Região metropolitana de Belém (PA). **FNEM**, [on-line], 2020. Disponível em: tinyurl.com/ya2ej3ks. Acesso em: 6 maio 2020.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOMES, C. L. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, C. L. Lazer e formação profissional: Saberes necessários para qualificar o processo formativo. *In*: FORTINI, J. L. M.; GOMES, C. L.; ELIZALDE, R. (Org.). **Desafios e perspectivas da educação para o lazer**. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011. p. 33-46.

GOMES, C. L. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 3 - 20, jan./abr. 2014.

GOMES, C. L. Lazer e produção do conhecimento. **Curso de qualificação para atuação profissional em recreação e lazer**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: SESC-DN, 2019. 1. v.

GOMES, C. L.; ELIZALDE, R.; RIBEIRO, A. C. Pós-graduação em Lazer na América Latina: tensões entre a formação profissional e o mercado de trabalho. **ABET**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2013.

HOLLANDA, H. B. Prefácio. *In*: MELO, V. A. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas: Papirus, 2006. p. 9-11.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cadastro Central de Empresas – CEMPRE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**, [on-line], 2017. Disponível em: tinyurl.com/s3o9zok. Acesso: 27 fev. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Belém – Censo - Sinopse. **IBGE Cidades**, [on-line], 2020a. Disponível em: tinyurl.com/ybt4ra96. Acesso em: 20 maio 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estado – Pará. **IBGE**, [on-line], 2020a. Disponível em: tinyurl.com/y8n2clde. Acesso em: 20 maio 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Conheça o Brasil – População. Educação. **IBGE Educa**, [on-line], 2020c. Disponível em: tinyurl.com/yccpwywe. Acesso em: 20 maio 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema de informações e indicadores culturais: 2007-2018**. Rio de Janeiro IBGE, 2019.

ISAYAMA, H. F. A formação profissional no âmbito do lazer: desafios e perspectivas. *In*: ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas: Papirus, 2010, p. 9-25.

- ISAYAMA, H. F. O profissional do lazer. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 23. p. 37-62, set./dez. 2013.
- ISAYAMA, H. F.; GOMES, C. L. Lazer e as fases da vida. *In*: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e sociedade: múltiplas relações**. Campinas: Alínea, 2008, p. 155-174.
- KOSINSKI, A; LISBOA, P. Os saberes e desafios da profissão de *chef de cuisine*. *In*: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUASSU, 9., 2015, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: Unila, 2015.
- LAVE, J. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015.
- LINKEDIN. Por que e como as pessoas mudam de emprego. **LinkedIn**, [on-line], 2015. Disponível em: tinyurl.com/ya97fynv. Acesso em: 20 maio 2020.
- MALUF, A. C. M. Reflexões sobre a formação do pedagogo e sua vivência lúdica. *In*: MALUF, A. C. M. (Org.). **Brincar: prazer e aprendizado**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 11-14.
- MARCELLINO, N. C. O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/atuação profissional. **Licere**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 125-133, 2000.
- MARCELLINO, N. C. Apontamentos para a elaboração de um repositório de atividades de recreação e lazer por diferentes fases da vida. *In*: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e recreação: repertório por fases da vida**. Campinas: Papirus, 2006a. p. 9-14.
- MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2006b.
- MARCELLINO, N. C. Introdução - apontamentos para a elaboração de um repertório de atividades de recreação e lazer por ambientes *In*: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e recreação: repertório de atividades por ambientes: acampamentos de férias, brinquedotecas, clubes, colônias de férias ambientes escolares, festas, meio ambiente, meio aquático, quadras esportivas e comunidades**. Campinas: Papirus, 2007. p. 10-21.
- MAUÉS, M. S. M. **Palhaços Trovadores: uma história cheia de graça**. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- MELO, E. M.; ALVES, V. F. N. **Animador de festas: quem é esse sujeito**. 2001. 34 f. Monografia (Especialização em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- MELO, V. A. Animação cultural. *In*: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 12-15.
- MELO, V. A. M. A formação cultural do animador cultural: antigas reflexões, persistências, continuidades. *In*: ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas: Papirus, 2010, p. 158-177.
- MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. 1 ed. Barueri, SP: Manole, 2003.
- MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. 2 ed. São Paulo: Manole, 2012.
- MELO, V. A.; MARCELLINO, N. C.; ISAYAMA, H. F.; ALVES JUNIOR, E. D. A Animação Sociocultural no Brasil: um panorama. *In*: VENTOSA, V. J. (Coord.). **Ámbitos iberoamericanos de animación sociocultural: experiencias, trayectorias y desafios**. Madrid: Editorial CCL, 2008. p. 43-76.

- MENDES, L. A. S. **A urbanização metropolitana estendida: aspectos da produção do espaço de Belém e de sua região.** 2018. 320 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- NEGRINE, A. Brinquedoteca: teoria e prática – Dilemas da formação do brinquedista. *In*: SANTOS, S. M. P. (Org.). **Brinquedoteca, o lúdico em diferentes contextos: prazer e aprendizado.** 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 83-95.
- NERY, C. Desemprego aumenta em 12 estados no primeiro trimestre. **IBGE Notícias**, [on-line], 15 maio 2020. Disponível em: tinyurl.com/y8l22cd6. Acesso em: 20 maio 2020.
- PARÁ. Fundação Cultural do Pará. Oficinas Curro Velho. **FCT**, [on-line], [20--]. Disponível em: tinyurl.com/y8w339qf. Acesso em: 20 maio 2020.
- PEREIRA, F. Os saberes profissionais técnicos em associações e cooperativas agrária. *In*: CARIA, T. (Org.). **Saber Profissional.** Coimbra: Almedina, 2010. p. 141-165.
- PEREIRA, F.; CARIA, T. Saberes profissionais e trabalho profissional do gerontólogo. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, n. 2, v. 1, p. 81-89, 2014.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes. *In*: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-34.
- PIMENTEL, G. G. A. **Lazer: fundamentos, estratégias e atuação profissional.** Maringá: Bertoni, 2003.
- PINTO, M. G. G. O Lugar da Prática pedagógica e dos saberes docentes na Formação de Professores. **Acta Scientiarum: Educação**, v. 32, n. 1, p. 111-117, jan./jun. 2010.
- PRADO, G. V. T.; MORAIS, J. F. S.; ARAÚJO, M. S. Processos de (auto) formação docente no cotidiano da Escola: horizontes de possibilidades. **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v. 11, n. 24, p. 53-67, jul./dez. 2011.
- PRONI, M. W. Mercado de Trabalho. *In*: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 158-161.
- RAYMOND, D.; TARDIF, M. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244, 2000.
- RIBEIRO, O. C. F.; MONTANARI, F. L. **Lazer em cruzeiros marítimos.** Várzea Paulista: Fortuna, 2012.
- SALÁRIO. Recreador - Salário 2020 e Mercado de Trabalho / Pesquisa de cargos e salários gratuita. **Salário**, [on-line], 2020. Disponível em: tinyurl.com/uj8456m. Acesso em: 1 abr. 2020.
- SANTOS, C. A. N. L. **O currículo dos cursos técnicos de lazer no Brasil: um estudo de caso da formação profissional.** 135 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- SANTOS, C. A. N. L. **Formação e atuação profissional: um estudo comparativo com egressos do curso técnico em lazer do IFMA e de curso de graduação em lazer e turismo da EACH/USP.** 2018. 177 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- SANTOS, M. Lazer popular e geração de empregos. *In*: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO; WORLD LEISURE AND RECREATION ASSOCIATION (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada.** São Paulo: SESC; WLRA, 2000. p. 31-37.

- SILVA, A. G. **Trajetórias e construção do saber docente de professores universitários no campo do lazer**. 2010. 121 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- SILVA, G. S. C. **Acampamentos de férias e lazer: uma análise de currículos de formação profissional**. 2016, 134 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- SOLÉ, M. B. **O jogo infantil: organização das ludotecas**. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1992.
- STEBBINS, R. A. Quando o Trabalho é Essencialmente Lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 42-56, jan./abr. 2014.
- STOPPA, E. A. **Lazer nos acampamentos de férias: uma análise da ação dos animadores socio-culturais**. 1998. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- STOPPA, E. A.; Acampamento. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 7-12.
- STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. (Org.). Lazer e empresa: a questão do lazer dos profissionais do lazer. In: MARCELLINO, N. C. **Lazer & empresa: Múltiplos olhares**. Campinas: Papirus, 1999. p. 163-175.
- STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. Lazer, Mercado de Trabalho e Atuação Profissional. In: WERNECK, C. L. G.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. **Lazer e Mercado**. Campinas: Papirus, 2001. p. 71-100.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 13, p. 5-24, 2000.
- UNGHERI, B. O. **A atuação profissional em políticas públicas de esporte e lazer: saberes e competências**. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- UNGHERI, B. O.; ISAYAMA, H. F. Os saberes e a formação profissional em lazer: uma análise no campo das políticas públicas. **Rev. Bras. Estud. Pedagog**, v. 98, n. 249, p. 389-409, ago. 2017.
- UNITED STATES. Bureau of Labor Statistics. Recreation Workers. **U. S. Bureau of Labor Statistics**, [on-line], 4 set. 2019. Disponível em: tinyurl.com/r5hhxsw. Acesso: 1 mar. 2020.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. ESCOLA DE TEATRO E DANÇA. [Ementa da disciplina ETDUF0179 – PALHAÇARIA]. [S. l.: s. n.], [20--].
- UVINHA, R. R. Formação profissional em turismo e suas interfaces com o lazer. In: ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas: Papirus, 2010. p. 163-184.
- UVINHA, R. R.; SANTOS, R. F. dos. O trabalho informal e seus reflexos no âmbito do lazer. **Revista de Humanidades**, Fortaleza, v. 28, n. 2, p. 335-354, jul./dez. 2013.
- WORLD ECONOMIC FORUM. Jobs of tomorrow mapping opportunity in the new economy. **World Economic Forum**, [on-line], 2020. Disponível em: tinyurl.com/tzcy84. Acesso em: 1 fev. 2020.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**PESQUISA: A CONSTRUÇÃO DE SABERES NA TRAJETÓRIA DE ANIMADORES DE EVENTOS INFANTIS EM BELÉM DO PARÁ.**

Prezado (a) Voluntário (a),

É com grande prazer que o (a) convidamos a participar da pesquisa “A construção de saberes na trajetória dos animadores infantis em Belém do Pará”, do mestrando Adrielson Acácio de Lima Barbosa e coordenada pelo pesquisador responsável Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama, ambos do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa tem o objetivo de investigar como se constituiu a construção dos saberes dos animadores de eventos infantis atuantes em Belém do Pará ao longo de suas trajetórias. Para tal, é necessário: identificar os profissionais que atuam no campo; entender quais são os saberes mobilizados para esta prática profissional; identificar o contexto social em que se dá a trajetória, bem como grupos de referência, pessoas ou grupos que marcaram essa trajetória; compreender que pessoas, instituições e espaços foram importantes para a construção dos saberes que mobilizam em sua atuação. Entendemos que este estudo poderá contribuir para o aprofundamento de conhecimentos sobre o tema da construção de saberes na trajetória dos animadores de eventos infantis sendo fonte de consulta profissionais de lazer, professores ou quaisquer pessoas interessadas nesta temática. Além disso, esta pesquisa poderá enriquecer o debate sobre formação e atuação profissional em lazer na Região Norte do Brasil. Para a coleta de dados utilizaremos entrevistas semiestruturadas com os animadores de eventos infantis atuantes na cidade de Belém do Pará - PA. As entrevistas serão gravadas, transcritas e analisadas para fins desse estudo como fonte de informações. As gravações das entrevistas serão arquivadas no Oricolé – Laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer da UFMG por um período de cinco anos. As entrevistas têm previsão de duração de 30 a 60 minutos e serão realizadas pessoalmente pelo mestrando pesquisador que irá ao seu encontro, no local que você indicar para a realização da mesma. Comprometemo-nos a garantir o anonimato e o sigilo absoluto no tratamento das informações que só serão disponibilizadas para os envolvidos nessa pesquisa. Os entrevistados serão identificados apenas por um número ou nome fictício e suas identidades não serão reveladas publicamente.

Assim esclarecemos que podemos previamente prever os riscos de exposição e consequente desconforto do voluntário resultantes do processo de entrevista, dessa forma você

Rubrica: _____

deve ficar à vontade para participar da pesquisa. Esclarecemos que todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade do mestrando, não havendo qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários. Asseguramos total liberdade aos participantes que poderão recusar a participar ou mesmo retirar seu consentimento sem qualquer tipo de ônus para ambas as partes envolvidas (pesquisado e pesquisador). Após a análise dos dados os resultados da pesquisa serão divulgados somente no meio acadêmico (congressos, seminários, periódicos). Assumimos o dever de tornar público o resultado desta pesquisa e reiteramos nossa disponibilidade na prestação de esclarecimentos, em qualquer etapa do estudo. Disponibilizamos-nos por meio do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Oricolé – laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte - MG, (31) 3409-2337 e divulgamos os dados do Comitê de Ética da UFMG (COEP) para esclarecimentos estritamente relacionados às dúvidas de ordem ética: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - telefone (31) 3409-4592. E com os endereços eletrônicos: Adrielson Acácio de Lima Barbosa – acacioeducom@gmail.com e Hélder F. Isayama – helderisayama@yahoo.com.br.

O Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) segue em duas vias, sendo uma via para você (entrevistado (a) voluntário(a)) e uma via para o pesquisador. Assim, se você entendeu a proposta da pesquisa e concorda em ser voluntário(a) favor assinar o protocolo abaixo dando o seu consentimento formal.

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

_____, _____ de _____ de 2019.

Adrielson Acácio de Lima Barbosa Hélder Ferreira Isayama
Mestrando em Estudos do Lazer Orientador da Pesquisa

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Data da Entrevista:

1. Nome completo:
2. Sexo: feminino
3. Data de nascimento:
4. Estado civil:
5. Nome de sua empresa ou codinome da personagem:
6. Plataformas virtuais de divulgação e portfólio do trabalho (Facebook, Instagram, site etc.):
7. Descreva sua trajetória – infância, juventude, formação escolar básica, lazer, esporte, atividades artísticas - até a escolha de sua área de formação e atuação profissional?
8. Descreva a sua trajetória de formação profissional.
9. Quando e como foi o processo de entrada no campo da animação? Por quais motivos entrou para este campo de atuação?
10. Levando em consideração seu percurso profissional, em quais lugares trabalhou e quais experiências adquiriu nesses locais?
11. Quais pessoas, grupos e ou momentos, em sua opinião, marcaram a sua trajetória profissional? Qual a contribuição desses grupos, pessoas e ou momentos para sua formação e atuação profissional?
12. De que maneira os saberes mobilizados por (cursos, associação, projetos, programas, lazer, trabalho) tem contribuído com a sua atuação profissional?
13. De que maneira suas experiências pessoais de lazer contribuem com a sua formação e atuação profissional no campo do lazer?
14. Quais competências e habilidades você considera importantes para atuar como animador(a)?
15. Você sente falta de algum tipo de conhecimento que julga necessário para sua atuação profissional?
16. Você gostaria de fazer mais alguma consideração? (Algo que não foi contemplado e que você considera importante).